

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**

DISSERTAÇÃO

**“RAPAZES DA ROÇA” NA “CIDADE GRANDE”:
TRABALHO, SOCIABILIDADE E PROJETOS**

EDUARDO NUNES LEITE ROSAS

2006



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

**“RAPAZES DA ROÇA” NA “CIDADE GRANDE”: TRABALHO,
SOCIABILIDADE E PROJETOS**

EDUARDO NUNES LEITE ROSAS

Sob a Orientação da Professora
Maria José Teixeira Carneiro

Dissertação submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
Mestre de Ciências Sociais em
Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade.

Rio de Janeiro, RJ
Agosto de 2006

305.31	Rosas, Eduardo Nunes Leite
R789r	"Rapazes da roça" na "cidade grande" :
T	trabalho, sociabilidade e projetos / Eduardo Nunes Leite Rosas. - 2006. 92 f. : il.
	 Orientador: Maria José Teixeira Carneiro.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais.
	Bibliografia: f. 89-92.
	 1. Jovem rural - Rio de Janeiro - Teses. 2. Jovem rural - Marataizes [ES] - Teses. 3. Jovem rural - Relação rural urbano - Teses. 4. Abacaxi - Cultura - Marataizes [ES]. I. Carneiro, Maria José Teixeira. II. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA
E SOCIEDADE**

EDUARDO NUNES LEITE ROSAS

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.**

DISSERTAÇÃO APROVADA EM **28/ 08 / 2006**

Maria José Teixeira Carneiro. Dra. CPDA/UFRRJ
(Orientadora)

Regina Celia Reyes Novaes. Dra. Secretaria Nacional de Juventude
da Secretaria-Geral da Presidência da República

John Cunha Comerford. Dr. CPDA/UFRRJ

*Por que se chamava moço também se chamava estrada
Viagem de ventania
Nem se lembra se olhou pra trás
Ao primeiro passo, aço, aço...*

*Por que se chamava homem também se chamavam sonhos
E sonhos não envelhecem
Em meio a tantos gases lacrimogêneos
Ficam calmos, calmos
E lá se vai mais um dia
E basta contar compasso e basta contar consigo
Que a chama não tem pavio, de tudo se faz canção
E o coração na curva de um rio, rio...*

*E o Rio de asfalto e gente entorna pelas ladeiras
Entope o meio fio, esquina mais de um milhão
Quero ver então a gente, gente, gente ...*

Milton Nascimento - Lô Borges - M.Borges

Aos que, como os tempos, não param...
de ver gente passar e passam...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos que me acompanham, alguns sem ainda saber, na jornada que denominamos, simplesmente, de vida, me lembrando que da vida eu não sei nada além de viver.

Aos meus pais José Pio (*in memoriam*) e Ilse Maria, por serem o meu porto seguro, onde a experiência da vida é repassada não somente em palavras mas também em exemplos.

Aos meus irmãos Alexandre e Christina, e suas famílias.

Ao meu padrasto Paulo.

À minha orientadora Maria José pelo incentivo, pela compreensão e por orientações que extrapolaram as ‘coisas’ da dissertação.

Aos colegas, professores e funcionários do CPDA, que tornaram o ambiente o melhor possível.

À todos meus amigos e familiares.

À CAPES, pelo fundamental apoio.

RESUMO

ROSAS, Eduardo Nunes Leite. **“Rapazes da roça” na “cidade grande”: trabalho, sociabilidade e projetos**. 2006. 92 p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2006.

Esta dissertação teve como fundamento o estudo do universo social dos jovens vendedores de abacaxi oriundos de Marataizes/ES que vem “trabalhar” nas ruas do Rio de Janeiro e passam a integrar vivências rurais e urbanas através de deslocamentos constantes entre a “roça”, seu local de origem e a “cidade-grande”, onde realizam as vendas. Enfim, este trabalho propõe-se a pensar a condição dos jovens vendedores de abacaxi como articuladores de uma ruralidade que imbrica rural e urbano sem que seja refutada a identidade original, de rapazes da roça. Ao contrário, sustento que ocorre uma construção desta identidade num processo que funda e sustenta a possibilidade de resgatá-la e potencializá-la, quando muitos a pensam em um processo de supressão ou desestruturação.

Palavras-chave: Juventude, família, trabalho, ruralidades.

ABSTRACT

ROSAS, Eduardo Nunes Leite. **"Youngsters of roça" in the "great city": work, sociability and projects.** 2006. 92 p. Dissertation (Master Science of Social Science in Development, Agriculture and Society). Institute of Sciences Human and Social. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2006.

This dissertation had as bedding the study of the social universe of the young deriving salesmen of pineapple of Marataízes/ES that comes "to work" in the streets of Rio De Janeiro and starts to integrate agricultural and urban experiences through constant displacements between "roça", its local of origin and the "city-great one", where they carry through vendas. At last, this work is considered to think the condition to it of the young salesmen of pineapple as articuladores of a ruralidade that imbrica agricultural and urban without that the original identity is refuted, of youngsters of roça. In contrast, sustenance that occurs a construction of this identity in a process that establishes and supports the possibility of rescues it and potencializa it, when many thinks about a process of suppression or desestruturação to it.

KEY-WORDS: Youth, family, work, ruralidades.

LISTA DE FIGURAS

FOTO 1 – CAMINHÃO NO LARGO DO MACHADO COM JOVEM ARRUMANDO OS FRUTOS NA CARROCERIA.....	9
FOTO 2 – LOCAIS POR ONDE ACOMPANHEI OS VENDEDORES DE FRUTOS.....	11
FOTO 3 – CARRINHO DE MÃO NUMA ESQUINA DO BAIRRO CATETE.....	12
FOTO 4 – ABACAXIS DISPOSTOS NO CARRINHO DE MÃO.....	12
FOTO 5 – ABACAXI CORTADO PARA SER VENDIDO GELADO NO PALITO.....	25
FOTO 6 – COMBINAÇÃO DE OUTROS FRUTOS COM O ABACAXI PARA DIVERSIFICAR A VENDA	26
FOTO 7 – CAMINHÃO DE MENOR PORTE, ESTACIONADO AO LADO DO MUSEU DA REPÚBLICA, NO CATETE.....	29
FOTO 8 – CAMINHÃO EM MARATAIZES, CARREGADO DE PIAS DE PEDRA. O MESMO CAMINHÃO NA SAFRA ALTA É CARREGADO COM ABACAXIS	30
FOTO 9 – INTERIOR DA CARROCERIA DE UM CAMINHÃO, ONDE OS JOVENS COSTUMAM VIAJAR E DORMIR.....	35
FOTO 10 - MUNICÍPIO DE MARATAIZES	40
FOTO 11 – PORTO CENTRAL, AONDE CHEGAM OS BARCOS CARREGADOS DE PESCADO.....	41
FOTO 12 – LAVOURA DE ABACAXI EM LAGOA FUNDA, MARATAIZES	42
FOTO 13 – REGIÃO DAS LAGOAS.....	43
FOTO 14 – CAMPO DE FUTEBOL DE LAGOA DANTAS.....	46
FOTO 15 – PLANTAÇÃO DE MANDIOCA A BEIRA DA ESTRADA.	49
FOTO 16 - LAGOA FUNDA.....	66
FOTO 17 - LAGOA DANTAS	67
FOTO 18 - LAGOA DO SIRI	68

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - VIVÊNCIAS E ARTICULAÇÕES DE JOVENS ‘RURAIS’ NO RIO DE JANEIRO	5
1.1. Paisagem Urbana: Primeiras Aproximações	5
1.2. Vislumbrar os ‘Rapazes da Roça’ Num Turbilhão de Urbanidade	8
1.3. Migração, Mobilidade ou Deslocamento?	14
1.4. Jovens “Da Roça” no Trabalho e na sua Sociabilidade na Cidade Grande	18
1.4.1. A condição juvenil do interior na “cidade grande”	18
1.4.2. Medos e alegrias	22
1.5. Trabalho: O Sentido do Precário e do Provisório Aparentes	23
1.5.1. Organização dos grupos de trabalho	24
1.5.2. Quem são e como se distribuem nos grupos e na cidade?	30
1.5.3. Quais os espaços que ocupam?	32
1.5.4. Com quem se relacionam? Como são vistos?	35
CAPÍTULO 2 - OS LAÇOS DE VIDA EM MARATAIZES, PARTIDAS E CHEGADAS	39
2.1. Marataizes: Uma Aproximação Geo-Histórica	39
2.2. A Cultura do Abacaxi	47
2.3. Organização do Trabalho na Roça	51
2.4. Produção e Comercialização	52
2.5. Sair para Comercializar e Ficar na Lavoura	53
2.6. Família, Comunidade e Propriedade: Projetos Individuais e Interesses Coletivos	56
CAPÍTULO 3 - INDO PARA AONDE AFINAL? IMAGENS DA CIDADE E DA ROÇA	71
3.1. Ruralidade	71
3.2. Valorização do Rural a Partir da Vivência’ do Urbano	73
3.3. Impacto da Mobilidade na Percepção dos Jovens: “A Cidade Grande” e a “Roça”	76
3.4. A “Cidade-Grande” no Projeto de Permanência na “Roça”	78
CONCLUSÃO	87
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	89

INTRODUÇÃO

Nesse trabalho versarei sobre jovens de origem rural que realizam comercialização de frutos diversos, prioridade para o abacaxi, pelas ruas do Rio de Janeiro buscando compreender o universo social destes que integram vivências rurais e urbanas através de deslocamentos constantes entre seu local de origem, Marataizes, e a “cidade grande”, onde realizam as vendas. Enfim, neste trabalho proponho-me a pensar a condição dos jovens vendedores de abacaxi como articuladores de uma ruralidade que imbrica rural e urbano sem que seja refutada a identidade original, de rapazes “da roça”. Ao contrário, argumento que ocorre uma construção desta identidade num processo que funda e sustenta a possibilidade de resgatá-la e potencializá-la, quando muitos a pensam em um processo de supressão ou desestruturação. Os trabalhos sobre jovens rurais têm situado a saída do jovem do meio rural para o urbano, principalmente para trabalhar, como uma situação de êxodo rural e migração rural-urbana ou como um fator de desgaste da identidade de origem. O jovem sairia por não encontrar no rural as condições de permanecer. No que se refere ao mercado e as condições de trabalho, não haveria terra para trabalhar, não haveria trabalho e, quando esse existe, as condições de trabalho são duras e refutadas pela geração mais jovem. A opção natural seria a saída para a cidade.

Numa condição peculiar de “saída” para a cidade grande se encontram os jovens focados na presente pesquisa. Uma condição de mobilidade e precariedade nas condições de trabalho nas ruas e esquinas do Rio de Janeiro e condições sócio-econômicas diferenciais na origem, alguns com melhores condições para acessar esse trabalho que os outros.

Nas ruas dessa “cidade grande” os rapazes vivem novas condições de inserção pelo, e no, trabalho. Eles passam a ter contato com diferentes atores e situações, o que os diferencia em suas localidades de origem, também. Submetidos a um precário ambiente de trabalho, relacionam-se desde com amigos de infância até com clientes que comprem somente umas poucas vezes seu produto, estabelecendo práticas que podem ser ordenadas através do espaço e do tempo característicos deste caso específico e que conformam uma nova forma de viver a ruralidade.

A vivência da ruralidade em distintos espaços e acessando distintas nuances me surpreende e inquieta. Na minha trajetória acadêmica a mobilidade é uma constante e me alça à situações sempre novas. Enquanto aluno do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tive a oportunidade de trabalhar no campo da Sociologia Rural com a professora doutora Anita Brumer, participando durante o período de 1999 a 2003 no projeto *Agricultura Familiar e Fruticultura*, do Grupo de Pesquisa Estruturas e Processos Sociais Agrários, daquela Universidade. Dois trabalhos realizados por mim neste período acabaram por fomentar um maior interesse pelas discussões e questões da família rural, principalmente no que se refere às relações intergeracionais. O primeiro dos trabalhos discorria acerca da juventude rural e sua participação na divisão do trabalho dentro das unidades produtivas em duas regiões do Estado do Rio Grande do Sul (Vale do Caí, com produtores de citros, e Litoral Norte, com produtores de abacaxi) e foi apresentado no X Congresso Mundial de Sociologia Rural (IRSA) realizado no Rio de Janeiro no ano de 2000, tendo como título *Juventude Rural: divisão do trabalho nas unidades produtivas* e o segundo tinha como foco principal à “outra ponta da família rural”, a dita “geração dos pais ou avós” (em contraponto à juventude), sendo monografia de final de curso, realizada e apresentada no ano de 2003, intitulada: *Aposentadoria Rural e Gênero: um estudo sobre os impactos da aposentadoria rural na vida dos(as) beneficiários(as)*, no estado do Rio Grande do Sul. Já ao optar pelo CPDA/UFRRJ, e continuar com pesquisas na área da Sociologia Rural (agora num

curso multidisciplinar) elaborei um projeto pensando em continuar meus estudos tendo como universo a agricultura familiar e a fruticultura, realizando pesquisas com os produtores de abacaxi do Litoral Norte do Rio Grande do Sul durante o mestrado, projeto este que não foi seguido à risca, mas sim modificado, como veremos.

Ao chegar ao curso, e ao Rio de Janeiro, descobri minha condição de estrangeiro, muitas situações de estranhamento me lembravam que eu estava de passagem, mas não estava sozinho. Na nova situação de estudante (de pós-graduação), com novos desafios e em ambiente desconhecido, busquei me adaptar. E uma das formas de adaptação era observar a cidade e as pessoas ao caminhar pelas ruas. Foi justo esse olhar e esse caminhar que me aproximou dos jovens de Marataizes. A priori mergulhados na paisagem da cidade, saltaram-me aos olhos e então passei a vislumbrá-los como ícones de uma ruralidade num ambiente tido, a priori, como de urbanidade. Incentivado por minha orientadora busquei os primeiros contatos e obtive sucesso ao perceber a possibilidade de realizar um trabalho com esses rapazes. As primeiras aproximações se deram em agosto de 2004 e se prolongaram até meados de junho de 2006. No princípio realizei conversas informais que buscassem me desvelar os rapazes das esquinas (Quem eram? De onde vinham? Onde ficavam? etc.), após essa aproximação apliquei entrevistas mais formais, com roteiro e estrutura, mas sempre permeando as mesmas com conversas informais. Nesse processo de aproximação a dificuldade foi grande, muito em virtude do não conhecimento do local de origem deles (eu não conhecia Marataizes) e do medo que os mesmos têm da fiscalização da prefeitura (afinal, eles trabalham num comércio tido como informal e ilegal). Percebendo essa dificuldade realizei minha primeira viagem à Marataizes no final de 2004. Essa viagem me aproximou mais dos jovens e fez com que eu realizasse a pesquisa de campo em dois flancos: as ruas do Rio de Janeiro (onde os acompanhava) e as localidades de Marataizes de onde os rapazes eram oriundos (onde os visitava e conversava com familiares e vizinhos). Tive a oportunidade de ir a Marataizes mais três vezes (permanecendo mais ou menos duas semanas em cada viagem), sendo que a mais recente foi realizada com um grupo de rapazes na carroceria do caminhão. A condição de mobilidade me aproximava a eles num processo de entendimento e valorização mútua.

Para esse trabalho, e em constante deslocamento, busco perceber o próprio olhar desses jovens sobre o cotidiano, os caminhos, os lugares e as relações com os transeuntes, tendo como apoio a proposição de Bourdieu quando este me sugere que as inquietações dos jovens e suas preocupações não poderiam ser percebidas a priori. Boudieu (1989) ressalta que uma boa forma de tratar os problemas teóricos e práticos da pesquisa é percorrer os caminhos trilhados entre o pesquisador e os informantes, tendo sempre presente que qualquer referência a procedimentos de pesquisa não esgota as estratégias infinitas da prática de pesquisa.

No entusiasmo de percorrer caminhos e fazer pesquisa, decidi caminhar ‘na pesquisa’. Ao caminhar, “encontrei” esses rapazes pelas ruas da Zona Sul do Rio de Janeiro. De uma primeira indicação e do começo das conversas até a presente data tive a oportunidade de conversar-acompanhar mais de 30 (trinta) jovens. O acesso a estes fomentou e, concomitantemente, passou a balizar minhas expectativas e perspectivas referidas a este estudo.

Os jovens que acompanhei costumam vender seus frutos na área que vai do Catete até a praia do Leblon, circulando pelas ruas ou parados nas esquinas durante o dia, num processo desgastante. Por isso, foi muitas vezes colocado que o espaço onde eles se sentem à vontade é o do caminhão, quando estão em deslocamento ou estacionados para dormir, e de uma pensão no Catete, onde costumam tomar banho e jantar, momentos em que estão todos reunidos. Nestes momentos eles reforçam os laços que os sustentam e os fortalecem a ponto de encarar a jornada de trabalho no dia seguinte. Nesta sociabilidade e enquanto jovens, sentem-se unidos e fazendo parte de algo maior. São “rapazes da roça” que vendem abacaxi pelas ruas e

esquinas e são os que retornam para Marataizes após encarar os desafios e as privações na cidade grande, num rito de passagem que delimita e reforça sua condição de aptos ao trabalho e a pensar um projeto de vida.

O trabalho está dividido da seguinte forma.

No primeiro capítulo, descrevo o cotidiano dos jovens vendedores de abacaxi na cidade do Rio de Janeiro. Isto foi feito no intuito de perceber como a socialização deles, jovens oriundos do “interior”, se dá como grupo e, devido a isso, possibilita que as dificuldades do dia-a-dia sejam superadas. Essas dificuldades vão desde a falta de condições mínimas de trabalho até dificuldades com a fiscalização no Rio de Janeiro. O cotidiano de uma grande metrópole é marcado por múltiplos estímulos. Quem está imerso por muito tempo apreende os signos e passa a ler a realidade a partir daqueles signos, muitas vezes sem buscar a leitura a partir de novos referenciais. O que temos é que, em tempos de mudança ao viver o dia a dia, na busca da sobrevivência, muitas vezes, somos levados a mergulhar no desconhecido. Experimentando novos estímulos. Estímulos sobrepostos, inclusive, aos quais somos expostos e reagimos. De modo a operacionalizar a leitura, busco dirigir o olhar para os jovens que comercializam frutos, principalmente o abacaxi produzido em Marataizes e ficam pelas esquinas do Rio de Janeiro. Estes jovens experimentam o Rio de Janeiro em grupos, por isso pensar-se-á a condição juvenil destes e como sua juventude parece ser fomentadora de uma sociabilidade que suplanta as precariedades cotidianas encontradas no universo de trabalho vivido por eles.

No segundo capítulo, procuro discutir os principais aspectos sociais envolvidos na opção de diversas famílias pelo trabalho com a cultura do abacaxi focando a origem e a formação das comunidades e o reflexo dessa formação nos grupos de trabalho para a produção e a comercialização do fruto. Buscar-se-á, nessa perspectiva, compreender como diferentes formas de vivenciar o espaço, suas potencialidades e as posições ocupadas pelos agentes interferem nas composições e articulações possibilitando a saída e o retorno dos jovens que comercializam frutos nas ruas e esquinas das grandes cidades. Faço isso, tendo como cenário as três comunidades rurais de Marataizes/ES que são o local de residência da maioria dos jovens comerciantes, lançando luz principalmente sobre os laços que parecem sustentar e dinamizar as redes sociais que têm origem nessas comunidades e que têm tornado possível conjugar presença-ausência de forma concomitante numa constante mobilidade e balanço das situações vividas e dos esforços dispendidos.

O que sustento nesse capítulo é que as relações de vizinhança e parentesco (perpassadas fortemente pela afetividade e vivenciadas nessas pequenas comunidades) parecem balizar efetivamente todos os construtos sociais (história, organização geográfica e econômica) a partir dos quais se alicerçam as opções por parte dessa parcela da juventude e de suas famílias. Para ter sucesso em tal empresa buscamos organizar o capítulo da seguinte forma: um panorama geral sobre o município de Marataizes, uma visão mais detalhada sobre as três comunidades estudadas, a organização familiar, externa e interna de modo a ressaltar sua formação e a conformação. Faz-se isso tendo em vista a organização da produção e da comercialização, para que seja possível perceber o reflexo da mobilidade dos vendedores, num cíclico sair-ficar-voltar-ficar-sair, no cotidiano desses e de suas famílias e a disposição para lidar com o vai-e-vem dos jovens que comercializam os frutos.

E, no terceiro capítulo, explico o impacto das imagens que esses jovens passam a ter sobre a cidade e o “interior” através dos processos de deslocamento (ir e vir), tendo como lente analítica a noção de ruralidade como conjugação do rural e do urbano no imaginário dos mesmos, para poder perceber como se conformam e onde são pensados como realizáveis os projetos desses jovens. Buscarei essa aproximação tendo ciência de que a fluidez na intersecção do meio rural e do meio urbano é terreno profícuo para esquadrihar as nuances diferenciadas da dita atração dos jovens rurais pelo urbano, suas vantagens (mais trabalho?

mais diversão? mais liberdade? mais e melhor futuro?) e desvantagens (dificuldade de conseguir emprego, devido as maiores exigências do mercado de trabalho e maior disputa pelas vagas; distância da família; etc.).

Enfim, a dissertação procura percorrer o caminho que fiz na pesquisa, saindo do Rio de Janeiro, indo a Marataizes, com constantes idas e vindas, e pensando sobre a influência dessa vivência na articulação e realização de projetos de vida.

CAPÍTULO I

VIVÊNCIAS E ARTICULAÇÕES DE JOVENS DE ORIGEM RURAL NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

*“Saber orientar-se numa cidade não significa muito.
No entanto, perder-se numa cidade,
como alguém se perde numa floresta,
requer instrução.”*

W. Benjamim

Neste capítulo busco perceber como os jovens vendedores de abacaxi vivenciam o cotidiano no Rio de Janeiro durante o período em que nesta cidade permanecem. Isto será feito no intuito de perceber como sua socialização se dá, como jovens oriundos do interior numa “cidade grande”, e como suas articulações¹, como grupo, possibilitam que as dificuldades do dia-a-dia sejam superadas.

1.1. Paisagem Urbana: Primeiras Aproximações

No nosso cotidiano, muitas vezes somos levados à mergulhar no desconhecido, experimentando novos estímulos e reagindo a estes, independente de onde estamos. Numa avenida movimentada ou numa praia deserta teremos estímulos, sendo esses espaços socialmente construídos pelo homem ou não. A liberdade do pensar sobre o que se vivencia nos faz reagir. A possibilidade de interação direta com outros indivíduos em espaços novos é normalmente instigante.

O cotidiano de uma cidade grande, por exemplo, é marcado por múltiplos estímulos. Nesse espaço, quem está imerso por muito tempo apreende os signos e passa a ler a realidade a partir daqueles signos, muitas vezes sem buscar a leitura a partir de novos referenciais, mas sim, permanecendo na segurança do conhecido.

Simmel (1996) nos lembra que notar um detalhe ou mesmo contemplar aqui e acolá não basta para que tenhamos consciência de ver uma paisagem. Para este autor, para que tenhamos uma paisagem tudo o que precisamos é que um certo conteúdo do nosso campo de visão cative o nosso espírito. Cativados, teremos uma paisagem onde o material a nós disposto é tão infinitamente diverso, tão mutável de caso em caso, que os pontos de vista e as formas que, com esses elementos compõem a unidade da impressão, serão também muito variáveis.

“Roça” e “cidade grande”, rural e urbano, vêm se re-significando ao longo do processo histórico nas sociedades. Ora o rural como lugar da ‘natureza’, ora o urbano como lugar da

¹ Utilizo aqui a noção de articulação pensando esta como união de uma ou mais peças ou atores que num processo relacional se sustentam mutuamente, conseguindo um do outro benefícios que não seriam conseguidos sem a relação e, além disso, estes são alcançados em condições que não prejudique nenhuma das partes envolvidas.

‘modernidade’ são tomados como imagem da vida ideal em sociedade. O que ocorre é que um não está separado do outro e a dicotomia apontada entre eles não é uma realidade, mas sim um mito que lida com adjetivos tais como homogêneo e com pouco dinamismo no caso do campo e heterogêneo e o espaço da mudança no caso da cidade. A cidade aparece como contraponto ao campo e vice-versa. O que é passível de questionamento se aceitarmos, por exemplo, a heterogeneidade e o dinamismo do campo. A existência de diferentes civilizações rurais com costumes, instrumentos e cultura diferenciada é a prova dessa heterogeneidade. Para Williams (1989), a vida campestre “engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais”, e a organização varia “da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e plantations às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais” (WILLIAMS, 1989, p.11). Segundo este autor, o fundamental a se perceber nas cidades é que elas constituem, na verdade, maneiras de nos colocarmos diante de todo um desenvolvimento social e que, muito frequentemente, sintetizam uma atitude mais ampla em relação à própria ‘transição capitalista’, visto que o capitalismo, como modo de produção, é o processo básico por trás da maior parte da história do campo e da cidade que conhecemos. Ao longo de séculos, impulsos econômicos abstratos, prioridades fundamentais no campo das relações sociais, critérios de crescimento, lucro e prejuízo assentados no paradigma capitalista vêm alterando nosso campo e criando os tipos de cidades que conhecemos, numa reconstrução da realidade.

Um dos problemas é a comparação. As categorias campo e cidade são construídas e percebidas em oposição, mas quando tomadas com base numa unilateralidade, equívocos são cometidos. Durante muito tempo, o campo foi olhado tendo como parâmetro uma lógica que não lhe é peculiar, a lógica das cidades, e sua originalidade foi submetida a uma outra realidade, uma realidade que em muitos momentos o oprime e o considera inferior. Podemos problematizar aqui essa condição diferencial. Para isso, buscar desconstruir essa hierarquia, tratarei primeiro do que se convencionou chamar de condição urbana².

A condição urbana é normalmente colocada como hegemônica e com a peculiaridade de articular nossas noções de espaço e tempo sob a perspectiva industrial-capitalista. Os habitantes de cidades, sugere Argan (1993), trazem dentro de si “mapas de um espaço-cidade” e “registros de um ritmo de tempo urbano” que constituem o sedimento inconsciente das nossas noções de espaço e de tempo, sedimento esse que é resultado de toda uma gama de desenvolvimentos e acumulações de experiências realizadas num devir histórico. Assim, a cidade moderna deu forma a uma ‘ideologia urbana’ que, como sugere ainda Argan, constitui-se da dialética da ‘cidade ideal’ e da ‘cidade real’, onde ao definir a cidade como acúmulo ou concentração cultural, esta ideologia urbana, contudo, considera não apenas os termos de uma história da ideologia do poder, mas também toda a vivência dos indivíduos e da sociedade a partir do urbano. Reforça-se nessa perspectiva uma hierarquia cidade-campo, própria da modernidade. Nessa perspectiva, a divisão social do trabalho, com novas regras e características do capitalismo em ascensão, destruiu modos de vida tradicionais, alterando drasticamente tanto as estruturas sociais como o ambiente natural.

Como veremos a seguir, um dos temas centrais e clássicos na literatura sobre cidades é a caracterização de um estilo de vida urbano. Autores como Wirth, Blumenfeld, Castells e Park, entre outros, desenvolveram reflexões sistemáticas que até hoje são referências importantes.

² Gilberto Velho (1995), por exemplo, faz um balanço sobre a discussão acerca da urbanidade e destaca que, paralelamente, a uma reorganização do espaço, às transformações da economia e na vida política, a metrópole contemporânea, na sua constituição e natureza, está indissolivelmente associada a modos específicos de recortar e construir a realidade. Ela é consequência e, simultaneamente, causa de novas visões de mundo, com concepções particulares de tempo, espaço e indivíduo.

Na peculiaridade de perceber a visão de mundo urbana, temos o trabalho de Wirth (1943) que contrapõe o comportamento que os indivíduos assumem em área urbana àqueles tidos como característicos do meio rural.

“...o estabelecimento de cidades implicaria no aparecimento de uma nova forma de cultura caracterizada por papéis sociais altamente fragmentados, predominância dos contatos secundários sobre os primários, isolamento, superficialidade, anonimato, relações sociais transitórias e com fins instrumentais, inexistência de um controle social direto, diversidade e fugacidade dos envolvimento sociais, afrouxamento dos laços familiares e competição individualista”. (WIRTH, 1949, p.30)

O urbanismo como modo de vida, segundo Wirth, está presente na vida moderna ultrapassando os limites da própria cidade; os meios de comunicação e transporte quebraram as barreiras preestabelecidas do urbanismo, segundo ele

"(...) embora o local do urbanismo como modo de vida deva, evidentemente ser achado caracteristicamente em localidades que preenchem os requisitos para a definição de cidade, o urbanismo não está confinado a tais localidades, mas manifesta-se em graus variáveis onde quer que cheguem as influências das cidades." (WIRTH, op.cit.: 96).

Como veremos no presente trabalho, a urbanidade e as imagens acerca da cidade são levadas para as lagoas de Marataizes em parte pelos jovens que vem ao Rio de Janeiro comercializar frutos e o que é importante ressaltar é a legitimidade alcançada pelo discurso e as impressões que estes tem e transmitem de suas experiências neste espaço no qual poucos se aventuraram.

Outro autor que aponta nesse sentido é Blumenfeld (1977). Discorrendo sobre a urbanização da humanidade, ele afirma que uma das grandes vantagens da metrópole é a facilidade com que os trabalhadores mudam de emprego sem necessidade de mudar de casa. O maior número de alternativas de colocação no mercado – tanto para os trabalhadores como para os empregadores e consumidores – é a essência da metrópole. O trabalhador tem maior possibilidade de escolher o seu emprego; o empregador pode encontrar uma grande variedade de mão-de-obra especializada, assim como profissionais liberais.

Castells (1983) retoma a discussão, numa crítica à sociologia urbana em voga, e afirma que, mais que um balanço econômico por parte dos indivíduos, o espaço urbano é estruturado, quer dizer, ele não está organizado ao acaso, e os processo sociais que se ligam a ele exprimem os determinismos de cada tipo e de cada período da organização social. O autor propõe compreender a evolução e a problemática urbana a partir da análise da estrutura urbana, definindo-a como sistema socialmente organizado dos elementos básicos que definem uma aglomeração humana no espaço. Ainda segundo o autor, num período de crescimento urbano, o fenômeno essencial é o das migrações. A fuga para as cidades é apontada muito mais como uma decomposição da sociedade rural do que como expressão do dinamismo da sociedade urbana. Como procuro demonstrar no decorrer do trabalho, é numa perspectiva crítica a essa decomposição da sociedade rural que está assentada a discussão que proponho. Será que o rural também não é re-organizado? Será que o espaço do rural no urbano é diminuto ou percebido como foco de desorganização e falta de estruturação? Ou o rural encontra o seu espaço no urbano e, em virtude disso as migrações são crescentes?

Park, considerado o criador da Ecologia Humana, estuda a cidade como um "organismo social", incorporando fundamentos ecológicos ao objeto sociológico e esse aspecto de organismo social parece ser útil para refletirmos sobre o lugar dos rurais na cidade. O habitante típico da cidade, o citadino, é definido por Park pela capacidade de atuar diante de todas as relações, de distância e proximidade. O atrativo da cidade, como tal, é, para Park,

precisamente sua explosão em micro-sociedades; o mosaico urbano possibilita a todos os indivíduos incorporar algumas partes de seu meio de origem. É observável nesse autor a diferenciação dos tipos sociais, dos tipos profissionais, dos tipos de temperamento, cada um representativo de um meio particular que Park vai denominar como “região moral”. Esta inter-relação de tipos diferentes configura a cidade como um mosaico:

"Os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram. Isso possibilita ao indivíduo passar rápida e facilmente de um meio moral a outro, e encoraja a experiência fascinante, mas perigosa de viver ao mesmo tempo em vários mundos diferentes e contíguos, mas de outra forma amplamente separados" (PARK, 1916).

Na realidade observada por mim pude perceber, também, a cidade como um mosaico onde as combinações de partes distintas conformam uma paisagem em movimento, onde o rural e o urbano são acessados a todo instante. O principal questionamento e preocupação foi o de perceber onde está e como se conforma a ruralidade na metrópole.

O que parece ocorrer, como demonstro, é o fato de indivíduos oriundos do interior encontrarem espaço para viver sua condição rural ao mesmo tempo em que estão imersos numa urbanidade. Eles são personagens (in)visíveis na paisagem urbana. Uma grande parte da população que tem domicílio nas cidades é de origem rural e mantém laços afetivos com seus espaços de origem e os transmite para as gerações mais novas. Esses indivíduos, ao alcançarem sucesso em sua situação de migrantes tornam-se referências e atraem um maior número de pessoas que, sob sua influência, saem do espaço rural. Adiante, veremos como se deu o processo de perceber os rurais, no caso os vendedores de frutos oriundos de Marataizes, destacando-os na paisagem urbana ao perceber sua condição na mesma.

1.2. Vislumbrar os Rapazes “Da Roça” Num Turbilhão de Urbanidade

Nesta pesquisa, a primeira aproximação reveladora de uma paisagem diferenciada nas ruas do Rio de Janeiro se deu em novembro do ano de 2004. Elias (1994) escreveu "... cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e de propriedade, sejam de instintos e afetos". Resolvi perceber esses laços invisíveis (buscando adquirir confiança, no caso, tanto a deles para comigo quanto a minha para a leitura do que ocorria em minhas incursões) para que desse modo fosse possível percorrer a trama. E, nas ruas, passei a experimentar uma aventura etnográfica³ de estranhamento do que para mim era tido como desordenado e que não contemplaria as expectativas de estudos acerca do universo “rural”. Com acuidade, percebi que estaria fazendo neste primeiro momento uma ciência social em cidade e não da cidade, já que a cidade é percebida aqui como o contexto no qual se desenvolvem múltiplos processos e fenômenos sociais (OLIVEN, 1980).

Assim, imerso nessas reflexões acerca das peculiaridades do contexto da metrópole⁴ como um imenso mosaico, senti-me certo da possibilidade de estreitar os laços de confiança e de entendimento com os indivíduos que ia descobrindo.

Na segunda quinzena de agosto do ano de 2004, instigado pela curiosidade e carregado de dúvidas, busquei aproximação com uma das novas figuras que considerei representativas

³ A etnografia, por ora alinhavada, é a base para o entendimento das nuances que imbricam o rural no urbano e o urbano no rural, no caso dos vendedores de abacaxi sobre os quais lanço luz.

⁴ Eu também estava experimentando e vivenciando alguns dos lugares do Rio de Janeiro pela primeira vez.

da ruralidade nas ruas da “cidade grande”⁵. Na paisagem da rua, os frutos, colorindo o cinza da cidade, prontamente saltaram-me à vista. Mirando longe, dirigi-me aos caminhões que costumam ficar estacionados no caminho para o bairro de Laranjeiras, logo após o Largo do Machado (zona sul da cidade) (ver Foto 1).

FOTO 1 – CAMINHÃO NO LARGO DO MACHADO COM JOVEM ARRUMANDO OS FRUTOS NA CARROCERIA



Fonte: Pesquisa de Campo, 2004.

Desde o momento em que vislumbrei de longe o primeiro caminhão carregado de frutos, dois vendedores atendendo pessoas que paravam com seus carros ou a pé, percebi que seria possível transformar aquela cena em uma reflexão sociológica!

A aproximação foi lenta. Diminui os passos enquanto me dirigia ao caminhão e qual não foi a surpresa ao vislumbrar mais adiante outro caminhão carregado de frutos e em plena comercialização. Estas primeiras imagens trouxeram à tona lembranças da saída da cidade de Porto Alegre, nos meses do verão, quando inúmeros caminhões ficam estacionados vendendo abacaxis, lá os frutos são oriundos de Terra de Areia, um pequeno município localizado no Litoral Norte do Estado, ou quando, circulando pelas praias, encontrava jovens, com baldes carregados de frutos, batendo de casa em casa e oferecendo os mesmos para os veranistas.

Então, estimulado por lembranças e pleno de expectativas, me dirigi às duas pessoas que se encontravam na carroceria do primeiro caminhão. Notei que os dois estavam atendendo aos transeuntes-clientes e que um aparentava ter aproximadamente 50 anos e o outro uns 30 anos. Por esta ser a primeira incursão decidi conversar com o de mais idade, acreditando estar respeitando uma certa hierarquia já que um deles devia ser o responsável ou o motorista do caminhão. De pronto, perguntei o nome de ambos, numa forma respeitosa de iniciar uma conversa (e, de olho na placa do caminhão que indicava Marataizes/ES). Prontamente o de mais idade disse se chamar Sérgio, mais ou menos 50 anos, e o outro Adriano, mais ou menos 30 anos⁶. Sérgio, o de mais idade, era o responsável pelo caminhão,

⁵ Os rapazes que acompanhei costumavam se referir ao Rio de Janeiro como “cidade grande”.

⁶ Os nomes dos informantes e entrevistados, citados neste texto, são fictícios.

filho de um produtor, e o outro, Adriano, seu primo. Aproveitei e me apresentei, dizendo meu nome acompanhado da frase: “Não sou daqui (do Rio de Janeiro), sou do Rio Grande do Sul e estou aqui estudando. Lá no Sul participei de pesquisas sobre os produtores de abacaxi numa cidade pequena do interior, por isso minha curiosidade.”⁷ Aparentando mais familiaridade, Sérgio me disse que ambos eram de “Marataizes, uma cidade onde se planta ‘muito’ abacaxi”. Ao perceber o sucesso na aproximação, comentei que se lá é plantado muito abacaxi deve ter muita gente que vem vender no Rio de Janeiro, esperando um aprofundamento das peculiaridades da condição dessa cidade e seus jovens vendedores de frutos. Sérgio falou então que sabia de mais de 40 caminhões que saíam da cidade para vender abacaxi tanto aqui no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, Belo Horizonte e Brasília, cidades que de acordo com ele eram escolhidas por ficarem “próximas à Marataizes”). Comprovando a afirmação, pude notar no decorrer do campo que os vendedores preferem o Rio de Janeiro em detrimento as outras “cidades grandes”, pois além de ser mais próxima há mais pessoas circulando pelas ruas. Enquanto se permanece em média doze dias no Rio de Janeiro em Brasília eles permanecem aproximadamente quarenta dias. Segundo eles, “com mais gente nas ruas a venda da carga é realizada mais rapidamente e o retorno à Marataizes também”.

Segundo Sérgio, somente no caminhão “deles” estavam 10 pessoas. Os números me impressionaram, devo admitir. Quarenta caminhões, cada um deles com mais ou menos 10 pessoas. É muita gente! Trabalho à vista! Assim, decidi acompanhá-los durante um bom período do dia. Já neste primeiro contato pude notar algumas peculiaridades que depois se mostraram recorrentes em outros grupos e caminhões que vem ao Rio de Janeiro. Primeiro, que a venda dos frutos era contínua e ambos atendiam com paciência todos os interessados. Depois, observei que os frutos estavam dispostos, em grande quantidade, no fundo da carroceria do caminhão, próximos a cabine. E uma quantidade menor, destinada à pronta comercialização, era trazida junto à parte de trás, onde podia ser alcançada por um dos dois que permanecia sobre a carroceria do caminhão, enquanto o outro ficava na rua ou na calçada atendendo aos clientes. Interessante, também, foi notar que alguns frutos eram pendurados na tampa traseira da carroceria do caminhão. Depois de muito observar e perguntar surgiu na conversa a questão da fiscalização por parte da Prefeitura do Rio de Janeiro, o ‘rapa’. E, então, fui informado que a disposição e a arrumação dos abacaxis, colocados próximo a cabine e pendurados na traseira do caminhão tinha uma lógica, que era a de facilitar o ato de escondê-los. Eles estavam amarrados e podiam ser facilmente postos no interior da carroceria do caminhão despistando aos fiscais (essa disposição dos frutos pode ser vista na foto 1). Os problemas com o “rapa” foram situados como constantes e as preocupações quanto a estes também. Segundo Sérgio, o trabalho nas ruas era cansativo devido ao fato da perseguição que eles sofriam por parte da fiscalização (esse ponto será retomado no decorrer da dissertação). Na conversa, perguntei se eles e o caminhão estavam sempre naquele mesmo local. Eles responderam que não, ressaltando novamente a preocupação para com os fiscais e a impossibilidade de estacionarem ali durante os dias da semana em virtude do risco de perder a carga toda de frutos para os mesmos, ou ter de pagar para os fiscais os deixarem ‘trabalhar honestamente’.

Informado de que os caminhões costumavam vir com mais de 7 (sete) pessoas, perguntei então do restante dos jovens. Onde eles estavam? Os dois me falaram que os outros jovens estavam “espalhados” num perímetro que abarcava praticamente todos os bairros da Zona Sul, do Catete ao Leblon (ver foto 2), cada um deles com seu respectivo carrinho-de-

⁷ No decorrer de meu “campo” essa se mostrou uma forma diferenciada de conseguir uma certa afinidade para com as pessoas com as quais conversava. Eu me colocava como uma pessoa que “como eles”, era de fora do Rio de Janeiro, distante da minha cidade de origem e de minha família, no meu caso, estando aqui no Rio de Janeiro para estudar e trabalhar.

mão carregado de abacaxis e instruídos a circular pelas ruas e vendê-los durante o dia e, então, serem “recolhidos” no princípio da noite (ver fotos 3 e 4). Acreditando que já havia descoberto boas informações para um primeiro contato, me despedi e, como não podia deixar de ser, fui à procura de outro caminhão. Acabei encontrando.

FOTO 2 – LOCAIS POR ONDE ACOMPANHEI OS VENDEDORES DE FRUTOS



Fonte: Google Earth, 2006.

- 1 – Centro / Lapa
- 2 – Catete / Largo do Machado / Laranjeiras
- 3 – Flamengo
- 4 – Botafogo
- 5 – Urca / Praia Vermelha
- 6 – Leblon
- 7 – Copacabana
- 8 – Arpoador
- 9 – Ipanema
- 10 – Leblon
- 11 – CADEG / São Cristóvão

FOTO 3 – CARRINHO DE MÃO NUMA ESQUINA DO BAIRRO CATETE



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

FOTO 4 – ABACAXIS DISPOSTOS NO CARRINHO DE MÃO.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

O segundo caminhão, naquela mesma tarde de domingo, estava estacionado alguns quarteirões adiante, ainda no sentido Largo do Machado - Laranjeiras. Ao me aproximar deste segundo caminhão já pude notar a mesma disposição dos frutos na carroceria em relação ao primeiro caminhão, também no intuito de evitar problemas com fiscalização. Encontrei o que pareceu uma mesma “fotografia”, uma mesma estética e “tática” dos vendedores de abacaxi,

relacionada principalmente às suas preocupações em evitar a fiscalização, com os abacaxis dispostos de forma a serem rapidamente colocados para dentro da carroceria, evitando assim o flagrante de comércio ilegal.

A conversa aqui também foi proveitosa e pude saber um pouco mais sobre a origem dos frutos vendidos por eles, afinal Marataízes para mim era um ponto perdido no mapa do Espírito Santo. Fui informado das belas praias e lagoas do município por um jovem de 13 anos, Gustavo, que atendia os fregueses na carroceria do caminhão. Luiz, outro jovem de 28 anos, disse que ficara de responsável pelo garoto, pois o pai, que era dono de outro caminhão havia voltado à Marataízes para buscar mais uma carga de frutos. O que surpreendeu nesta conversa foi ouvir do jovem de 13 anos que o Rio de Janeiro era lugar de trabalho. Ele disse,

“... as praias de Marataízes são muito melhores que as do Rio de Janeiro. Lá eu conheço tudo e sei que o pessoal de fora gosta também. Aqui nem dá tempo pra nada, só pra vender e juntar um dinheiro. Nós viemos pra cá pra trabalhar, lá não tem como ganhar dinheiro fora da época em que vão os turistas, principalmente o pessoal de Minas.” (Gustavo, 13 anos)

Foi assim, a partir de algumas conversas, que passei a notar que há uma outra cidade do Rio de Janeiro. Uma cidade que está atrelada ao movimento. Movimento de pessoas, de carros, do tempo, do clima, de trabalho informal, dentre outros. Com pessoas que não são os ‘turistas gringos’ mas sim pessoas que vêm para trabalhar duro e tirar o sustento sem muita proteção oficial, mas protegidos por suas relações. Relações com lugares (saber onde ficar para vender mais e, ao mesmo tempo, não ser importunado pelos fiscais; onde dormir; onde se alimentar), com pessoas na mesma situação de ‘vender na rua’⁸ ou pessoas de longe que já se estabeleceram na cidade, oriundos também do “interior”, e que se relacionam com a gente de Marataízes.

Com satisfação, pude perceber que no caminho que percorri para voltar à minha casa passei a “ver” alguns jovens com seus carrinhos carregados de abacaxis, jovens que deviam estar ali quando passei anteriormente na direção inversa, mas que estavam ainda invisíveis ao meu olhar até aquele momento.

Foi a partir destes contatos, que se prolongaram por 18 meses, que busquei dar inteligibilidade ao fato corriqueiro de cruzar com jovens acompanhados de carrinhos repletos de abacaxi nas ruas do Rio de Janeiro. Compreender a mobilidade deles pela cidade e o porque desta opção, acredito, terá de estar articulada à análise da relação e da leitura para com o Rio de Janeiro, seus lugares e sua gente. Digo isso na ciência de que não serão esgotadas as infinitas possibilidades de arranjos e tendo a convicção de que estes podem ser posteriormente ressaltados. Como busco demonstrar, a mobilidade dos jovens pela cidade, sua disposição pelas ruas, obedece e aludi à um ordenamento do que antes parecia-me desordenado e diluído na multidão. Assim sendo, percorro a cidade no intuito de revelar o sociológico no cotidiano dos jovens rurais no que chamo intercuro rural/urbano⁹, nessa situação de imersão num universo urbano.

Durante o período de acompanhamento desses jovens, em diversas conversas observei que os mesmos situam seu lugar de origem como o “interior”, o lugar de viver, e o Rio de Janeiro, em oposição, como a “cidade grande”, ou o lugar de trabalho. Eles se colocam, se vêm, como rapazes do “interior na cidade grande”. Nessa condição, os jovens comerciantes de abacaxi procuram combinar o lugar de viver com o lugar de trabalhar, mesmo que os dois

⁸ A relação estabelecida pelos ‘jovens do abacaxi’ para com muitos ambulantes será aprofundada posteriormente.

⁹ Uma freqüente comunicação estabelecida por eles entre o rural e o urbano, que parece diluída no dia-a-dia porém está sempre presente em suas opções e expectativas futuras.

espaços distem “oito horas na carroceria de um caminhão”¹⁰. O interior não é sempre rural, aqui tomaremos o “interior” como categoria nativa e o “rural” como uma categoria descritiva. No próprio município de Marataizes há o núcleo urbano, como na grande maioria dos pequenos municípios do Brasil, agora o espaço com o qual os jovens que comercializam abacaxi se identificam é o do interior do município, da região das Lagoas, região a qual eles denominam de “roça”¹¹. A mobilidade se dá também entre o interior e o núcleo urbano de Marataizes, normalmente quando se busca ir a escola ou a diversão, e é extrapolada quando na condição de trabalho os jovens se deslocam para as cidades grandes, no intuito de realizar a venda dos frutos produzidos nas “roças” de abacaxi. Essa mobilidade do interior para a “cidade” grande parece elevar a um nível impar a flexibilização das fronteiras entre o rural e o urbano, através de um movimento de saída sempre atrelada ao respectivo retorno, num movimento dinâmico e freqüente.

1.3. Migração, Mobilidade ou Deslocamento?

A mobilidade está presente nos processos de migração e de deslocamento. Mas, um deslocamento, por si só, não é suficiente para definir a migração. No estudo proposto irei ressaltar a mobilidade numa perspectiva micro-estrutural de deslocamentos freqüentes, tanto entre Marataizes e Rio de Janeiro quanto na própria metrópole. Todavia, cabe revisar a literatura sobre migrações e destacar, que na abordagem sociológica o enfoque macro-estrutural é predominante (migrações internacionais, rural-urbana, religiosas, dentre outras.).

Um primeiro grande conjunto de teorias sobre migrações reúnem-se as que podemos designar como micro-sociológicas. Estas apresentam como ponto comum, no fundamental, o privilégio analítico concedido ao papel do agente individual. Em outras palavras, por muitas que sejam as condicionantes externas à sua decisão - trate-se de um contexto econômico ou do contexto social de ação – privilegia-se a racionalidade individual que, no limite, conjuga (diferenciadamente) estas e promove a decisão de mobilidade. A maior parte das teorias que tomamos como “micro-sociológicas” das migrações apresenta uma raiz econômica e a maioria dos textos clássicos sobre migrações apresenta um parentesco nesta área. É o caso de Ravenstein (1980). A idéia, mais ou menos explicitada, de que o motivo principal de uma migração era o desejo do agente individual melhorar a sua condição econômica representa a essência do modelo desse autor. Segundo ele, é com base na informação acerca das características da sua região de origem e das potenciais regiões de destino (em particular a situação de emprego e níveis salariais), que o migrante se decide por um percurso migratório.

Uma perspectiva mais diretamente sociológica do estudo micro das migrações apresenta uma natureza, sobretudo, biográfica (os estudos de Menezes [1992, 1998, 2002] e, também, os de Moraes Silva [1994] com os trabalhadores na lavoura da cana, são bons exemplos). Neste caso, as principais variáveis estudadas são a influência do ciclo de vida (individual e familiar)¹² - entrada na vida adulta, casamento, nascimento dos filhos, divórcios, reforma, etc. - e da trajetória de mobilidade social – incluindo carreira profissional - sobre os percursos territoriais. É possível que se continue a admitir, como na perspectiva anterior, uma

¹⁰ Palavras dos que percorrem o trajeto.

¹¹ Muito comum os jovens utilizarem essas categorias nativas articuladas, em frases como: “... sou lá do interior e moro no meio das roças de abacaxi mesmo.”

¹² A tradição do estudo das migrações segundo a perspectiva do ciclo de vida é, de certo modo, longínqua. Os primeiros estudos deste tipo são de origem norte-americana. A forma de mobilidade territorial analisada foi, no entanto, restrita: a maioria debruçou-se sobre a mobilidade residencial intra-urbana ou, noutros termos, sobre a relação entre as necessidades de habitação, em contexto urbano, e as fases do ciclo de vida.

“racionalidade” do agente humano. O fato de se abordarem variáveis com que a perspectiva econômica não está habituada a lidar; e de se entrar em domínios onde a racionalidade instrumental se funde explicitamente com a motivada por valores ou com comportamentos afetivos e tradicionais justificam a ascendência na busca pelo entendimento e conjugação de ambas as raízes, econômica e sociológica.

As teorias que podemos designar como macro-sociológicas distinguem-se, no essencial, por privilegiar a ação de fatores de tipo coletivo (estruturante) que condicionam as decisões migratórias dos agentes sociais, tal fato reflete não apenas o seu caráter estruturalista como, simultaneamente, a sua ênfase nas variações espaço-temporal das características das migrações. Na bibliografia consultada pude verificar que o mais comum era referir-se aos movimentos frequentes de pessoas de um município a outro para exercerem suas atividades profissionais ou estudantis como “migração pendular”. Acredita-se que assim se está repensando o próprio conceito de migração. Ainda segundo alguns, é o momento de deixar de lado essa nomenclatura para adotar algo mais adequado, o termo “migração pendular” parece um tanto problemático, visto que a noção de *migração*, que integra a expressão, sugere mudança de domicílio, o que não ocorre no fenômeno da mobilidade pendular. Acrescentam ainda que, o termo “mobilidade” parece ser adequado para se pensar esse tipo de deslocamento, na medida em que o mesmo não implica mudança (seja definitiva ou temporária) de residência. Grosso modo, a migração pode ser definida como uma mudança permanente de local de residência (CUNHA, 2002).

Para Martins (1973), a migração não é apenas a passagem de uma localidade geográfica a outra, mas consiste na transição do sujeito, sozinho ou em grupo, de uma sociedade a outra. Nesse plano, o sujeito é alguém que se vincula, pelas suas relações com os outros, a uma sociedade determinada, participando de uma cultura que fornece como referência normas de comportamento apoiadas num sistema de valores. As relações de que participa na sua sociedade original são estabelecidas com base nesses componentes culturais, em graus variáveis, interiorizados na sua personalidade (MARTINS, 1973). Em outro trabalho (MARTINS, 1988), no qual analisa as migrações regionais, esse autor novamente reforça a idéia a respeito das mudanças ocorridas na vida daqueles que migram. O ausente e a ausência, ele afirma, operam mudanças nas relações sociais do grupo familiar e do grupo de vizinhança, algo que percebemos no caso que estudamos (como demonstraremos adiante).

Ponto interessante revelado, também, pelos trabalhos antropológicos é a idéia de que, em contextos específicos onde as migrações se tornam estratégias sociais na comunidade local, desenvolve-se aquilo que se tem chamado de “cultura migratória”. Os deslocamentos inserem-se, desse modo, em uma matriz cultural que os legitima e lhes confere autonomia a ponto de cada projeto migratório não depender, necessariamente, de um “sucesso econômico” convencional, mas aqui no caso, da possibilidade do retorno como fato social total, catalisando o poder simbólico através da prática de sacralização do deslocamento, que é ritualmente encenado e encerrado (SAYAD, 1998, 2000; MAUSS, 2003; MENEZES 2002; WANDA SILVA, 2002).

Pude acompanhar a chegada de alguns caminhões com jovens em Marataizes após a permanência destes por um período no Rio de Janeiro e notar o carinho dispensado por ambas as partes (os jovens que chegam e a comunidade, família e vizinhos, que ficam) e como ocorre uma valorização do esforço dispendido por esses jovens na opção de ir para longe das famílias. Um depoimento de um familiar parece ilustrar a valorização do esforço,

“... eles saem daqui e vão pra lá pra vender o que a gente tem de bom e voltam mais alegres. Eles vendem os abacaxis e levam também o que a gente é, gente simples que trabalha pra ter o melhor, paz e tranquilidade. A gente tá junto com eles e por isso a gente tá bem e por isso eles também estão bem... nunca vai acontecer nada de ruim com eles, se deus quiser, e deus ajuda a quem trabalha né? A gente aqui sabe que o trabalho é pesado,

acordar cedo, vender o dia inteiro. Não é todos que vão pra lá. Os que vão voltam bem.” (Roberto, 47 anos, pai de Eduardo, 23 anos, que havia ficado por duas semanas longe e acabara de retornar pra casa.)

Conforme Sayad (2000) a idéia original, para todo migrante, de que seu projeto de deslocamento só encontra sentido se o ciclo vital da migração se fecha no retorno à terra natal – um princípio simbólico que inscreve a circularidade nas migrações. Um retorno para junto da família e para onde se pode constituir família, a localidade de origem¹³, sustentada em laços identitários reforçados no plano de um ideário que suplanta as distâncias e a pouca mobilidade para visitas (no caso do estudo de Sayad, argelinos na França, as visitas se davam somente no período das férias). Já no caso aqui estudado, busco demonstrar que os jovens continuam interessados e envolvidos com suas famílias e comunidades e as possibilidades proporcionadas pela migração pendular, mobilidade rápida, aparece como uma estratégia importante para a reprodução social do grupo. A mobilidade passa a fazer parte da vida cotidiana desses indivíduos.

Buscando ressaltar as dimensões sociológicas da condição dos jovens estudados, inspiro-me no clássico *The Polish Peasant in Europe and America* de Thomas e Znaniecki, editado entre 1918 e 1920, que versa sobre a integração dos camponeses imigrados da Europa Oriental nas cidades norte-americanas. Os autores se propõem a analisar a comunicação realizada através de cartas por parte dos migrantes para com os que ficaram em seus locais de origem. Na nossa pesquisa, a comunicação entre os que ‘saem’ de Marataízes e os que ficam (em grande maioria familiares) é ponto revelador das redes e relações que se estabelecem e possibilitam o vai-e-vem entre Marataízes e outras “cidades-grandes”, tais como São Paulo, Brasília, Belo Horizonte, além do Rio de Janeiro, revelando aí diferenciais de gênero e de geração, visto que costumam viajar os mais jovens da comunidade e não existem moças envolvidas nas viagens. As moças envolvidas são a mãe, as namoradas ou as esposas que permanecem em Marataízes e povoam o imaginário dos jovens, ou nos momentos das conversas em grupos ou nos de solidão, em lembranças sobre as dificuldades na criação ou os dias alegres e na realização de projetos em comum como ajudar a mãe a comprar algo para casa, ou sair no fim de semana ou até mesmo casar com as moças.

A comunicação é diária. Ela não se dá em forma de cartas, como no estudo citado, mas sim através de uma comunicação oral entre conhecidos. O que costuma ocorrer são conversas entre os jovens recém chegados (para levar notícias do Rio de Janeiro e receber notícias de Marataízes) e os que estão partindo (caso inverso). Como já foi dito, as idas e vindas são constantes e sua dinâmica possibilita que as informações fluam com rapidez, proporcionando aos jovens segurança acerca do que está acontecendo em Marataízes, se sua família está bem, como estão seus amigos, seus pertences, suas namoradas, as moças interessantes, etc., e possibilita que não ocorra um distanciamento afetivo destes jovens para com os que permanecem em Marataízes. Há, sim, um constante reforço e uma atualização do sentimento de pertencimento à localidade de origem, sentimento esse que parece dar sustentação para ambas as partes, os que saem e os que ficam. Estes têm a impressão de que apesar da distância todos estão muito próximos pois continuam se preocupando com as coisas da família e da comunidade e aguardando momento de se re-encontrarem em casa. Os laços que sustentam esse pertencimento (trabalho, vizinhança, comunidade e família) parecem ser sustentados por um ideal comum, que é o de manter residência na localidade de origem para fortalecer e manter a unidade familiar, a comunidade e a articulação nesta forma diferencial de trabalho, que remonta na sua especificidade de ausência/presença ao passado das famílias com a atividade pesqueira. Ambas as atividades exigem que a família aceite que o que sai faz essa

¹³ Família aparece como um valor basilar das opções dos migrantes. “A família é considerada a unidade básica de estudo das migrações entre camponeses.” (MENEZES, 2002)

opção para buscar o sustento e se ocupa somente com o trabalho, valorizando a opção que faz e valorizando as opções já feitas. Aventurar-se na “cidade grande” é percebido como aventurar-se na imensidão do mar, exige disciplina, rigidez de caráter, ser bom trabalhador, suportar dores e saudades.

Uma das diferenças dentre estas duas atividades, pesca e venda das frutas, é a possibilidade da comunicação freqüente entre as partes, diferença esta que minimiza a saudade e os medos acerca da possibilidade do não retorno (no caso da “cidade-grande” pode se ficar por opção e viver, no mar não pois ficando no mar se “morre”).

A escolha de quem é o transmissor dos recados e das notícias não é aleatória. Esta depende de uma relação de confiança com aquele que vai ser o portador de algo tão íntimo e pessoal, como dizer a uma mãe a um pai que “estão todos bem”. Informações acerca da saída e do retorno são fundamentais para dar segurança aos indivíduos e ao grupo. As proposições de Fazito (2005), para quem os sistemas de migração dependem do “retorno”, tanto ao nível dos discursos quanto ao nível das práticas, para a consolidação de um sistema migratório estável e expansivo parecem ir de encontro ao que percebemos, mesmo que no nosso caso não tratemos de um processo de migração como este autor. Para o autor, nesse constante dialogar, constroem-se as representações acerca de ambos os lugares e legitima-se o acerto pelas escolhas realizadas e é reforçado o aspecto simbólico da “coragem” de migrar. No caso estudado, a possibilidade de retorno se cumprindo¹⁴, fortalece dois aspectos básicos: 1) fundamenta todo e qualquer deslocamento, já que mostra que os indivíduos são capazes de os realizar; 2) desempenha uma função estrutural de um sistema de migração que é a da circularidade da rede social que se articula para se deslocar. O retorno representa uma etapa fundamental do deslocamento migratório porque confere sentido e explica a unidade das relações complexas entre ausência e presença, exclusão e inserção. O retorno é uma resposta à ausência – o retorno não é apenas um retorno ao espaço físico, mas essencialmente o retorno ao espaço social transfigurado por eventos não vivenciado *in loco* por quem saiu. Interessante notar como os eventos são contados em detalhes quando do retorno dos que estavam longe, como se estivessem guardados de modo especial para receber os mesmos. Ocorre um diálogo, numa troca que questiona a própria ausência. Por meio dos relatos e das conversas realizadas com indivíduos que encontrou quando distante da família, o rapaz se mune de informações sobre os que ficam e o que ocorre, e nos momentos de aproximação (chegada) é muito valorizado, pois demonstra conhecimento dos fatos e busca mais informações de modo que as conversas são realizadas com grande interação e, comumente, alegria. Casos em que o jovem já chega perguntando de um parente que adoeceu justo no momento em que ele esteve no Rio de Janeiro ou retorna com algo que soube que um parente necessitava servir para reforçar não só os laços permanentes de afeto como os da necessidade da comunicação, mesmo que temporária.

A comunicação os remete à condição temporária da ausência, já que ao não se falar todo o tempo de Marataizes, tem-se também o tempo de trabalho no Rio de Janeiro, busca-se resguardar o tempo de viver em Marataizes e ser presente de fato lá, através da circulação da informação.

O produto do fenômeno migratório, presença/ausência como faces de uma mesma moeda articulada na comunicação e difusão de valores próprios do grupo, não apenas unifica elementos opostos em um mesmo processo (regiões expulsoras e receptoras), mas torna esse mesmo processo em constituinte de uma realidade econômica, social e historicamente distinta (BOURDIEU e WACQUANT, 2000). Devido ao dinamismo da condição de mobilidade, uma simples pessoa ou família engendra alterações significativas para toda uma comunidade (no

¹⁴ Até hoje não ocorreram casos de violência que impossibilitaram o retorno de algum jovem, por exemplo.

caso dos jovens aqui estudados, são dezenas opinando e participando, como mensageiros, emissores ou receptores, de um jogo de comparação acerca dos lugares vividos). Neste processo, o que parece se operar é a transfiguração de um evento vital (saída para comercializar os frutos ou retorno com os ganhos advindos da saída) em um significado particular na estrutura social na qual se insere a pessoa ou grupo familiar (com alterações ocorrendo tanto na origem quanto no destino - possibilidade de permanecer em mobilidade e ser valorizado por isso). A saída para comercializar os frutos já é algo que toma as comunidades por inteiro. Fala-se muito nos bares sobre os que saem e os que ficam, os caminhões que estão para sair, sobre as vagas nas equipes que vem para o Rio de Janeiro, sobre quem tem o fruto para vender e como o retorno da venda direta ajuda não somente aos que a realizam como a toda a comunidade.

O que percebemos é que os deslocamentos são legitimados socialmente através de normas e valores próprios e passam a expressar processos de reconhecimento e pertencimento coletivo. Ser um jovem que vai para a “cidade grande” vender os frutos dá um status na comunidade que suplanta o simples ganho econômico advindo de tal opção, distingue o jovem pela unidade de pertencimento à coletividade dos que trabalham com a cultura do abacaxi e buscam a “cidade grande” como local de trabalho.

1.4. Jovens “Da Roça” no Trabalho e na sua Sociabilidade na “Cidade Grande”

1.4.1. A condição juvenil do interior na “cidade grande”

Para o presente trabalho, o que interessa é perceber como os jovens cultuam laços que os prendem ainda à condição juvenil da cultura de origem e, ao mesmo tempo, se percebem inseridos (ou não) na cultura “urbana”. A juventude, como construção social, tem sido vista como uma “fase da vida”. Uma fase marcada pela instabilidade e por incertezas que são relacionadas a “problemas sociais” (MACHADO PAIS, 1993) freqüentemente associados aos jovens do universo urbano, como se os jovens do universo rural fossem distintos a ponto de não sofrerem com problemas como violência, drogas, desestruturação familiar, dentre outros.

Numa perspectiva crítica, de valorização da sociedade rural, ainda que entendendo que o rural e o urbano se justapõem em diversos aspectos, está assentada a discussão que aqui proponho. Nesta perspectiva, como busco demonstrar, é a acuidade da sociabilidade proporcionada pelo vivenciar ambientes diversos que fomenta a distinção de jovens que encontram seu espaço, mesmo que um espaço marcado pela precariedade no trabalho concomitantemente ao estreitamento dos laços afetivos e de pertencimento à família.

Muitas são as formas pelas quais os sujeitos são reconhecidos na vida social. As responsabilidades atribuídas, os direitos percebidos e a posição no ciclo de vida são algumas delas. No decorrer do trabalho tento assentar o significado do ser jovem em sua condição transitória e não delimitada por faixas etárias, mas, sim, reveladoras de uma sociabilidade que vem confirmar atributos que são históricos e socialmente construídos reforçando-os e delimitando quem é considerado jovem apto a estar no grupo.

Weisheimer (2005) especifica cinco abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude rural: faixa etária; ciclo da vida; geração; cultura ou modo de vida; e, ainda, representação social. Como demonstro, é na peculiaridade da sua condição juvenil e da socialização pelo trabalho na “cidade grande”, por parte dos jovens comerciantes, que está assentada sua inserção no interior da “cidade grande”.

Para Ariès (1986) a noção de juventude é construída social e historicamente, emerge com a modernidade articulada a dois processos. Primeiro, às mudanças na organização

familiar, com a família se fechando num âmbito privativo, onde a juventude passa a ser responsável pela reprodução da condição de existência da própria família ao mesmo tempo em que passa a ser responsabilidade dos pais o preparo e as escolhas para os filhos terem condições de sobrevivência. E em segundo, com a universalização e a institucionalização do processo educacional, articulando as demandas do mundo do trabalho à possibilidade de inserção das novas gerações. Num claro reflexo à crescente individualização do mundo moderno. Dentre as fronteiras da condição de jovem o ingresso numa vida ativa, laboriosa, é condição fundamental na transição juvenil, já que através dela se passa a ter autonomia frente à família originária. Daí uma das peculiaridades e ambigüidades da juventude. As opções de trabalho, as escolhas referentes a este e a própria inserção laboral são normalmente transitórias e variáveis entre os jovens devido a sua própria condição de transição, com seus diversos momentos de escolha e tensões. No caso dos jovens vendedores de abacaxi veremos que a transitoriedade está situada no interior da cultura do abacaxi, na produção e na comercialização. O jovem quer galgar posições na hierarquia e, assim, suplantar as agruras da transitoriedade para um projeto perene de vida nesta cultura. A maioria aceita começar nesta como um vendedor que circula com seu carrinho-de-mão pelas ruas, mas quer conseguir alcançar uma condição de mando numa roça e, se possível, ter condições de passar sua experiência para um filho que irá valorizar o esforço dispendido por ele no passado. Esse projeto, como ressalto, não é comum a todos os jovens vendedores de abacaxi. Os que são de famílias que produzem o abacaxi, com acesso a terra, tem maiores possibilidade de realizá-lo. Já os que não são de famílias produtoras, sem acesso a terra, vem esse projeto como distante e então tem outros projetos (alguns poucos falam, inclusive, em viver e trabalhar na “cidade grande”).

A condição juvenil, no caso estudado, está ligada à situação e condição de trabalho, onde, como lembra Abramo (2005) “...é mais a falta de inserção pelo trabalho do que o fato de estar trabalhando o que mina a sensação de viver a juventude.” (ABRAMO, 2005). Ainda segundo esta autora,

“a juventude é o estágio em que acontece a entrada na vida social plena e que, como condição de passagem, compõe uma condição de relatividade de direitos e deveres, de responsabilidade e independência, mais amplos do que os das crianças e não tão complexos quanto os dos adultos.” (ABRAMO, 1994, p.11).

Os jovens rurais por sua vez costumam ajudar aos pais em tarefas do dia-a-dia que são fundamentais para a realização da produção. Nesta ajuda está incluso o processo de aprendizado. Há uma vinculação do aprendizado ao trabalho no âmbito da esfera privada (família). Temos de ter claro que a condição, a perspectiva e a noção de trabalho são percebidas de modo diferenciado por diferentes estratos. Os jovens urbanos das classes médias altas, por exemplo, passam a se preocupar com inserção no mercado de trabalho somente após o período de formação para adentrar a esta esfera, esse período de formação é muito mais longo que o dos jovens rurais.

As fronteiras da juventude são delineadas pelo desempenho de papéis sociais que variam conforme a sociedade. O início da juventude, no ocidente, está diretamente vinculado à puberdade, um novo aporte físico, e remete à distinção direta entre os gêneros e à valorização e incorporação de novos papéis sociais para os ‘recém jovens’. O término está ligado à condição de realização das responsabilidades produtivas, conjugais, domésticas e paternas. A entrada como membro ativo na força de trabalho é um elemento central na transição dos jovens. É a partir desta que se passa a ter autonomia frente a família.

Carneiro (1999), ao delimitar o universo dos jovens rurais propõe que se situe a questão na discrepância entre o projeto de vida vislumbrado e as atividades em realização como um empecilho a realização da esperada autonomia e formação de um novo núcleo

familiar. A superação desta discrepância estaria tanto na reflexão e no entendimento sobre as condições objetivas de vida quanto na existência de um projeto para o futuro vislumbrado através de estratégias idealizadas em diferentes graus que levem em conta as possibilidades reais de realização dos projetos. Essa discrepância e a necessidade de sua superação, que passa a ser o que caracteriza fortemente os indivíduos como jovens nas comunidades por ela pesquisadas, têm reflexo direto na adequação destes jovens ao mercado de trabalho e a uma condição laboral estável.

Na condição camponesa é o domínio do saber trabalhar que torna o homem capaz de constituir uma nova família e esse saber é posto à prova desde os primeiros momentos num constante saber e fazer sob a supervisão do pai-patrão. Nesta, o pai está autorizado pelo saber a averiguar e a controlar o processo de trabalho. Já na condição urbana, por exemplo, o saber para o trabalho está desvinculado da figura paterna e atrelado à escola e a uma formação diferenciada para inserção no concorrido mundo do trabalho. A forma como a juventude vivencia o trabalho é heterogênea e o caso estudado demonstra que os jovens são valorizados pela sua condição ímpar no que se refere à mobilidade e à força de trabalho. Isto é, o trabalho como algo positivo e como possibilitador do desejo de combinar a residência no local de origem (Marataizes/ES) com o trabalho na cidade (Rio de Janeiro/RJ).

A juventude rural é compreendida por Durston (1998) e Wanderley (2003) como uma categoria de pouca visibilidade, enquanto Carneiro (1998) a concebe como um pouco imprecisa e variável. Até bem recentemente, a juventude rural passava despercebida pelas pesquisas acadêmicas e projetos voltados para o universo rural. Porém, esta categoria vem se impondo aos pesquisadores como a mais afetada pelas transformações que o campo vem sofrendo, oriundas de processos econômicos que deflagraram na desestabilização da agricultura familiar. Para Carneiro (op. cit.) “(...) a juventude rural salta aos olhos como a faixa demográfica que é afetada de maneira mais dramática por essa dinâmica de diluição das fronteiras entre os espaços rurais e urbanos, combinada com o agravamento da situação de falta de perspectivas para os que vivem da agricultura.” (CARNEIRO, 1998, p. 97).

Uma maneira de sustentar operacionalmente a categoria ‘jovem rural’ é presente nos estudos de Guigou (1968), em estudos que se referem à realidade francesa. Este autor vai articular a problemática da juventude rural com a própria dinâmica e as mudanças rápidas pelas quais passou o mundo rural. Essas mudanças parecem estar possibilitando, no caso aqui estudado, novas formas de viver e valorizar o trabalho articuladas à condição juvenil. Em sua caracterização da juventude rural, Guigou a divide em três etapas, baseando-se nas faixas etárias de 16 e 24 anos: a primeira faixa fica entre 16 e 18 anos, final da adolescência, é o período de afirmação de si mesmo, na família e na sociedade; a segunda faixa está entre 19 e 21 anos, fase marcada pelos ritos de transição, alistamento militar para os homens e casamento para as mulheres; a terceira etapa fica entre 22 e 24 anos, é o período em que emergem os conflitos de geração, momento em que os filhos disputam com os pais os rumos da propriedade. Guigou aborda a juventude rural a partir de uma subcultura que está ligada à existência de uma cultura central juvenil do mundo urbano

Durston não utiliza as faixas etárias, ele divide a juventude rural em quatro fases: adolescência; fase juvenil (desenvolvimento de habilidades); fase semi-adulta (incluindo os recém-casados), período de contradições com os pais a respeito das orientações; e a fase da maternidade e paternidade, quando se tornam completamente independentes. Enfatiza a heterogeneidade juvenil, a partir da experiência Latino-Americana e ressalta que a juventude rural se destaca pelas estratégias futuras, com as populações de jovens rurais crescendo em ritmos diferentes e os jovens rurais migrando segundo diferentes lógicas e trabalhando em atividades agrícolas e não agrícolas. Assim, segundo ele, os próprios jovens rurais estariam buscando romper com sua invisibilidade. Estes estariam cientes que sua condição de inferioridade é disposta a partir de um ponto de vista que prima pela não valorização de suas

capacidades e pela negação da realização de sua independência, a ponto deles não terem status de atores sociais no espaço rural.

Cabe também problematizar a condição destes jovens como “rurais”, visto que hoje há semelhanças entre os jovens urbanos e os jovens rurais¹⁵ – muito em decorrência das imprecisões quanto ao que se entende por rural, quanto pela intensificação da comunicação entre os universos culturais e sociais do campo e da cidade. (CARNEIRO, 2005).

O caso dos jovens vendedores de abacaxi é impar. Eles parecem perceber seu espaço como “rural” justamente através da intensificação da comunicação e da mobilidade que se dá em seu processo de sair para trabalhar na “cidade grande”. Os indivíduos chamados ao trabalho são em sua imensa maioria jovens que estão aptos a enfrentar as precariedades das condições de trabalho alicerçando sua força para enfrentar um mundo desconhecido na condição de jovens que agem de modo coletivo. Muitos desses jovens saem de Marataizes atraídos pelas histórias dos que já estão nesse trabalho. Para que tenham sucesso em sua empreitada, a comunicação e a solidariedade é fundamental. Sua condição econômica-social e de vivência¹⁶, articuladas a uma inserção ‘distante’ no urbano, é dinamizada pela peculiaridade do trabalho (vai e vem constante) e pela sociabilidade intrínseca a eles, como jovens, e diferenciada dos “outros” habitantes e/ou pessoas que circulam pela cidade. A própria noção de *habitus* formulada por Bourdieu (1987) pode ser aplicada para o entendimento da disposição social desta juventude. Esta noção, para Bourdieu, se forma segundo as diversas espécies de capital de que dispõem seus detentores (educação, cultura, economia, relações...). É na articulação entre os diferentes tipos capital que se delimita a condição de jovem ao mesmo tempo em que seria uma ‘ficção’ se vista independente, visto que deve ser relacional, “somos sempre os jovens ou os velhos de alguém”.

Importante é ressaltar que o caráter relacional revela condições e situações desiguais de poder. Assim, muitas vezes, os papéis sociais estão alicerçados em representações coletivas que, por sua vez, são frutos de disputas que fortalecem a valorização de determinados capitais. Este processo social de disputa deve ser percebido num espaço de relações específicas tanto entre si quanto para com os outros, onde a realização das responsabilidades (e até mesmo a percepção de quais as escolhas são mais positivas?) é socialmente construída e é ditada cotidianamente.

No caso aqui estudado, os rapazes parecem estar (re)construindo uma hierarquização diferenciada, com os jovens assumindo novas tarefas, recompondo a visão sobre a sociedade rural e firmando em novas bases as próprias noções de rural e urbano. As noções que imbricadas¹⁷, orientam suas opções por distintos espaços para viver e trabalhar. Articula-se assim o rural como “lugar de viver” e o urbano como “lugar de trabalho”. O viver se daria em Marataizes, pois é lá que está a família, e o trabalho no Rio de Janeiro, pois nesta teríamos as condições para sua realização, com um mercado de compradores para as frutas, por exemplo. Agora, enquanto grupo que vem para a cidade grande parece que os jovens vivenciam também no Rio de Janeiro as questões de Marataizes.

Ponto interessante para se refletir e inferir é o da relação que os jovens vendedores têm com as moças da “cidade grande” e com as de Marataizes. Todos os jovens acompanhados

¹⁵ Carneiro (2005), por exemplo, aponta similaridades no que se refere aos assuntos que mais interessam aos jovens rurais (educação, emprego e cultura/lazer) em relação aos jovens urbanos.

¹⁶ “Experiência da vida” (Dicionário Aurélio)

¹⁷ Quando situo o rural e o urbano como imbricados lembro sempre da conformação de um telhado. Penso o rural e o urbano como sendo as distintas telhas, diferentes umas das outras mas que justapostas se sustentariam e manteriam o telhado como um todo. Inteiro, e não pensado separadamente, esse telhado possibilitaria aos indivíduos circular protegidos das variações, tempo ruim e tempo bom, sol e chuva.

durante o período da pesquisa disseram não ter interesse em meninas que não as de Marataizes. Isso parece demonstrar acima do receio de uma estigmatização, por serem jovens rurais que não teriam condições de flertar, uma forma de manter a segurança que os atrela à vida e às pessoas que eles “deixam” lá. O que transparece é que, com a ciência de que a ausência é transitória, o que eles “deixam de aprontar” no Rio de Janeiro é valorizado pelas pessoas que, por sua vez, os esperam e os valorizam até mesmo em sua ausência. Os momentos de conversa em grupos no final do dia (quando se reúnem para jantar e dormir, na pensão e nos postos de gasolina ou nas ruas) revelam uma circulação de informações sobre quem está interessado em quem e se há possibilidade deste interesse se concretizar ou sobre se a pessoa de interesse está se comportando bem e não está flertando com ninguém quando está longe dos olhares do interessado. Também de forma relacional se mantêm os afetos e valores e se mantêm um vínculo direto de interesse pelas coisas de Marataizes.

1.4.2. Medos e alegrias

A sociabilidade destes jovens no Rio de Janeiro se dá em grande parte circunscrita ao coletivo. Eles parecem se aproximar para superar os medos e aventurar-se em busca de alegrias, não sendo, na grande maioria dos casos, vistos de modo individual, separados.

Nas conversas que mantive, muitas vezes eles próprios se definiram como equipes que comercializam abacaxi pelas ruas e situavam essas equipes como sendo “formadas por gente jovem disposta a vir vender”. Foi possível notar que a individualidade parece ser vivida mais intensamente dentro do grupo, para com seus pares, num processo de reforço de sua condição juvenil do que fora.

Enquanto coletivo, os rapazes “da roça” encaram condições de trabalho precárias que exigem: “cumplicidade”, “disposição pro trabalho”, “muita força de vontade” e “garra”, o que, segundo eles próprios, somente se encontra em quem se conhece. Essa disponibilidade, e, até mesmo necessidade, de conhecimento mútuo, reforça os grupos de trabalho e a unidade das equipes como um todo. Cabe ressaltar que, mesmo quando com indivíduos que interagem cotidianamente com eles de modo separado quando eles estão solitários pelas esquinas (compradores, ambulantes), a individualidade está abarcada pela coletividade (eles se reconhecem e são reconhecidos como rapazes vendedores de abacaxi). O coletivo é a equipe que vem num caminhão e o indivíduo é o percebido quando disperso nas esquinas como ambulante. Em algumas conversas, jovens que há mais tempo comercializam abacaxi revelaram que há alguns anos um responsável por um caminhão estabeleceu um prêmio para o vendedor que tivesse o carro de abacaxi mais bonito, com os frutos melhor dispostos e atrativos. Depois disseram que essa competição teve de ser suspensa, pois teve muita competição e alguma tensão, já que todos queriam ganhar o prêmio e “algumas vezes não se ajudavam, como quando tinham de carregar os frutos no caminhão no fim do dia, para não cansar”, por exemplo. Parece que esse caso revela o cuidado em manter o sentimento de grupo.

Esse sentimento de grupo foi possível perceber na observação das relações estabelecidas em postos de gasolina, pensões e no CADEG (Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara), localizado no Bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Nesses, por exemplo, antes de serem indivíduos que buscam banho ou alimentação ou pagam para receber um atendimento e querem ser distintos, eles são jovens que vêm comercializar os frutos e estão em um grupo maior num caminhão. Quando chegam nesses locais eles chegam sempre em grupos e aproveitam os espaços e se relacionam com as pessoas destes como um grupo. Esta situação parece dar subsídios para que suas individualidades sejam vivenciadas em seus grupos de origem, seja nos caminhões no Rio de Janeiro, principalmente no período da noite quando fora do tempo do trabalho, seja em suas comunidades nas três lagoas de Marataizes, locais onde é pensado o trabalho pelas ruas como coletivo, um jovem dependendo do outro

para que o retorno seja rápido e seguro. Essa possibilidade de socialização, com pares do local de origem, mostra-se, fundamental, como um mecanismo de sustentação e mesmo de sobrevivência na cidade grande. Os medos são enfrentados enquanto grupo e as alegrias se situam também no âmbito da coletividade reforçando o amálgama que faz com que os jovens optem por enfrentar as dificuldades na cidade grande. Segundo um dos jovens, "... aqui um ampara o outro, a gente pode estar triste mas sabe que está junto e aí melhora. Se estivesse sozinho ia ser ruim." (Fabrício, 19 anos, vendedor de abacaxi).

Os principais medos citados foram: o medo da fiscalização da prefeitura (o rapa), medo da própria polícia (a polícia em alguns casos é menos respeitada do que os bandidos, mesmo que nenhum caso tenha colocado esse ideário em questão), o medo de não vender a carga rapidamente e com isso demorar a retornar para casa, medo de não suportar a distância e ter de retornar para casa antes de vender toda a carga do caminhão em que se veio. Aqui pode ser citada a ciência de casos em que jovens que vieram para ficar no mínimo 10 dias vendendo frutos pelas ruas não agüentaram a situação que encontraram no Rio de Janeiro e tiveram de ser embarcados em caminhões outros que não o com o qual haviam vindo para recarregar as forças para, se possível entrar novamente num caminhão e na ciranda da venda dos frutos. Essa pressão advinda das dificuldades e da precariedade encontradas parece se abater principalmente sobre os mais jovens, que vêm ao Rio de Janeiro pelas primeiras vezes, ou entre os que tem esposa e filhos e tem muita saudade dos mesmo. Como já foi explicitado, as comunicações estabelecidas com os familiares e amigos na localidade de origem parecem minimizar os medos e ajudar a suportá-los. Os medos são percebidos como inerentes a toda a coletividade dos rapazes vendedores e por ela são minimizados.

As felicidades são buscadas também de forma coletiva. A grande felicidade citada é a da comercialização de uma grande quantidade de frutos. Os caminhões costumam vir cheios de frutos e a condição estabelecida para a volta a Marataizes é a da comercialização da totalidade da mercadoria. Outra felicidade é a do encontro com os amigos e parentes no final do dia, após a jornada de trabalho quando todos se preparam para jantar e dormir. Nesses momentos, as conversas são normalmente sobre os que ficaram e os que estão envolvidos na comercialização de frutos em caminhões que não chegaram ainda. Alguns jovens, depois do jantar, costumam se reunir em grupos para andar por alguns pontos próximos ao local onde o caminhão está. É interessante notar que jovens que durante o dia estavam quietos procurando passar despercebidos no meio da multidão, na noite se soltam e comentam sobre as coisas que viram durante o dia de trabalho pelas ruas. É como se em grupo, pelas mesmas ruas, se estivesse em casa. Essa é outra grande alegria.

Os medos e as alegrias parecem estar diretamente atrelados a condição precária de trabalho encontrada nas ruas do Rio de Janeiro.

1.5. Trabalho: O Sentido do Precário e do Provisório Aparentes

Quatro autores nos ajudam a pensar questões relevantes da realidade estudada, como: a da precariedade e da diversidade do trabalho. São eles: Gorz, Castells, Castel e Boaventura Santos.

O conceito de trabalho, segundo Gorz (1991) deve ser redefinido diante da diversidade e da pluralidade de práticas emergentes de trabalho nas sociedades contemporâneas. Elas envolvem mulheres, idosos, menores, se desenrolam no âmbito da chamada economia informal e do mundo do não trabalho. Nesse sentido, o trabalho recobre um campo mais amplo do que o de emprego ou do trabalho assalariado, constituindo-se em uma atividade

social presente em todas as sociedades, apesar das diferentes definições do que seja trabalho. O trabalho não está, portanto, separado da vida.

Manuel Castells também situa o trabalho no cerne da estrutura social e, por sua vez, discute a flexibilização no mundo do trabalho e a individualização do mesmo. O autor procura caracterizar e teorizar as transformações atuais, considerando-as como uma nova etapa do capitalismo – de transição do industrialismo para o informacionalismo - onde esta possibilita uma inserção e o aceite da situação de interdependência na precariedade em que se lançou as bases do mundo do trabalho (CASTELLS, 1999).

Já Robert Castel (1998; 1997) ao discutir a instabilidade das situações de trabalho remete ao problema da integração social, à medida que trás, para o primeiro plano, questões vinculadas à precariedade, à vulnerabilidade, à exclusão ou a processos de desfiliação (falar de desfiliação não é ratificar uma ruptura, mas reconstituir um percurso). Este autor aponta um novo perfil de trabalhadores sem trabalho num processo onde a precarização do trabalho é vista como central e comandado pelas exigências tecnológicas e econômicas da evolução do capitalismo moderno.

Boaventura Santos (1999; 2000) por sua vez ressalta o sentido de necessidade de superar a fragmentação do contrato social que era estabelecido e sustentado pela condição de trabalhadores e que com as alterações no mundo do trabalho ruíram, através da valorização de novas formas de articulação pelo trabalho (cooperativas, por exemplo) que levem em conta a ausência de contrato de trabalho que tem desembocado numa agudização da precariedade nas próprias condições de trabalho.

Na precariedade e na instabilidade da situação do trabalho, que será utilizada como viés analítico para se perceber o mesmo no universo dos jovens comerciantes de frutos, está um dos pólos de entendimento da opção pela saída para a comercialização dos frutos.

Estes jovens se situam numa condição de ausência de contratos formais de trabalho e inseridos numa situação de precariedade extrema. As condições de realização do trabalho são difíceis, mas ainda assim os jovens continuam vindo vender os frutos. Eles se sujeitam às condições precárias articulando-se para, através do trabalho que realizam, conseguirem ganhos que possibilitem a vida, fortalecendo não somente sua condição de trabalhador mas também a de familiares e vizinhos em Marataizes.

As opções de trabalho em Marataizes são poucas (comércio, construção civil, pesca, roça, dentre outras) e, muito em virtude disso, os rapazes saem para vir para as “cidades grandes” vender os frutos. Na cidade eles costumam passar de uma a duas semanas dormindo nos caminhão, sobre um colchonete que costumam trazer de casa e com umas poucas peças de roupa, e circulando pelas esquinas para evitar a fiscalização. É um trabalho duro que é muito valorizado junto aos que permanecem em suas localidades de origem.

1.5.1. Organização dos grupos de trabalho

Os grupos de trabalho observados são bem heterogêneos e há neles um componente de confiança que possibilita uma circulação de jovens entre varias equipes para a comercialização.

Aqui no Rio de Janeiro, os vendedores de abacaxi são vistos¹⁸ e costumam se definir como “ambulantes”. Eles se dispersam pelas esquinas vendendo os frutos inteiros ou fatiados, mantidos devidamente gelados dentro de caixas de isopor e prontos para o consumo (ver Foto 5), por um preço acessível. O abacaxi costuma ser vendido a dois reais e cinquenta centavos e a fatia por cinquenta centavos. O preço da fatia e a possibilidade de comer no momento da compra parece facilitar a venda, segundo os rapazes. Há também o fato de que “algumas das pessoas que compram as fatias comentam como é gostoso o fruto geladinho e ouvir isso é

¹⁸ Principalmente pelos clientes e outros ambulantes com os quais tive contato.

bom” (Valmir, 22 anos). Esse relato corrobora o que vi em muitos momentos em que estive acompanhando os jovens pelas ruas.

Eles são cientes de sua condição de ilegalidade nas ruas da cidade e isso os incomoda e os faz optar por tornar os frutos visíveis, enquanto eles permanecem calados. Muitos são os casos de problemas com a fiscalização enfrentados. A questão da fiscalização é um dos fios que os articula à rede de vendedores de rua e os fazem construir sua identidade de ambulantes¹⁹.

FOTO 5 – ABACAXI CORTADO PARA SER VENDIDO GELADO NO PALITO



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Os vendedores costumam, realizar suas vendas justamente movimentando-se pelas ruas escolhendo esquinas propícias tanto a uma boa venda quanto à fuga da fiscalização. Ambulante é expressão corrente desde princípio do séc.XX na cidade do Rio de Janeiro. “... o ambulante não possuía vínculo empregatício com nenhum estabelecimento ou empregador. Era dono de seu próprio trabalho. Transitava pelas ruas da cidade em busca de freguesia. Disciplinava o seu tempo e atividades segundo suas necessidades. O lucro das mercadorias por ele vendidas era destinado para seu próprio sustento e para aquisição de novas mercadorias” (MENEZES, 1998: p33).

Podemos diferenciar os vendedores de frutos em dois grupos distintos: os que comercializam no período da safra alta do abacaxi e os que comercializam somente outros frutos fora da época do abacaxi. Um grupo que está subordinado ao controle de um responsável, normalmente responsável pela carga e pelo caminhão, e um outro grupo que tem maior liberdade quanto à hierarquia e à autoridade presentes nas equipes no período da safra alta do abacaxi. Isso parece ocorrer em virtude de não haver um produtor de frutos ou um filho deste no meio, sendo a venda realizada e pensada por um intermediário e as cargas de

¹⁹ No Dicionário Aurélio “VENDEDOR AMBULANTE: vendedor que exerce o seu comércio, movimentando-se, em logradouros públicos ou em locais de acesso franqueado ao público.[Tb se diz apenas *ambulante*.]”.

frutos serem repostas no Rio de Janeiro mesmo, compradas preferencialmente no CADEG (Centro de Abastecimento do Estado da Guanabara). Em ambos os casos há uma relação de dependência. Todos estão dependendo de todos. O primeiro grupo é o mais comum durante o período da safra alta do abacaxi, verão. O segundo grupo é o que se organiza para vender outros frutos fora do período da safra do abacaxi.

Uma distinção importante é a que existe entre os jovens que são de famílias produtoras de abacaxi e que tem acesso a terra e os que não vem de família que tem acesso a terra, mas sim de famílias que tem outra ocupação principal ou até mesmo não tem ocupação. Essa diferença baliza a possibilidade de trabalhar na venda durante a safra do abacaxi ou não e, conseqüentemente, ao desejo e as possibilidades de permanência “na roça” e trabalhar na terra, como se mostra adiante. Os vendedores procuram obter rendimentos maiores para garantir um futuro e, com isso, o que parece estar ocorrendo, também, é a opção pela diversificação dos frutos postos à venda para aumentar a atratividade e, conseqüentemente, o ganho nos carrinhos (ver Foto 6).

FOTO 6 – COMBINAÇÃO DE OUTROS FRUTOS COM O ABACAXI PARA DIVERSIFICAR A VENDA



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Segundo um dos vendedores do período da safra alta,

“... quando a gente bota mais frutos junto com abacaxi o carrinho fica cheio e é o abacaxi que sai mais, mas também se vende as outras frutas, então vale a pena botar. Agora o que eu gosto mesmo é de vender. Mas já que o abacaxi é de lá (Marataizes) então a gente fica orgulhoso por vender. O pessoal que não tem abacaxi pra vender, quando não tem colheita, fica chateado, parece que não vem pra cidade vender e mostrar o que a cidade tem. Parece que se vem só pra ganhar o dinheiro.” (João, 26 anos).

A fala anterior revela o desejo que percebi em muitos jovens. Os que vem vender na safra do abacaxi querem permanecer vendendo nesta e os que vêm no período da entressafra querem ter a possibilidade de vender o abacaxi num futuro próximo, caso ainda não o tenham

vendido. O abacaxi parece possibilitar um ganho que extrapola o financeiro e, por isso, há até mesmo uma disputa maior por colocação e pontos de venda.

Na safra alta do abacaxi há a possibilidade da escolha dos jovens que virão para a “cidade grande” vender devido à intensa procura por colocação nas equipes, o que ocorre concomitantemente a “invasão de Marataizes pelos turistas no verão”, a dificuldade de colocação no mercado de trabalho local, a alta do custo de vida e ao desejo de liberar a casa para alugar para esses turistas (conforme alguns casos que pude notar).

Quem costuma formar as equipes são os indivíduos que tem condições de ter uma carga de frutos para a venda, isso vinculado a necessidade de ter um caminhão ou o fretar. Ai os jovens filhos ou parentes de produtores tem uma vantagem crucial. A carga do abacaxi normalmente é comprada por um individuo ou é mesmo da família do responsável pelo caminhão. Já no caso das outras frutas os jovens por não terem tido a oportunidade de vir comercializar no verão e estarem descapitalizados para sobreviverem durante o restante do ano em Marataizes optam por vir ao Rio de Janeiro para comercializar frutos comprados na cidade mesmo.

Essa permanência na cidade grande é possibilitada por uma prática comum: a compra dos frutos no CADEG de forma coletiva. Os jovens se cotizam e compram os frutos para vender pelas ruas. A mercadoria é de todos, sendo que em alguns casos há jovens que comprem mais algumas frutas, diferenciadas, buscando vender mais e atrair mais compradores. Essa permanência de jovens de Marataizes pelas ruas do Rio de Janeiro parece colaborar no conhecimento que esses jovens passam a ter sobre a cidade e sua dinâmica, o que por sua vez torna o seu trabalho mais organizado e possibilita que eles demonstrem seu conhecimento sobre a cidade e as artimanhas para sobreviver neste trabalho.

Os filhos de produtores e parentes têm preferência na composição das equipes que vão vender o abacaxi, visto que esse é visto como o principal produto para venda. Nas outras equipes costumam entrar indivíduos novos na ciranda da comercialização. Estes indivíduos são muitas vezes testados durante o período da venda de outros frutos como que num teste para os qualificar a vender o abacaxi durante a safra alta.

Ao procurar perceber a organização dos grupos de trabalho no Rio de Janeiro, esclareço como foi o próprio olhar sobre o cotidiano destes jovens, os caminhos, os lugares e as relações com os transeuntes, tendo como apoio a proposição de Bourdieu quando este se refere aos procedimentos de pesquisa, visto que as inquietações dos jovens e suas preocupações não poderiam ser percebidas a priori. Boudieu (1989) ressalta que uma boa forma de tratar os problemas teóricos e práticos da pesquisa é percorrer os caminhos trilhados entre o pesquisador e os informantes, tendo sempre presente que qualquer referência a procedimentos de pesquisa não esgota as estratégias infinitas da prática de pesquisa.

Uma imbricação de referenciais que sustenta muitas indagações foi a da articulação entre espaço e tempo em diferentes situações. Uma dessas situações é a do próprio processo de deslocamento para o Rio de Janeiro para comercializar os frutos, o que está por trás de toda a dinâmica do dia-a-dia dos jovens no Rio de Janeiro e em Marataizes.

A vinda dos jovens costuma obedecer a alguns intervalos. Intervalos estes que são ditados pela sazonalidade da produção dos frutos e de sua comercialização.

De modo geral, os jovens costumam permanecer de 7 a 10 dias no Rio de Janeiro e de 3 a 4 dias em Marataizes. Isso variando também conforme o mês do ano, já que no período de festas, dezembro principalmente, a quantidade de frutos vendidos ‘dobro’ quando comparada aos outros meses²⁰. Assim, a permanência no Rio de Janeiro pode ser prolongada, se estendendo para além de 15 dias conforme alguns casos relatados.

²⁰ Nos meses da safra alta de abacaxi vende-se aproximadamente 4 mil frutos por carga e no mês de dezembro o número de frutos pode ultrapassar os 9 mil por carga, devido ao período das festas de

A vinda para o Rio de Janeiro e a própria permanência dos caminhões e dos jovens varia também conforme o clima, mudanças no tempo ou nas condições de tempo. Estando chuvoso, muitos dos caminhões nem partem de Marataizes. Foi interessante perceber como o clima norteia diversas das decisões tomadas tanto em Marataizes quanto no Rio de Janeiro, alcançando a natureza a condição de elemento cardinal mesmo na metrópole. Quando estive em Marataizes pude presenciar um adiamento da colheita de uma roça de abacaxi em virtude da chuva de uns dias antes ter afetado o efeito do produto químico colocado nos frutos para acelerar o amadurecimento dos mesmos. Já no Rio de Janeiro os pontos de venda são ao ar livre, junto a outros ambulantes e vendedores que tem nas pessoas que circulam pela cidade seus clientes potenciais e, devido a isso, “dias de sol são sempre bem-vindos”.

Os responsáveis pela viagem²¹ costumam ter contatos aqui no Rio de Janeiro para os quais telefonam quando o noticiário na televisão indica tempo chuvoso.

O caminhão é símbolo das jornadas desses jovens. É no caminhão que eles vêm para a “cidade grande” e é no caminhão que eles retornam. É o caminhão que os pega no final do dia e é no caminhão que eles costumam dormir. Em um caminhão costumam vir em torno de 8 (oito) rapazes. Normalmente há um responsável pelo caminhão e pela carga. Esse responsável é também o formador das equipes e articulador do cotidiano na cidade (onde vender, onde comer, onde dormir... etc.) e costuma ser filho de um produtor ou alguém que teve condições de fretar um veículo e está bem articulado com os produtores de sua localidade, jovens que optaram pela comercialização de frutos de terceiros e não adentraram ao universo da produção (são poucos os casos em que isso ocorre). Os jovens que formam as equipes são arregimentados em Marataizes e costumam passar o tempo, no Rio de Janeiro, imersos num ambiente de trabalho, conforme eles mesmos afirmam. Eles costumam vir de Marataizes somente com umas poucas peças de roupa e um colchão pequeno para dormir na carroceria do caminhão, sendo então as relações que eles estabelecem importantíssimas para enfrentar as dificuldades da jornada. As jornadas costumam se iniciar às 5hs da manhã e se estender até as 19hs, sendo que vai se dormir mesmo lá pelas 22hs.

Em virtude da acessibilidade e possibilidade de acompanhar os jovens que vem ao Rio de Janeiro busquei orientar o foco nos caminhões que costumam circular no eixo Tijuca-Catete-Zona Sul (ver Foto 7). Ao procurar incidências da circulação de diferentes caminhões e jovens por este eixo, acredito ter situado em 7 (sete) o número de caminhões aos quais estavam vinculados os jovens com os quais tive oportunidade de conversar. Alguns eu consegui acompanhar durante um período de tempo extenso (do final do ano passado até hoje em dia), outros tive oportunidade de contatar e conversar somente no período de safra alta de abacaxi.

Natal e de Ano Novo.

²¹ Em relação a organização dos caminhões que vem ao Rio de Janeiro sendo oriundos de Marataizes reparei que existem (a)os caminhões que são de famílias que possuem roça de abacaxi e (b)os que são fretados por terceiros, sendo que estes compram os frutos de roças também de terceiros.

FOTO 7 – CAMINHÃO DE MENOR PORTE, ESTACIONADO AO LADO DO MUSEU DA REPÚBLICA, NO CATETE.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

O abacaxi costuma ter sua safra forte no período de agosto/janeiro, no restante do ano alguns caminhões costumam voltar a Marataizes e seus donos optam por trabalhar com frete pela região próxima à área de produção mesmo. Fora do período de safra do abacaxi a quantidade de caminhões vindos de Marataizes com o objetivo da comercialização de frutos diminui, porém verifiquei que a comercialização de outras frutas é uma das fortes opções para os que permanecem no vai-vem, Marataizes - Rio de Janeiro - Marataizes. No que se refere à sazonalidade dos frutos, no período fevereiro/abril (aproximadamente) o forte é a comercialização de melancia, tendo a seguir, no período de abril/julho, a poka, o produto de melhor comércio. Segundo apurado em conversas e observações, muitos caminhões costumam se deslocar para a Bahia e o Rio Grande do Sul carregados de pedras (ver Foto 8), cujo frete é obtido nas pedreiras de Cachoeiro do Itapemirim, município localizado logo ao norte de Marataizes, e, após a entrega, acabam retornando carregados de melancias. Estas melancias são então distribuídas e comercializadas por esses jovens em algumas cidades, inclusive no Rio de Janeiro. Já a poka, a banana e o morango costumam ser comprados no Rio de Janeiro mesmo. O CADEG, que fica localizado no bairro de São Cristóvão, é uma referência quando se trata de frutos para comercialização rápida por parte dos jovens Marataizes. Muitos dos rapazes, como pude observar, compram os frutos (vi alguns casos em que estes rateiam o custo e os lucros advindos da posterior venda) e eles próprios as ensacam e vendem pelas ruas. A safra do abacaxi sofreu uma extensão, com abacaxi sendo vendido durante boa parte do ano. Esta possibilidade de vender o fruto por um maior período no ano tem reflexo direto na conformação das equipes e na sua relação para com o trabalho. Os jovens que comercializam o abacaxi se sentem mais valorizados, afinal é um fruto das terras de suas localidades de origem e eles são conhecidos no Rio de Janeiro por serem vendedores de abacaxi.

FOTO 8 – CAMINHÃO EM MARATAIZES, CARREGADO DE PIAS DE PEDRA. O MESMO CAMINHÃO NA SAFRA ALTA É CARREGADO COM ABACAXIS



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

1.5.2. Quem são e como se distribuem nos grupos e na cidade?

A grande maioria dos jovens que acompanhei tem idade variando entre 15 a 30 anos e começou na venda de frutos com 13/14 anos, incentivados pela possibilidade de ganhar um dinheiro próprio e fazer a própria vida. Eles costumam entrar na rede de comercialização por meio de parentes de vizinhos.

Essa rede de relações e a formação das equipes dita os lugares em que se costuma vender e/ou circular. Nestas é possível perceber diferenciais temporais e espaciais.

Durante a semana, os vendedores costumam ficar nas zonas mais afastadas da cidade ou vender como ambulante caminhando pelas ruas sem parar o carrinho num só local, pois isso é proibido pela fiscalização. As zonas citadas são Tijuca e Barra da Tijuca, mais tranquilas, e as do Catete e Largo do Machado, que exigem uma atenção especial e geram muita tensão. Já nos finais de semana as zonas mais disputadas são as de maior circulação de pedestres ou carros, sendo elencados o Largo do Machado, a Lapa e a área litorânea, principalmente a que compreende a área que vai do Leme até o Leblon. Essa distribuição obedece a uma lógica que tem como objetivo evitar problemas com “o rapa” concomitantemente à manutenção de locais de referência junto aos clientes-consumidores. Foram vários os casos citados de pagamento aos guardas ou de perda das mercadorias para o ‘rapa’.

Uma das peculiaridades que se pode notar, quando se observa atentamente os vendedores de abacaxi pelas ruas do Rio de Janeiro, é que o uso do carrinho para disposição e a venda cumpre um papel e tem uma utilidade importante. Segundo eles, “dependendo do dia, da hora e do local, quando se está parado se está chamando problema”. Ficar circulando é, então, uma das alternativas para evitar problemas com o rapa. Com o tempo pude notar que muitos costumam ficar em locais de menor visibilidade e, conseqüentemente, de mais lenta venda de seus frutos, principalmente durante o período em que a fiscalização é mais

ostensiva. Costumam permanecer em ruas e esquinas que possibilitem uma visibilidade boa do fluxo de carros e pessoas. Quando se aproxima o final da tarde alguns vendedores costumam se deslocar para pontos de maior circulação e visibilidade aproveitando também o maior fluxo de transeuntes e automóveis neste horário. Pude perceber que há uma conjugação que busca otimizar a permanência nas ruas e esquinas do Rio de Janeiro e nisto o carrinho de mão auxilia devido a sua mobilidade²².

Como já foi exposto, a distribuição da oferta durante o ano se dá conforme a fruta da safra: O período de agosto a março é o da safra alta do abacaxi e este tem prioridade total na comercialização; depois vem a melancia, seguida da pokan. Os frutos, que não abacaxi, são costumeiramente comprados no CADEG e embaladas e comercializadas pelos próprios jovens. Os frutos são comprados num primeiro momento com o dinheiro do responsável pelo caminhão e em alguns casos que pude observar os próprios jovens disponibilizam parte de seus ganhos para comprar mais frutos, direcionando suas compras de modo a ter os tipos de frutos que costumam vender mais. Conforme é realizada a venda é adquirido novo lote e o mesmo é posto nas ruas para comercialização por grupos que permanecem durante a entressafra nesta atividade. Aqui principalmente jovens de famílias que não são produtoras de abacaxi que se articulam para não perder os bons pontos de venda e conseguem negociar com as famílias produtoras do fruto a possibilidade de entrar no circuito da comercialização. A venda de outros frutos parece ser, em casos de jovens que não tem nenhum vínculo de parentesco ou amizade, uma forma de selecionar e testar os jovens aptos à uma futura lida com a venda do abacaxi. Vendendo bem fora da safra ganham visibilidade como bons vendedores e buscam ser chamados para vender o abacaxi na safra alta.

Os jovens que optam por trabalhar somente na safra forte do abacaxi, que vai de agosto até março são, principalmente filhos de famílias produtoras do fruto. Eles retornam à Marataizes no final da safra pra lidar na lavoura com os pais. Há também aqueles jovens que mesmo não sendo filhos de produtores conseguem grande oferta de vaga nas equipes que vem pro Rio e optam por permanecer grandes períodos durante a safra alta, de modo a demonstrar dedicação e também obter um rendimento satisfatório a ponto de não necessitar voltar em outros períodos do ano.

Durante várias semanas, pelo período dos dezoito meses, pude acompanhar os jovens vendendo. Acompanhava-os enquanto caminhava pelas ruas ou indo até os locais onde eles se reuniam à noite: na pensão do Catete, no posto de gasolina da Urca, no CADEG/Rio em São Cristovão, no Maracanã, e notava que suas conversas versavam principalmente sobre suas vidas em Marataizes. Eles costumam ir para sua cidade de origem após uma ou duas semanas. Percebi que um mapa era traçado no e pelo movimento. E este tem permitido problematizar a condição plural da própria identidade e/ou condição “urbana” e “rural”. Esta condição plural tem reflexo direto, num contexto de caminhos que amealham redes (como linhas) num processo de socialização tanto no interior das equipes de jovens que vem ao Rio de Janeiro comercializar os frutos quanto na relação destes mesmos jovens para com os “da cidade”. Busco deste modo contribuir ao entendimento das novas relações que os múltiplos espaços e redes permitem construir.

Poderia me perguntar se os jovens estariam se territorializando. Como propõe Haesbaert (2002) “territorializar-se” significa também construir e/ou controlar fluxos e redes e criar referenciais simbólicos num espaço em, no e pelo movimento. Os territórios, aqui no caso dos jovens, aparecem como descontínuos e superpostos, visto que as redes podem estar tanto em processos que estruturam quanto que desestruturam territórios pois a mobilidade

²² Em relação à organização dos caminhões que vem ao Rio de Janeiro sendo oriundos de Marataizes reparei que existem (a)os caminhões que são de famílias que possuem roça de abacaxi e (b)os que são fretados por terceiros, sendo que estes compram os frutos de roças também de terceiros.

pelos espaços da cidade é grande. Acredito que ocorreria, ainda assim, um processo de territorialização enquanto apropriação de referenciais que passam a possibilitar a permanência dos jovens pelas ruas de modo mais seguro. Eles, por circularem pelos mesmos espaços da cidade, acabam sendo reconhecidos por outros ambulantes, por consumidores e até mesmo por outros comerciantes e conseguem criar vínculos que os tornam visíveis e possibilitam seu reconhecimento enquanto detentores das condições de permanecer nas ruas. Essa segurança seria principalmente um estado de espírito, já que muitos dos jovens vêm do interior e num primeiro momento sofrem com a distância da cidade natal. Estes jovens enfrentam a realidade diferenciada da cidade grande para colher os frutos a posteriori, através do reconhecimento por fazer parte do grupo de jovens que sai para vender e levar o nome da cidade para uma grande cidade.

1.5.3. Quais os espaços que ocupam?

As relações na cidade encontram-se situadas desde a esfera interna das equipes de trabalho até a externa, nas relações com os demais ambulantes, funcionários de postos de gasolina, donos de bar e pousadas e clientes. Os grupos encontram-se sempre no período que vai do final de tarde até o início da manhã. Estes encontros começam no caminhão, quando o caminhão percorre as ruas para os ‘recolher’, e em algum local onde o caminhão possa estacionar para que eles possam dormir e se preparar para o próximo dia de trabalho. É comum no princípio da noite os caminhões levarem os jovens até pousadas ou postos de gasolina para que os mesmos possam tomar um banho e jantar. Quando o caminhão chega a primeira coisa que eles fazem é pegar suas sacolas com algumas poucas peças de roupa e ir tomar um banho. Os caminhões costumam parar em locais como ruas pouco movimentadas dos bairros onde comercializam, mas o mais comum é irem para postos de gasolina (principalmente um posto na Urca), para o estádio do Maracanã ou para o CADEG. Esse é um momento em que muitos caminhões e muitos jovens se encontram. Pode participar de muitos encontros de final de dia e perceber que as equipes são bem articuladas e vivenciam a cidade de forma bem parecida, circulando pelas ruas e esquinas e em alguns casos, permanecendo nas esquinas que possibilitam a visualização do “rapa” se aproximando. Isso é possível pelo fato de que há uma circulação de alguns jovens por diversas equipes (jovens que algumas vezes vêm em uma equipe e retornam em outras, por particularidades tais como o desejo de permanecer mais tempo no Rio de Janeiro vendendo durante o período de venda boa) e a informação sobre onde costuma andar o “rapa” é difundida..

Os encontros para o banho e o jantar são momentos em que há uma divisão entre os distintos grupos de idade e de hierarquia (motoristas, responsáveis e vendedores). É o momento de contabilizar as vendas e planejar os dias seguintes. Mas é também momento de encontro, de troca, de receber notícias da família que ficou em Marataizes através de amigos que chegam de lá em outros caminhões. Momento de discutir o trabalho e sua dureza, tendo como contraponto os jovens que ficaram em Marataizes que são vistos como não aptos a realizar a jornada para vender na cidade, nessas discussões a sexualidade dos que ficam, muitas vezes, é colocada em dúvida e o valor simbólico da opção pelo deslocamento é ressaltado, numa constante valorização de características como honestidade, masculinidade, coragem, status diferenciado na comunidade, dentre outros.

A relação entre os jovens é reforçada nos momentos de descanso. Um dos locais em que os jovens costumam tomar um banho e jantar é a pensão de dona Joana. Dona Joana é uma senhora de mais de 60 anos oriunda de um município próximo a Marataizes, Cachoeiro do Itapemirim. A pensão tem três banheiros e cozinha com fogão industrial para conseguir dar conta da demanda por banho e comida nos momentos de maior movimento quando mais de 50 vendedores de abacaxi costumam procurar a pensão. A relação entre a dona da pensão e

os rapazes é tida como “de mãe para filho”, como afirmam ambas as partes. Ela própria não sabe como os rapazes a localizaram e isso é sempre ressaltado como se fosse uma questão que os unisse ainda mais. Ali na pensão eles têm a oportunidade de assistir televisão e comentar as notícias e as novelas. Formam-se grupos também entre os que gostam de novelas e os que não gostam e ocorrem muitas brincadeiras sobre essa opção por assistir televisão, e principalmente novelas. A pensão é bem localizada, pois fica próxima a maioria dos pontos de venda e central quando se pensa na dispersão das equipes pela zona sul. Ela possibilita, ainda, que os caminhões parem em lugares próximos para passar a noite. O custo da alimentação também é tido como “justo”. “Come-se bem e paga-se o justo” segundo muitos dos jovens.

Os postos de gasolina também são uma opção. Uma diferença é que nestes não há um espaço onde os jovens possam assistir a alguma programação na tevê, assim após o banho e a janta costuma-se ir direto para a carroceria do caminhão. A comida nos postos é considerada “mais fraca” e “cara” em relação à da pensão, por isso a mesma tem a preferência por parte dos jovens. Os funcionários dos postos de gasolina são muito solícitos e é comum as conversas versarem sobre o dia de trabalho e também sobre Marataizes. Os frentistas têm grande curiosidade para conhecer a cidade dos vendedores de abacaxi.

No mês de agosto tive a oportunidade de ir à um dos locais que é freqüentemente citado como “local pra na noite... tomar um banho, jantar, conversar um pouco e dormir, pra no outro dia estar de pé cedo e ir pra rua... pois o que dá o dinheiro é a venda do abacaxi.” (Desevi, 24 anos), que é um posto de gasolina na Urca. O lugar foi citado por diversos jovens com os quais conversei. Jovens de quatro caminhões diferentes disseram já ter parado neste posto para tomar banho e dormir. Fui ao encontro deles na noite de um sábado, ficando lá do período das 19h até 23h, as 23h já estavam todos dormindo. Quando cheguei não havia nenhum sinal de caminhões de abacaxi, então fui conversar com um frentista do posto. Ele me disse que realmente costumam chegar no início da noite alguns “caminhões com o pessoal que é de Marataizes e vende os abacaxis aqui no Rio”. Não demorou muito e chegou o primeiro de três caminhões naquela noite. Tive o ensejo de conversar com alguns dos jovens deste caminhão, porém como o dia tinha sido longo e cansativo e o que eles procuravam era “se preparar para dormir”, busquei ter a sensibilidade de observar mais do que inquirir. Vi que os caminhões costumavam chegar e o pessoal saía direto para conversar com os ocupantes dos outros caminhões, numa interação de muita intimidade e descontração. Conforme Gilberto, 33 anos,

“nos caminhões é tudo vizinho e parente... a gente daqui é tudo de Lagoa do Siri²³... tudo primo... e isso ajuda bastante pois o ruim no Rio é a violência, a gente anda com medo de ser assaltado. Procuramos andar com o dinheiro contado, mas a vida vale muito mais... nós costumávamos dormir no Maracanã também, alguns no caminhão e outros no chão mesmo e aí nós vamos numa pensão pra tomar banho e jantar... O esforço vale a pena pois no Rio bota a fruta e vende, em Marataizes não vende... nossa rotina aqui é acordar as 6h... tomar café... arrumar os frutos e vender até 18... 19h. É só trabalho, tomar banho, conversa, ver as notícias (principalmente as do

²³ A oportunidade de ter ido até Marataizes nos meses de Março e de Agosto se mostrou valiosa. No principio de meu campo no Rio percebi o pessoal de Marataizes muito arisco e desconfiado. Conforme fui percebendo o que dificultava uma melhor inserção e diálogo com eles era junto com os problemas relacionados ao ‘rapa’ o fato de eu não conhecer ‘de onde eles vinham’, alguns deles inclusive me falaram o seguinte: “... a gente não sabia quem você era e você vinha cheio de perguntas, curioso demais... aí a gente tem de desconfiar né!”. Quando voltei de Marataizes no final do mês de março houve a coincidência de já ter me tornado mais próximo de alguns dos jovens que passei a acompanhar e a possibilidade de falar sobre as coisas da cidade deles e, principalmente, entender quando eles falavam dos vizinhos, das roças, das praias, dentre outras coisas. O dialogo fluía e as informações foram sendo balizadas por conversas mais soltas e amplas.

futebol!!!) e ir dormir... sou da roça, guardo o dinheiro que ganho... O pessoal valoriza os que trabalham, buscam frutos na roça, no CADEG. Não é qualquer um que vem com as cargas.”

Atento ao que acontecia ao meu redor, notei que as conversas giravam em torno do dia-a-dia, das idas e vindas ao Rio de Janeiro, da preocupação e da organização com o ‘banho e a comida’. Outro fato que chamou a atenção foi o de que os mais jovens, na faixa dos 15 a 20 anos, se reuniram num pequeno grupo que estava mais quieto se comparado aos de mais idade, que ficavam mais próximo dos caminhões e conversava em voz alta sobre a programação para o dia seguinte (domingo), um dia cheio de trabalho segundo eles. A venda de sábado foi considerada por todos como satisfatória e, inclusive, o grupo de um dos caminhões esperava ‘terminar a carga’ para voltar a Marataizes na manhã da segunda-feira²⁴. A sociabilidade interna do grupo realçava (e parecia reforçar) os laços e as notícias relativas ao interior, suas idas e vindas e sua opção por vir ao Rio de Janeiro “como trabalho”.

Um dos jovens com o qual conversei foi Reginaldo, 23 anos, que costuma vender no carrinho. O caminhão no qual ele estava, fica sábado e domingo pela Urca e nos outros dias vai pra Barra da Tijuca, onde não há maiores problemas com fiscalização... “que leva mercadoria e dinheiro... de vez em quando temos de dar dinheiro pra eles não nos prejudicarem”. Costumam dormir ali mesmo na Urca, no posto de gasolina, e durante a semana lá pelos lados da Barra da Tijuca no caminhão mesmo. Ele disse trabalhar nos períodos de setembro à janeiro com a venda de abacaxi, que é buscada na roça, 3mil abacaxis por semana, e de fevereiro à abril, época de melancia que eles pegam no CADEG (São Cristóvão) e nos caminhões oriundos da Bahia e do Rio Grande do Sul. Reginaldo afirmou morar na zona rural de Marataizes, na casa dos pais, e vende abacaxi há aproximadamente 10 anos, junto com vizinhos e parentes de Marataizes. Os vendedores do caminhão, segundo ele, ficam todos espalhados pela Zona Sul. Ele tem dois irmãos (28 e 32 anos) e uma irmã (de 34 anos). Os irmãos são casados e plantam abacaxi em terras arrendadas e a irmã é casada e cuida da casa. Em relação ao Rio de Janeiro ele disse: “aqui é só trabalho em Marataizes é bom, calmo, mas não tem serviço, mas eu moro é lá. É lá que conheço as pessoas”.

Feita a alimentação os caminhões costumam se espalhar pelas ruas de menor trânsito, para encontrar um lugar para estacionar onde os jovens possam dormir. Já na saída da pensão ou dos postos já há jovens dormindo nas carrocerias. O clima de excitação pelo encontro durante a janta é estendido por alguns até o encontro do lugar de pouso mas a grande maioria já dorme após a janta. A carroceria do caminhão normalmente é tomada de palha, abacaxi e carrinhos de mão (carrinhos com os quais eles vendem os abacaxis). Então os jovens costumam se aninhar nos locais vazios da carroceria com seus colchões para dormir (ver Foto 9) (é comum também, em dias muito quentes de verão, os jovens colocarem seus colchões sob o caminhão para dormir). Normalmente quando estão reunidos os jovens estão ou pensando e preparando o dia ou cansados e querendo descansar e jogar conversa fora. Os momentos reunidos são momentos de reforço dos laços que sustentam o grupo. São poucos os casos em que uma pessoa do grupo saí para farrear ou beber. Segundo informações, não costuma surgir nenhum problema nos grupos que são montados para a comercialização²⁵. Agora, foi possível perceber que alguns jovens formam grupos para caminhar a noite, após o jantar, por exemplo,

²⁴ Os jovens estavam comercializando frutos (pokan, morangos, bananas, papaias) que haviam comprado no CADEG do Rio de Janeiro.

²⁵ Houve um caso, que pude acompanhar, em que um jovem foi repreendido por haver vendido frutos e não tendo entregue os mesmos. Após, o fato ter ocorrido, um de seus colegas me disse que o jovem estava ‘metido com bebidas’ e tinha sido afastado, tendo inclusive problemas de colocação nos grupos.

para percorrer conversando em voz alta, muitas vezes, as mesmas ruas que percorreu calado durante o dia.

FOTO 9 – INTERIOR DA CARROCERIA DE UM CAMINHÃO, ONDE OS JOVENS COSTUMAM VIAJAR E DORMIR



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Durante o dia, que começa com os jovens indo a algum bar, já conhecido, para tomar uma xícara de café com um pão com manteiga. Feito isso, os caminhões partem para seus destinos, deixando os jovens pelas esquinas da zona sul. Nas ruas os jovens passam a se relacionar então com outros atores. Outros ambulantes passam a ser referência para eles, sejam pelo preço camarada na mercadoria que vendem (muitas vezes trocadas por abacaxis) seja pelas informações sobre a circulação de clientes ou da kombi da fiscalização. A disposição dos jovens pelas ruas está condicionada pelo tempo e pelo espaço. Quando é dia de semana e horário comercial os jovens procuram lugares mais afastados ou então se colocam de modo a poder escapar da fiscalização com rapidez. Os clientes que compram os frutos são desde os pedestres até os que passam com seus carros, interessante notar que, normalmente, o preço é diferenciado. Cliente de carro paga mais pelo mesmo tipo de produto. As ruas são ocupadas obedecendo um certo ordenamento também quanto a relação para com os comerciantes já estabelecidos. Procura-se não se envolver ou afrontar estabelecimentos que comercializem frutos e busca-se uma articulação com donos e funcionários de bares e outros comércios que possuam um banheiro, por exemplo.

1.5.4. Com quem se relacionam? Como são vistos?

Em seus deslocamentos pelas ruas e esquinas do Rio de Janeiro os jovens têm contato com diferentes atores. Passam a conviver de forma direta com amigos de infância no espaço do trabalho, com comerciantes incomodados com sua presença, com ambulantes que estão na mesma situação de precariedade e com clientes, desde os que compram somente umas poucas vezes até os que compram todas as semanas, delineando um universo constituído por práticas ordenadas através do espaço e do tempo característicos deste caso específico.

A relação com os clientes normalmente é distante, reflexo dos medos que tem da apreensão da mercadoria por parte da fiscalização, o rapa. No dia a dia da cidade os jovens já aprenderam muitas artimanhas, principalmente em observações da rotina de vendas. Há uma diferenciação no atendimento e no preço destinado a clientes que param os carros para comprar e para os pedestres, por exemplo. Essa opção parece estar assentada na mobilidade e na condição de ausência/presença que os torna invisíveis para a maioria dos que circulam pelas grandes cidades.

Assim sendo, os jovens procuram se manter em sua posição sem chamar atenção. O que deve chamar atenção segundo eles são os frutos. Pela situação de informalidade em que estão, chamar a atenção é atrair os olhares principalmente da fiscalização e dos comerciantes que se sentem invadidos em seus espaços de comercialização. Essa condição faz com que a interação seja maior para com os pares, outros vendedores de frutos ou mesmo ambulantes diversos e comerciantes que não disputam o mercado com eles. Estes comerciantes são principalmente donos de bares com os quais eles mantêm uma boa relação se beneficiando aqui da possibilidade de utilizar um banheiro ou tomar um copo de água. Segundo relatos, “... com estes é possível contar”. Contar nesse caso seria principalmente no caso da necessidade de uma ida até um banheiro ou na fuga dos fiscais.

Os ambulantes têm a mesma preocupação para com a fiscalização. Essa preocupação, segundo alguns dos vendedores de abacaxi, os une enquanto 'bandidos'. Bandido na fala deles tem um valor de quem está sendo perseguido, “procurado”, pela polícia, mesmo que segundo eles não tenha nenhum crime sendo realizado. Os próprios jovens costumam dizer que são procurados todos os dias e se indignam com a situação, pois estão “trabalhando honestamente e buscando o pouco dinheiro que podem onde podem”. Alguns chegam a afirmar que “... dá mais para confiar em bandido que em polícia aqui no Rio...”. Acontece, e é muito comum, de os fiscais exigirem frutos como forma de 'liberar' a carga de apreensão. Isso incomoda, porém parece também dar uma certa margem de segurança para que as vendas ocorram pelas ruas. Fatos como estes relacionados principalmente as dificuldades que a fiscalização da prefeitura impõem à venda dos frutos pelas ruas por parte dos jovens são muito comentados em Marataizes e parecem reforçar ainda mais os laços afetivos que seguram os jovens à suas famílias.

Os jovens muitas vezes se sentem deslocados na “cidade grande”, refutando uma aproximação maior com os seus moradores. Isto parece ocorrer principalmente pela sua inserção marginal, lembrada a eles a todos os momentos pelas ameaças dos fiscais da prefeitura e pelos deslocamentos feitos pela cidade para evitá-los. Eles devem ficar quietos para não atrair olhares que os destaquem na paisagem e os revelem. Esse deslocamento e essa “inferioridade” parece ocorrer justamente pelo fato de que a comunicação entre eles e os consumidores tem de ser diminuta. Como contraponto, o que deve aparecer, e aparece, é o fruto.

Por outro lado, há também um resgate da auto-estima e uma valorização de algo que eles prezam muito: as relações com a família e toda a comunidade, o trabalho nas roças e a confiança que dá a eles a possibilidade de vender os abacaxis pelas ruas. No abacaxi está o suor de familiares e amigos. No abacaxi está mais que o seu sustento, está a sua representação e imagem de alguém que é quisto pela cidade grande e como o fruto vai e vem conforme a atenção e o trabalho que se dedica a ele.

Como veremos, a produção de abacaxi no município de Marataizes é muito valorizado e ter um canal de venda direta com uma cidade grande mantida por grupos de jovens da cidade fomenta principalmente o sentimento de que a cidade é uma cidade de gente simples e trabalhadora. Segundo um dos vendedores,

“... lá em Marataizes a gente está em casa, mas se tiver de sair a gente sai, querendo voltar logo mas sai. Trabalhar longe não é problema, trabalhar

longe é algo que desde muito se faz... para vender os nossos frutos e buscar o pão de cada dia, mas bom é estar junto dos nossos.” (Luciano, 28 anos, Lagoa Funda).

Como desenvolvo a seguir, o desejo do retorno está presente e é uma etapa do deslocamento para a cidade. Se vai querendo voltar.

Porque será? Como será Marataizes?

CAPÍTULO II

OS LAÇOS DE VIDA EM MARATAIZES, PARTIDAS E CHEGADAS

“No mar estava escrita uma cidade”

Carlos Drummond de Andrade

O presente capítulo procura discutir os principais aspectos sociais²⁶ envolvidos na opção de diversas famílias pelo trabalho com a cultura do abacaxi focando a origem e a formação das comunidades e o reflexo dessa formação nos grupos de trabalho para a produção e a comercialização do fruto. Buscar-se-á, nessa perspectiva, compreender como diferentes formas de vivenciar o espaço, suas potencialidades e as posições ocupadas pelos agentes interferem nas composições e articulações possibilitando a saída e o retorno dos jovens que comercializam frutos nas ruas e esquinas das grandes cidades.

Faço isso, tendo como cenário as três comunidades rurais de Marataizes/ES que são o local de residência da maioria dos jovens comerciantes, lançando luz principalmente sobre os laços que parecem sustentar e dinamizar as redes sociais que têm origem nessas comunidades e que têm tornado possível conjugar presença-ausência de forma concomitante numa constante mobilidade e balanço.

O que sustento neste capítulo é que as relações de vizinhança e parentesco (perpassadas fortemente pela afetividade e vivenciadas nessas pequenas comunidades) parecem balizar efetivamente todos os construtos sociais (história, organização geográfica e econômica) a partir dos quais se alicerçam as opções por parte dessa parcela da juventude e de suas famílias.

Para ter sucesso em tal empresa buscamos organizar o capítulo da seguinte forma: um panorama geral sobre o município de Marataizes, uma visão mais detalhada sobre as três comunidades estudadas (levando em conta, sua formação e sua conformação tendo em vista a organização da produção e da comercialização) para que seja possível perceber o reflexo da mobilidade, um cíclico sair-ficar-voltar-ficar-sair, no cotidiano desses jovens e suas famílias, e a disposição para lidar com o vai-e-vem dos jovens que comercializam os frutos.

2.1. Marataizes: Uma Aproximação Geo-Histórica

Marataizes²⁷ é uma cidade litorânea do sul do Estado do Espírito Santo²⁸, distante 110

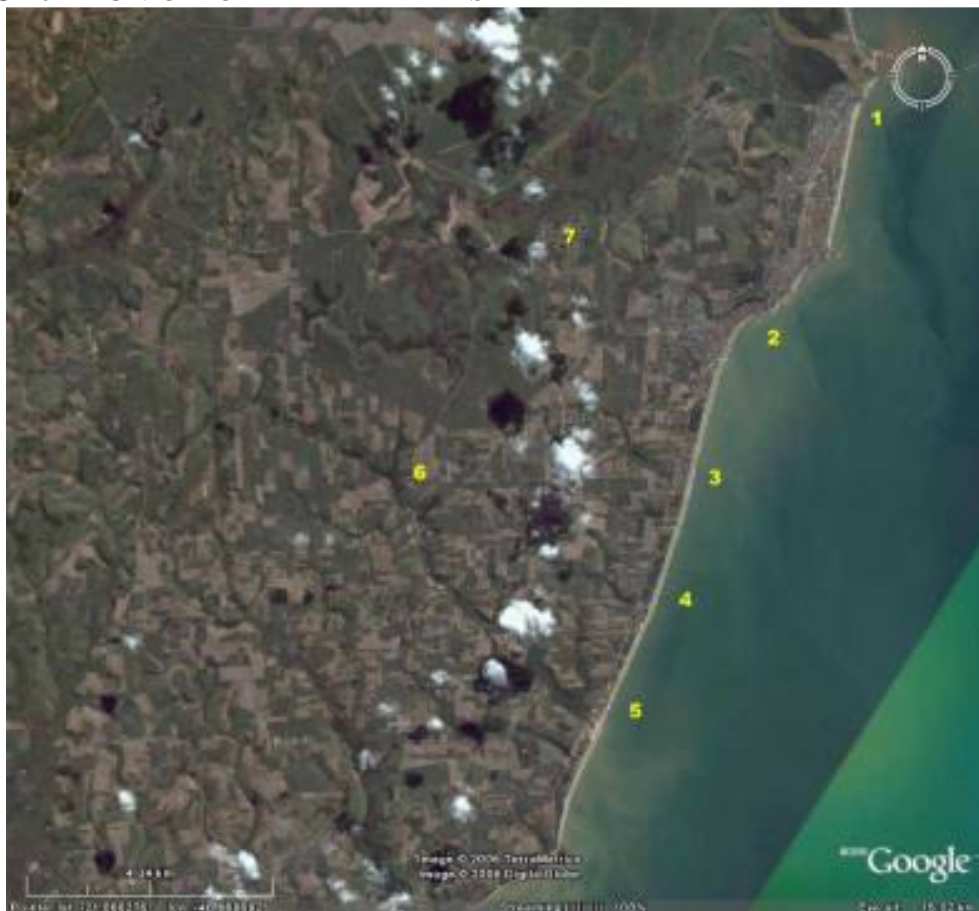
²⁶ Entendendo que o social é um construto que pode ser situado temporalmente e espacialmente e fornece as coordenadas nas quais situamos nosso viver individual.

²⁷ O nome Marataízes tem origem na língua tupi-guarani e significa "água que corre para o mar", graças à grande quantidade de lagoas que vão de encontro ao mar.

km da capital (Vitória). O município partilha sua origem histórica com Itapemirim, cujo povoamento teve início no ano de 1539, quando Pedro da Silveira estabeleceu sua fazenda perto da foz do rio Itapemirim. No ano de 1700, chegavam da Bahia Domingos Freitas Bueno Caxangá, Pedro Silveira e outros que se ocuparam da cultura da cana-de-açúcar²⁹.

O Porto da Barra do Itapemirim, limite norte do município (ver Foto 10), foi a principal entrada de imigrantes portugueses, italianos, franceses, libaneses e holandeses que se instalaram e colonizaram o sul do Espírito Santo, entre 1876 e 1930, e também principal escoadouro de produtos agrícolas, madeiras e minerais trazidos por tropeiros até o litoral, oriundos do interior e de Minas Gerais e levados para a corte no Rio de Janeiro e Bahia no período imperial.

FOTO 10 - MUNICÍPIO DE MARATAIZES



Fonte: Google Earth, 2006.

- | | |
|---|---------------------|
| 1 – Foz do Rio Itapemirim, limite norte do município. | |
| 2 – Colônia central de pescadores | 4 – Lagoa Dantas |
| 3 – Lagoa Funda | 5 – Lagoa do Siri |
| 6 – Jacarandá | 7 – Usina Paineiras |

²⁸ O trecho sul da costa capixaba é formado por uma faixa litorânea de 156 km que se estende do canal da Praia da Fruta, divisa dos municípios de Vila Velha e Guarapari, até o Rio Itabapoama, divisa dos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro.

²⁹ Na porção norte do município as lavouras de cana-de-açúcar dominam a paisagem e há uma grande usina, Usina de Paineiras. Na metade do século 19, a região produzia mais da metade de todo o açúcar e aguardente do Estado.

O município foi criado em 14 de janeiro de 1992, pela Lei nº 4.619, desmembrado de Itapemirim, e instalado em 1º de janeiro de 1997. Sua população, em 2000, era de aproximadamente 30.603 habitantes (população urbana de 23.757 habitantes (77,3%) e população rural de 6.846 habitantes (22,7%)) e sua área de 135 km²³⁰. Antiga aldeia de pescadores, a partir da década de 50 firmou-se como balneário, ganhando fama por sua beleza, tranquilidade e areias monazíticas, atraindo muitos turistas.

Sua economia é baseada na pesca (ver Foto 11), nas produções de abacaxi e cana-de-açúcar, pequenas culturas (mandioca, maracujá, etc...) e no turismo, com grande tendência de crescimento e, muito em breve, na extração de petróleo, pois foi confirmada a existência em toda extensão costeira do município. O processo de ocupação turística do litoral sul do Espírito Santo avançou na década de 1950. Motivados principalmente pelas características de sua costa recortada, que propicia a formação de enseadas de águas claras e calmas e a presença de areias monazíticas, os primeiros fluxos turísticos se dirigiram às praias Areia Preta e Castanheiras, no município de Guarapari, e a praia da Vila de Marataízes, hoje sede do município de mesmo nome. Marataízes, antes uma pequena vila de pescadores, tornava-se um destino turístico procurado principalmente por moradores de Cachoeiro do Itapemirim, a principal cidade do sul do Estado naquele período.

FOTO 11 – PORTO CENTRAL, AONDE CHEGAM OS BARCOS CARREGADOS DE PESCADO.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

No final da década de 1960, Guarapari e Marataízes já experimentavam os efeitos do turismo de massa. Foi neste período que se iniciaram os maiores fluxos de turistas de fora do Estado para Marataízes, provenientes principalmente de Belo Horizonte, Juiz de Fora, Goiânia e Rio de Janeiro (MARATAÍZES, 2002).

A fruticultura no estado do Espírito Santo é uma das atividades agrícolas mais recentes

³⁰ Segundo dados do IBGE. Censo demográfico, 2000.

quando comparada com a cafeicultura e a pecuária. A sua introdução foi marcada pelo plantio de lavouras de banana prata nas áreas cafeeiras que estavam sendo erradicadas na década de 60. Historicamente a economia do estado do Espírito Santo ficou na dependência do setor primário, que passou a mudar, a partir dos anos 1960, com o expressivo crescimento industrial e do setor de serviços, impondo a necessidade de outras atividades capazes de gerar emprego e dar suporte à economia. Segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Espírito Santo, nos anos 70, foram implantadas lavouras comerciais de abacaxi (ver foto 12 nos municípios de Itapemirim, Marataizes e Serra, litoral sul do estado).

FOTO 12 – LAVOURA DE ABACAXI EM LAGOA FUNDA, MARATAIZES



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Hoje, a cultura do abacaxi tem espaço privilegiado na dinâmica econômica e social da cidade. Marataizes é a maior produtora capixaba e se destaca na produção do fruto há quase quatro décadas³¹. A área plantada, no ano de 2002, foi de aproximadamente 1500 ha., correspondendo a 75,7% da área total plantada no estado do Espírito Santo, número de hectares que se manteve estável nos últimos anos. São quatro as comunidades rurais onde o abacaxi é cultivado: Jacarandá³², Lagoa Funda, Lagoa Dantas e Lagoa do Siri (ver Foto 13). As três últimas, localizadas na chamada ‘área das Lagoas’, são as comunidades de onde é oriunda a maioria dos jovens que vêm comercializar frutos no Rio de Janeiro, dentre os saídos de Marataizes. Estas três comunidades estão situadas na porção sul do município e é nesta região que encontramos os tabuleiros costeiros, área considerada propícia ao cultivo do abacaxi.

³¹ Conversas realizadas com produtores corroboraram essa informação e tive a oportunidade de conversar com um produtor que lidam com o fruto há mais de 30 anos.

³² Jacarandá se localiza distante da faixa litorânea, no oeste do município.

FOTO 13 – REGIÃO DAS LAGOAS



Fonte: Google Earth, 2006.

1 – Lagoa Funda

2 – Lagoa Dantas

3 – Lagoa do Siri

Nessa porção do município tem-se pouca urbanização. São poucas as vias de ligação entre as comunidades e, também, entre estas e a área urbana do município (centro administrativo e comercial)³³. As construções se resumem às moradias dos moradores fixos e às dos veranistas e numas poucas construções destinadas ao comércio local (bares, padarias, lojas de material de construção e camping). O ambiente que privilegia a natureza, com praias e lavouras comungando áreas próximas, é um dos atrativos para que, no período de dezembro a fevereiro, o turismo infle as comunidades, com grande circulação de carros, pessoas e capital, vindos de locais distantes. Segundo os moradores com os quais conversei, a maioria das pessoas que vem visitar Marataizes é de Minas Gerais, ‘os mineiros’, e alguns gostam tanto que acabam comprando casas para passar as temporadas de férias seguintes, programando um possível estabelecimento definitivo no lugar quando de suas aposentadorias. Essa invasão por parte de estranhos era vista como positiva por parte dos moradores com os quais tive oportunidade de conversar, porém todos demonstraram uma grande preocupação para com os valores que chegam durante o verão: drogas, bebidas, roubos e arruaças se

³³ As pessoas costumam se encontrar muito por esses caminhos e as notícias e informações sobre as coisas das famílias da comunidade circulam muito no boca-boca. Que possibilita também possíveis visitas.

tornaram uma constante nos verões dos anos mais recentes (2004, 2005, 2006). Sendo que o verão de 2004 foi especialmente traumático. Um crime chocou as comunidades das Lagoas e foi relatado de modo recorrente pela maioria das pessoas com as quais conversei. Na Lagoa Dantas um senhor que havia optado por fixar residência no local, muito querido por todos, foi torturado e assassinado por jovens que estavam drogados e em busca de dinheiro para mais diversão. Desde então, segundo os entrevistados, a vigilância sobre quem circula pelas comunidades é maior.

Minha presença nas localidades, em março de 2005, foi emblemática no que se refere a perceber o estranhamento dos moradores das comunidades rurais para com um visitante. Neste caso, na condição de visitante pude perceber como é importante conhecer alguém nas localidades para evitar problemas. Apesar de me sentir próximo ao mar, eu era o próprio peixe fora da água.

Recém chegado à cidade, às cinco e trinta da manhã, optei por deixar minhas coisas no hotel e circular pela área urbana da sede do município de modo a perceber como se articulava a sociedade e a economia locais. Mesmo na área central da cidade, a circulação de pessoas não era grande e pude perceber, através de conversas com diversos comerciantes, que a economia do município estava esvaziada após o período forte para o turismo. Mantive conversas com donos e funcionários de diversas lojas e restaurantes e todos falaram da dificuldade de manter seus estabelecimentos abertos durante todo o ano. O panorama pintado era de desolação. A cidade tem alguns poucos prédios novos, sendo que a imensa maioria destes é destinada ao aluguel para os turistas e moradores secundários (que só vão a Marataizes em poucos finais de semana durante o ano e na época de verão) e muitas igrejas. Tomei informações sobre a disposição geográfica e os pontos de referência que os moradores da área urbana tem da cidade como um todo. As principais referências foram: o turismo (tendo as praias, as lagoas e a tranquilidade como maiores atrativos); a agricultura (principalmente as culturas de abacaxi, mandioca e cana-de-açúcar); as diversas praias e suas peculiaridades (inclusive a impossibilidade de evitar que a faixa de areia da praia da Barra diminua, fato que tem espantado os turistas, segundo alguns “... a praia mais bonita agora está feia e não dá pra ficar lá.”); e, a visível diferenciação da área rural do município. Segundo a maioria das pessoas com as quais conversei na área urbana, o norte seria o lugar das grandes propriedades destinadas a cultura da cana-de-açúcar e o sul o das pequenas propriedades com lavouras de abacaxi e mandioca. Não faltaram também referências ao fato de Marataizes ser município vizinho, limítrofe, Cachoeiro do Itapemirim, terra do rei Roberto Carlos.

Depois dessa rápida incursão na área urbana, decidi me dirigir até localidade na área das Lagoas, zona de roças de abacaxi, onde iria encontrar alguns informantes com os quais mantivera contato no Rio de Janeiro.

Na rua mesmo, busquei informações sobre como proceder para chegar lá e me dirigi até a via principal da cidade para tomar o ônibus. O ônibus prontamente chegou, eu sabia o horário do mesmo e, inclusive, o nome do motorista - nome que foi devidamente conferido – por informações recebidas junto aos transeuntes e pessoas na parada. Outra peculiaridade é a sistema de rádio (caixas de som penduradas nos postes) que costuma transmitir durante todo o dia músicas evangélicas e sucessos nacionais e internacionais. Inclusive, todos os dias às sete horas iniciava-se a programação com o Hino Nacional Brasileiro e às dezoito horas ecoava a oração Ave Maria. Enfim, começava a lidar com o controle e o interconhecimento nas distintas localidades pelas quais passava. Dentro do veículo todas as pessoas conversavam entre si demonstrando se conhecer, com alguma intimidade nas conversas, que versavam sobre o cotidiano das comunidades e a situação das famílias. O motorista sabia o ponto em que cada uma delas iria desembarcar. Eu, neste primeiro momento, optei só conversar somente com a pessoa que estava ao meu lado e esta vendo que eu não era de Marataizes fez

uma pergunta pra mim que se tornou freqüente: “Está de férias por aqui?”.

Durante o trajeto pude ver dois caminhões com jovens prontos para irem para a cidade comercializar abacaxis (era o final da safra daquele verão). Vi, pela primeira vez em Marataizes, como estavam distribuídos os jovens, os frutos e os carrinhos. Na cabine estavam o motorista e mais dois jovens. Na carroceria estavam mais ou menos cinco jovens, junto à carga de abacaxis, e no alto da carroceria, amarrados, estavam sete carrinhos de mão. Essa distribuição era igual nos dois caminhões. Os caminhões estavam na saída de uma via secundária que se encontra com a via que liga a área urbana às três Lagoas. Fui no ônibus conversando, e sendo observado, e desembarquei no final da linha, na Lagoa do Siri. Voltei caminhando até Lagoa Dantas, onde iria encontrar alguns jovens e conversar com a família de um deles, dona de um pequeno comércio, sobre a possibilidade de alugar um quarto onde eu pudesse passar meus dias. Encontrei facilmente a família, todos na localidade pareciam se conhecer (o que foi mais percebido talvez, pelo fato da família que eu procurava ser a proprietária do maior comércio do local). Cheguei até esta família por intermédio de um jovem, Thiago (23 anos), que acompanhei pelas ruas do bairro do Catete, que é primo do chefe da família, seu Cláudio (52 anos). Thiago me pareceu bem articulado e indicou a casa de seu primo. Ele explicou a localização e como, inclusive no comércio, eu poderia encontrar também muitas pessoas das localidades. Acertei os detalhes de minha estadia e fui percorrer os caminhos da Lagoa Dantas, optando naquele momento em ir até a beira mar, onde, segundo os moradores, ficava a igrejinha católica da comunidade.

A igreja estava fechada, mas pude perceber que começavam a chegar jovens para jogar uma partida de futebol³⁴ no campinho ao lado da igreja da Lagoa.

O futebol foi uma das primeiras formas pelas quais eu observei os jovens da comunidade em seu local de origem. A experiência da observação participante, pelo menos no futebol, foi muito reveladora: a maioria dos jovens com os quais conversei na partida já havia se deslocado com o intuito de vender frutos numa cidade grande, muitos deles no Rio de Janeiro³⁵.

Calmamente me aproximei do campo de jogo (ver Foto 14) e fiquei observando enquanto quatro jovens chutavam a bola a gol enquanto pareciam estar esperando mais amigos para formar os times e começar uma partida. Dois outros que chegavam vieram conversar comigo, pois havíamos nos encontrado algumas vezes pelas ruas do Rio de Janeiro e a curiosidade nos aproximou. Conversava com eles, ambos eram de famílias produtoras de abacaxi e costumavam sair para comercializar, e ia me dirigindo até um banco da praça que fica ao lado da igreja quando eles me convidaram para jogar. Num primeiro momento eu disse que não jogaria que ficaria somente observando³⁶. Foi quando um deles pegou a bola e disse que somente a liberaria para o jogo depois de formados os times. Quando as equipes estavam em formação viu-se que o número de jogadores era ímpar e uma delas ficaria com mais jogadores que a outra. Então um dos mais jovens em campo me convidou novamente a participar. Vendo a animação de todos, resolvi aceitar o convite e optei por sair jogando como goleiro. Estava tomando um lugar importante na equipe. Eu me via como o jogador sob o qual

³⁴ O futebol no final de tarde é praticado e muito apreciado por muitos dos jovens de nosso país. Nas comunidades que visitei não é diferente. Na maioria dos finais de tarde dos dias em que estive em Marataizes houve futebol no campinho da comunidade onde fiquei.

³⁵ Esse primeiro contato, através de uma partida de futebol foi uma bela forma de começar minha relação com todos os jovens das Lagoas. Era comum, depois disso, receber convites para jogar no final de tarde. Algumas vezes pude participar, noutras não. Mas sempre me alegra a lembrança das partidas.

³⁶ Imaginem o impacto de um gol contra ou uma falta mais violenta no decorrer de minha pesquisa. Eu imaginei.

recaía a responsabilidade de evitar a entrada da bola na meta. Evitar uma derrota do time ao qual eu fazia parte.

FOTO 14 – CAMPO DE FUTEBOL DE LAGOA DANTAS



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Os times eram formados por “jovens” com idade variando de 13 à 40 anos, aproximadamente. Foi muito emblemático observar como e com quem as brincadeiras eram feitas durante o decorrer da partida e como havia nelas uma forma respeitosa de mostrar como seria a própria vida, como viver momentos adversos e respeitar o próximo, por exemplo. Eram feitas brincadeiras leves como tapinhas e simulações de agressões, abraços e sorrisos, palavras como: a bola não morde... vai atrás da bola por que ela não vem sozinha pra ti... ela só vem se alguém te passar. Os gols se sucediam e eram poucos os que sabiam o placar. Os de mais idade eram os que formavam os times e tinham permissão para observar os mais novos correr pelo campo todo, eram também os que permaneciam na defesa deixando o espaço do ataque para os jovens com maior fôlego e disposição para buscar o gol. Eu procurei me situar no jogo percebendo o que poderia estar ditando os distintos momentos.

Durante a própria partida, conversávamos muito. Todos se conheciam (eram vizinhos e parentes) e eram curiosos por saber quem eu era. Trocando passes e informações, eles souberam que eu vinha do Rio de Janeiro³⁷ e estava ali para acompanhá-los e assim saber mais de suas vidas e da importância da cultura do abacaxi nestas e na região. Os meus companheiros de partida se interessaram também pela minha mobilidade e pela forma que eu havia chegado ali e onde permaneceria. Muitos afirmavam, “então você veio no caminhão do fulano!” e “vai ficar na casa do fulano?”. Quando eu explicava que tinha vindo sozinho e de ônibus muitos estranhavam, mas quando eu dizia na casa de quem iria ficar e que já havia vindo parar ali seguindo indicações do Thiago, conversado com a família de seu Cláudio, era

³⁷ Foi interessante e divertido perceber que a totalidade dos participantes do jogo era torcedor dos times cariocas.

como se ali, junto a eles, eu pudesse passar a circular.

Terminado o futebol os jovens foram calmamente até o mar. Dos dezesseis jogadores, uns poucos entraram na água. Depois de uma partida, jogada coletivamente e efusivamente, eles se banharam solitários e em silêncio, mirando o infinito na linha do horizonte. Ao voltarem seus olhares para a areia, onde estavam os que ficaram, receberam olhares de respeito e aprovação, inclusive o meu.

Finda essa jornada, me despedi de todos, prometendo jogar mais partidas e fui pegar o ônibus em direção à cidade para minha última noite no hotel, ciente de que as possibilidades de adentrar ao campo da pesquisa estavam se realizando. O meu medo de um possível estranhamento havia sido superado. E, assim, empreendia um olhar com acuidade no universo impar das três Lagoas de Marataizes, universo que somente conhecia pelos relatos dos jovens quando da permanência destes no Rio de Janeiro³⁸.

No outro dia pela manhã fui fixar minha base nas Lagoas. Lá eu pude conversar com jovens e suas famílias. No princípio dessas conversas o meu maior interesse era saber sobre a formação das comunidades³⁹ e como essa formação estava ligada à cultura do abacaxi.

2.2. A Cultura do Abacaxi

O primeiro impacto sobre a formação das comunidades foi sobre seu aspecto espacial, as próprias roças de abacaxi “saltam aos olhos”. O que passei a notar foi que nesta porção do município as lavouras de abacaxi inundam a paisagem, como sendo uma nova praia onde se adentra para buscar o sustento. A falta de pavimentação da Rodovia do Sol (ES-060), que se interrompia justamente neste trecho, afetou decisivamente a ocupação territorial devido ao acesso difícil⁴⁰. No ano de 2005, essa rodovia foi asfaltada, sendo esta melhora motivo de orgulho para muitos moradores das comunidades. Muitos deles falaram da possibilidade de deslocamento mais rápido para ir comercializar o fruto em outras cidades⁴¹ e do melhor

³⁸ Ir até Marataizes nessa época foi uma decisão que me pareceu acertada. Encontrava dificuldade em ter maior capacidade argumentativa e até mesmo intimidade junto aos jovens comerciantes. Indo até a cidade deles passei a ter alguns referenciais que me possibilitaram desde diálogos mais profundos sobre sua condição até um estreitamento de laços de amizade com alguns deles e suas famílias.

³⁹ Habermas (1989) e Sahlins (1979) nos ajudam no intuito de tentar fundamentar que os processos sociais vividos pelos moradores e pelos espaços sociais de grande mutação (meio rural/agrícola e família) não podem ser explicados unicamente no horizonte dos níveis alcançados pelas forças produtivas e de sua determinação nas relações de produção. Há uma dinâmica intersubjetiva no agir social que não se funda unicamente na razão objetivadora de fins. O horizonte da inter-subjetividade comunicativa envolve imagens de mundo no espaço do vivido, formando estruturas normativas de ação e interação, bem como processos de aprendizagem no âmbito do entendimento, dos valores e crenças morais na regulamentação de conflitos. Os indivíduos, para agir socialmente no plano individual, incorporam as informações a fim de que sejam explicitadas como respostas aos processos sociais e às condições históricas na sua mútua influência. Essa mútua influência permite (re)interpretar e (re)elaborar a consciência das experiências vividas (anteriores) no vivido presente e no âmbito do patrimônio cultural, afetivo e moral.

⁴⁰ Trecho servido de recursos atraentes como praias, rios e lagoas, há grandes possibilidades de uma revitalização do desenvolvimento turístico local, condicionado basicamente a melhoria da infraestrutura suporte em seu trecho sul e a ordenação do uso do território.

⁴¹ O que é de suma importância, pois o abacaxi é um produto perecível.

acesso dos turistas a região⁴². Concomitante ao orgulho pela nova condição da rodovia, havia uma queixa que demonstrava um receio por parte de todos os moradores. A circulação de pessoas pelas vias é vista como positiva, porém a estrada corta as lavouras de abacaxi e tinha se tornado corriqueiro, naquele ano, o fato de um grande número de turistas pararem seus carros para ‘roubar’ alguns frutos. Essa atitude era considerada uma falta de respeito para com o trabalho de toda a comunidade e lançava medo acerca da nova situação das Lagoas. Segundo os moradores, “quem rouba um abacaxi pode roubar muito mais”.

Uma das formas de proteger as roças de abacaxi consistia em um cercamento. Mas um cercamento, disfarçado, realizado com o plantio de mandioca na beira da estrada⁴³, “a mandioca fica escondida no solo e não é vistosa como o abacaxi” (ver foto 15). Ao proteger as lavouras de abacaxi dessa forma os produtores também acabam tendo de modificar algo da paisagem que eles valorizam e esta ligado ao imaginário de toda a comunidade: a beleza das roças de abacaxi proporcionada pelo seu cuidado com as mesmas e pelo seu trabalho duro.

Todos os moradores falam com orgulho das roças. Um dos jovens produtores, por exemplo, diz o seguinte:

“... as roças de abacaxi são a nossa vida. A gente lida com isso desde novo. Eu tenho marca nas pernas feitas pelos espinhos do abacaxi quando ajudava na colheita. É uma lida difícil. Mas quem já viu uma roça de abacaxi quando pronta pra colher fica feliz... acha bonito. Inclusive os de fora comentam. Quem trabalha não vê a hora de ver o fruto ficando dourado e pronto para colher. Quando o abacaxi está no ponto é muito bonito. A roça fica cheia de pontos dourados. Fica como ouro brilhando no meio do verde e vai até longe. É a nossa riqueza. É de onde tiramos o sustento. Mas agora tem mais essa preocupação. Antes ninguém, a não ser o trabalhador da colheita, entrava ali. A própria planta nos ajudava a proteger o que era nosso. Ela tem muito espinho e machuca mesmo. Precisa usar calça comprida e aqui só na roça se usa calça comprida (ou na missa... rs.. rs.. rs.), tem um sol muito forte e um calor danado. Mas agora tem um pessoal abusado passando por aqui. Eu queria que parassem de pegar nosso abacaxi. O pessoal trabalha duro. Sai daqui pra vender em todo canto. Agora tem de botar mandioca na beira da estrada pra evitar que peguem o abacaxi. Daqui a pouco vamos ter de cercar... espero que não, mas o pessoal está abusado. Se tem abacaxi barato ali embaixo pra vender, porque não compram? Estariam valorizando o nosso trabalho? Porque pegar aqui na nossa lavoura? Se pegam abacaxi aqui da gente que é trabalhador, imagina... vamos ter de esconder cada vez mais as roças?” (Valedi, 29 anos, Lagoa Dantas).

⁴² Foi bem comum ouvir uma queixa. Como a estrada corta as lavouras de abacaxi, agora é bem corriqueiro os turistas pararem seus carros para ‘roubar’ alguns frutos, no que é considerado, por todos os moradores, uma falta de respeito para com o trabalho de toda a comunidade.

⁴³ As lavouras de mandioca e abacaxi são vistas como complementares. Segundo técnicos e produtores, o abacaxi exige muito do solo e a cultura da mandioca possibilita que o solo recupere seu vigor. A rotação se faz da seguinte maneira. Como o abacaxizeiro costuma precisar de dezoito meses para começar a dar frutos e a mandioca com seis meses já está boa pra colheita, as propriedades são divididas em quatro partes. Em três se planta o abacaxi e em uma se planta a mandioca.

FOTO 15 – PLANTAÇÃO DE MANDIOCA A BEIRA DA ESTRADA.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2005.

Nesta fotografia pode-se notar que junto à estrada está plantada a mandioca.

Neste ponto iremos nos deter na cultura do abacaxi, sua dinâmica de produção e formação das equipes para esta atividade e posterior comercialização

O abacaxi (*Ananás comosus* (L, Merrill), Bromeliaceae, Monocotyledonae), segundo a maioria dos naturalistas, botânicos e historiadores, é originário da América Tropical e Subtropical e, muito provavelmente, do Brasil. Os indígenas brasileiros chamavam-no de ibacati (fruta cheirosa). Levado à Europa logo após o descobrimento da América, teve grande aceitação por parte dos consumidores e seu cultivo se disseminou por um grande número de países. Fruto-símbolo de regiões tropicais e subtropicais, tem grande aceitação em todo o mundo, quer ao natural, quer industrializado: agrada aos olhos, ao paladar e ao olfato. Por essas razões e por ter uma ‘coroa’, cabe-lhe por vezes o cognome de ‘rei dos frutos’, que lhe foi dado, logo após seu descobrimento, pelos portugueses. No Brasil, praticamente todos os estados cultivam o abacaxi, destacando-se a Paraíba, Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo.

O abacaxizeiro é uma planta de cultivo tradicional na Região Litorânea Sul do estado do Espírito Santo, principalmente nos municípios de Marataizes, Itapemirim e Presidente Kennedy. As principais cultivares plantadas são Pérola e Smooth Cayenne que ocupam cerca de 95% e 5% da área total, respectivamente. O abacaxi produzido no município é comercializado na Central de Abastecimento da capital, CEASA de Vitória/ES, em feiras no próprio estado e ainda em cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. As dinâmicas de produção e de comercialização do fruto têm reflexo direto nas formas de interação e de organização das famílias das comunidades abordadas neste estudo, e vice-versa.

Em Marataizes o tamanho médio das lavouras gira em torno de quatro hectares. Nessa região, costuma ocorrer, corroborando uma tendência verificada na cultura do abacaxi à nível

nacional⁴⁴, é um processo de arrendamento da maior parte das terras para a produção do abacaxi por parte dos produtores detentores da propriedade da terra.

Com isso há um número significativo de famílias envolvidas na produção e comercialização dos frutos, não significando que essas famílias tenham de adquirir terras para produzir. Essas famílias arrendatárias têm status de produtor igual ao dos produtores proprietários da terra e no momento da comercialização ambos parecem colocar o produto nos mercados em igualdade de condições, principalmente na venda direta.

O arrendamento parece ocorrer em virtude de três fatores principais: (1) pela cultura ser percebida como dispendiosa por grande parte dos produtores⁴⁵; (2) pela sua manutenção e controle ser melhor realizado em propriedade de menor área, visto que toda a lida na lavoura é feita sem a utilização de maquinário (o plantio e a colheitas são manuais e a aplicação de fungicidas, herbicidas e remédios para floração são uma constante (como veremos adiante); e, (3) pela dinâmica da produção estar atrelada à da comercialização do fruto em cidades próximas e nos grandes centros do Sudeste do país⁴⁶.

Então, ao optar por arrendar parte de suas terras para terceiros, os proprietários têm o intuito de diluir o risco de uma possível quebra de safra entre diversos membros da comunidade e, assim, não arcar com o custo e com o risco sozinhos. Ao fazerem essa opção eles abrem espaço para que não-proprietários dirijam um estabelecimento agrícola de modo autônomo (subordinados a condição do pagamento do arrendamento, que por sua vez pode ser feito através dos frutos produzidos). A relação com os arrendatários parece normalmente ser balizada pelo parentesco. Os parentes mais próximos têm prioridade para o arrendamento, numa combinação entre a confiança conseguida junto ao proprietário da terra e a condição de parente, o que reforça o status de ambos os envolvidos. O arrendamento normalmente é pago conforme vai se dando a venda dos frutos a partir de um preço previamente estabelecido e os relatos que ouvi informam sobre o sucesso dessa forma de transação. Segundo um dos proprietários de terra,

“... eu arrendo minha terra para um irmão e um primo. É uma terra pequena e eles pegam partes iguais a minha pra trabalhar. E eles trabalham com a gente da família deles. Isso é bom, a gente sabe com quem está lidando. É gente do nosso sangue. Na minha terra trabalho com um filho que vai vender os frutos. Ele vende e traz o dinheiro pra casa. E compra frutos dos meus parentes também. Dá gosto. A gente vai sabendo como vai a venda e como estão as roças. Quem tem roça boa vende bem. E a gente sabe quem está trabalhando e parece que está dando tudo certo aqui pra nós. É bom receber os parentes felizes, encontrar eles na igreja e ver as famílias bem.” (Juliano, 53, proprietário de terras e produtor em Lagoa Dantas.)

Como podemos notar, essa estratégia tem reflexo no número de famílias envolvidas na produção do fruto e na composição das mesmas no que se refere ao grupo de trabalho. Dessa forma há uma distribuição para um maior número de famílias da responsabilidade de cultivar as lavouras do fruto no que parece ser uma interconexão da vida doméstica com a vida da comunidade como um todo refletido na cultura do abacaxi nas localidades.

⁴⁴ Estudo da Emater/PB indica que 80% das lavouras de abacaxi no Brasil são estabelecidas em terras arrendadas.

⁴⁵ O custo para se produzir um hectare de abacaxi no Espírito Santo fica em torno de R\$ 6.500 a R\$ 10 mil, dependendo do nível tecnológico utilizado pelos produtores. Mas o retorno é compensador, pois para cada hectare pode-se ganhar, em média, R\$ 9 mil. Para a cultura do abacaxi é considerado um ciclo médio de vinte e dois meses. O fluxo de caixa é negativo do 1º ao 17º mês. A partir do 18º mês, quando se inicia a colheita até o 22º mês o fluxo de caixa é positivo.

⁴⁶ O abacaxi é comercializado principalmente no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Vitória e Brasília.

2.3. Organização do Trabalho na Roça

Entre as famílias produtoras de abacaxi acompanhadas, a organização para a produção é similar entre famílias proprietárias da terra e famílias de não proprietários. Em ambos os casos não há diferença no que se refere a divisão do trabalho na unidade produtiva. A família dos moradores da região sempre constituiu seu universo relacional no horizonte da troca, da reciprocidade com os conhecidos, de estar sempre com alguém quando isso é possível, no que parece ser uma herança legada por seu passado na cultura da pesca. Brandão mostra que a fragmentação, o isolamento de alguns, a opção por sair de casa, sobretudo por parte de filhos jovens, entre outros, constroem em casa um espaço de saudade, quando não de solidão (BRANDÃO, 1995). No presente trabalho, a solidão é lembrada por todos como algo inerente ao ser humano, e potencializada no trabalhador da pesca e agora na cultura do abacaxi. Em ambas, tem-se a solidão do que sai e a solidão do que fica sendo sustentada pela confiança e pela solidariedade para realizar o trabalho a que se propõe. A solidariedade também não é algo natural e gratuito. Há princípios de solidariedade que se fundam na cooperação, na prestação de serviços, na troca de bens e/ou mercadorias. No entanto, a solidariedade precisa ser recíproca; há um grau de cobrança que não é explícito, mas que regula o balanço entre o grau de solidariedade e o 'crédito' obtido junto aos quais se quer estabelecer algum tipo de troca.

Esta articulação de diferentes culturas agrícolas (pesca, abacaxi e mandioca), refletidas na organização social e espacial (modos de ver o outro e o espaço), potencializam o sentimento de pertencimento concomitantemente ao de mobilidade⁴⁷, o que tem fomentado um forte amalgama na noção de comunidade e parentesco. Este amalgama é potencializado na dinâmica dual situada no campo da afetividade e da presença-ausência.

A divisão do trabalho dentro das unidades produtivas leva em conta a composição do grupo doméstico e se dispunha da seguinte maneira: os homens, pai e filhos, se envolvem em todas as etapas da produção (plantio, manutenção e colheita) e as mulheres, esposa e filhas, se envolvem mais no período de manutenção da lavoura⁴⁸. Sendo que quando necessário é contratado trabalho temporário para a lida com a terra. Essa contratação ocorre comumente quando do plantio e para a manutenção já que para a colheita as equipes formadas para a comercialização costumam ir buscar o abacaxi na roça.

As formas de se relacionarem com o trabalho são produto da estrutura mais ampla da sociedade. Como coloca Martins (1989), há uma recriação constante de formas de relações sociais, materializadas pela dinâmica de formas sociais mais modernizadas. A condição de trabalho e de trabalhador é na realidade um processo que se recria, se atualiza, se redefine e engendra formas de adaptação às práticas utilitárias da racionalidade sistêmica e reformula processos e ações envoltas no horizonte familiar que se expande resultando em estratégias adaptativas.

O pai e um dos filhos (normalmente o mais velho) parecem deter o saber sobre o quanto e como produzir e como efetuar a comercialização (momentos considerados chave). Já as esposas ajudam na roça com o trabalho da limpeza da lavoura junto com as filhas, até o momento em que as filhas dão prioridade a escola e não dispõem de tempo e interesse para

⁴⁷ Antes se ia e se vinha de barcos para buscar pescado no mar, hoje se vai e vem de caminhão para as cidades grandes comercializar o abacaxi. A ausência dos que saem para enfrentar um ambiente hostil continua sendo valorizada e continua-se aguardando o retorno dos que saem todas as semanas e passam dias longe de casa.

⁴⁸ Estudo de Leôncio Vilar mostra que durante o ciclo da cultura (16 meses) emprega-se 1,96 h/d, enquanto que 1,47 h/ha/ano, respectivamente. No cálculo de empregos indiretos, costuma-se fazer a multiplicação dos diretos por cinco. (Fonte: Leôncio Vilar – Agrônomo, EMATER/PB).

ajudar. Há aí um recorte de gênero e etário que prioriza a autoridade nos momentos decisivos. Porém a autoridade focada somente no pai parece ceder espaço para uma divisão das tarefas e responsabilidades com o filho que fica para trabalhar durante o ano inteiro⁴⁹.

O pai ainda articula a produção num âmbito mais geral, utilizando seu saber sobre como, onde e quando plantar, de modo a obter o melhor do solo, mas um dos filhos (normalmente era o mais velho) já é chamado a participar dessas atividades da produção, obtendo como contrapartida uma maior responsabilidade no gerenciamento da comercialização dos frutos, sendo preparado aos poucos para assumir todas as responsabilidades com o pai na produção também. Os filhos que não têm pretensão em permanecer no labor com o abacaxi, normalmente os mais novos, costumam se ocupar durante o ano com os estudos e somente durante o período da safra alta (agosto-março) se dispõem a viajar para vender os frutos nas cidades (como veremos adiante a produção e a comercialização direta são muito bem articuladas nessas famílias).

2.4. Produção e Comercialização

A possibilidade de ‘controlar’ o momento de retirada dos frutos da roça durante o período da safra parece ser algo que possibilita não somente a dinâmica da venda direta e o vai-e-vem dos caminhões com jovens durante todo o período, mas também cria a necessidade de canais de comunicação entre quem está distante comercializando e quem tem acesso às lavouras (próprias ou não) para saber se há frutos para a colheita na lavoura da própria família ou não.

O que foi possível perceber no corrente ano foi uma estratégia diferenciada onde o plantio e a retirada dos frutos da roça são retardados para que assim o mercado fosse atendido durante um maior período de tempo. A colheita se inicia em agosto e prossegue até abril. Até a safra do verão de 2005 a mesma era realizada até o final do mês de fevereiro, com pouquíssimas unidades produtivas permanecendo com frutos para colher após esse período.

A cultura racional do abacaxizeiro exige bastante técnica e trato. Sua propagação é feita por mudas e são exploradas uma ou duas safras. Muito útil é o fato de que a época de produção dos frutos pode ser controlada artificialmente. Em conversas com produtores, eles afirmaram que o ideal é diversificar a época de produção, fugindo da safra normal⁵⁰. Segundo os mesmos, existem tecnologias à disposição do produtor, como a indução da floração, que permitem a colocação de frutos no mercado fora desse período. Em plantios comerciais de abacaxi, o florescimento e a maturação dos frutos não ocorrem uniformemente, dificultando os tratos culturais e a colheita. A indução da floração apresenta, também, outras vantagens, tais como: homogeneizar a floração, trazendo economia de mão-de-obra no controle de pragas e na colheita, e programar a produção em função das exigências do mercado⁵¹.

A comercialização é pensada desde o processo de compra e retirada dos frutos da roça até o retorno para Marataizes após comercializar toda a carga do caminhão. Nessa etapa, a participação dos jovens das famílias de produtores é tida como importantíssima, pois são eles que vão atrair e organizar as equipes para a comercialização.

⁴⁹ O trabalho das mulheres na lavoura é considerado na maioria dos casos como ajuda (ver BRUMER, 1998).

⁵⁰ O ciclo agrícola aparece como modelo, como sucessão ininterrupta de trabalhos a fazer em função das estações e do desenvolvimento dos produtos (WOORTMANN, 1995).

⁵¹ Para tornar a maturação dos frutos mais uniforme, colocando-os no mercado com a casca amarela, deve-se pulverizar os frutos 4 a 7 dias antes da colheita com uma solução Ethrel.

A organização das equipes se dá principalmente em encontros e conversas tidas como informais. Os jovens costumam freqüentar os mesmos locais e é nítida a diferença entre os que saem para comercializar e os que não saem pra comercializar. Os que saem para comercializar tem uma maior interação se comparados aos que não saem e parecem freqüentar as ruas das Lagoas com maior freqüência. As conversas giram sempre em torno das coisas do lugar. Dificuldades de trabalho, família, diversão (principalmente: futebol, praia e moças) e idas e vindas dos caminhões com parentes e amigos que saem para vender os frutos na cidade grande.

2.5. Sair para Comercializar e Ficar na Lavoura

Em Marataizes tive a oportunidade de entrevistar membros de treze famílias produtoras de abacaxi. E, além destas, mais de duas dezenas de jovens de famílias que não era produtoras do fruto, mas se envolviam na comercialização, a partir de convites vindos de parentes ou vizinhos. Dentre as famílias produtoras quatro (4) tinham a propriedade da terra e as outras nove (9) arrendavam a mesma de parentes ou famílias vizinhas, moradores da mesma localidade. Os jovens entrevistados se identificam com a cultura do abacaxi e costumam viver em Marataizes na expectativa do período de comercialização. São poucos os que permanecem na escola (normalmente até os 13 ou 14 anos) e as possibilidades de trabalho são escassas girando em torno da construção civil, da pesca e do abacaxi. Entre eles parece haver uma diferenciação. Ser membro de uma família que se dispõe a plantar o fruto, mesmo que em terras arrendadas, torna-os diferenciados quando em relação aos jovens que não são de famílias produtoras. Estes últimos se dispõe a viajar de forma mais constante, muitos deles permanecendo no Rio de Janeiro, para comercializar outras frutas no período em que não há abacaxi (poka, melancia, bananas, etc.) e os jovens de famílias produtoras voltam para Marataizes para se envolver com as coisas da produção e da organização para a venda, principalmente direta. Já os filhos de famílias não produtoras, quando não conseguem colocação na cultura do abacaxi, têm muita dificuldade de colocação em outros trabalhos. O que pude notar é que a inserção se dá normalmente em trabalhos esporádicos na construção civil, como pedreiros trabalhando na construção de casas para os veranistas, principalmente.

Foi possível perceber que a imensa maioria dos jovens das três localidades pesquisadas está envolvida com a dinâmica propiciada pela cultura do abacaxi. A partir dos 13/14 anos já demonstram interesse em participar, saindo para vender os frutos no período de férias escolares e é raro encontrar um rapaz com idade superior aos 18 anos que não participe.

A circulação por parte das pessoas ali residentes, entre as três Lagoas, é grande. Os moradores costumam sair de suas localidades principalmente para trabalhar, estudar, comprar produtos que não encontram em suas próprias localidades, e visitar parentes, sendo que os mais próximos residem comumente nas mesmas localidades. A única escola pública da região localiza-se na Lagoa intermediária, (Lagoa Dantas) e é ali que os jovens das três Lagoas costumam se encontrar diariamente e esta Lagoa pareceu local propício para observar a formação das equipes de trabalho.

O ato de sair para vender o abacaxi parece ser incentivado como uma alternativa a reação negativa para com o trabalho na roça (o que seria outra possibilidade de inserção laboral para estes). Elogios na família e na comunidade (poder andar e ser reconhecido como alguém que saiu mas voltou e traz algo para comunidade todas as semanas) fortalece a identidade funcional (de trabalhador na cultura do abacaxi), abstraindo condições de subordinação e situações antes tidas como próprias da faixa etária em favor de práticas que transcendem sua temporalidade (novas responsabilidades). O sair aparece também como um aspecto simbólico relevante. Aparece como um ritual de passagem para a vida adulta, já que o

jovem se lança com coragem ao desafio de trabalhar longe de casa, mesmo que junto a um irmão, um primo ou mesmo um vizinho.

Na organização dos caminhões percebe-se que um dos jovens toma a posição de líder. Ele espalha a notícia de que está saindo, primeiro para os mais próximos, parentes e amigos, e depois se precisar de mais alguém segue a indicação de um destes parentes ou amigos que vão com ele. As equipes costumam variar pouco. Sendo que é possível notar uma formação que privilegia inclusive as comunidades diferenciadas das lagoas. No período da safra alta as equipes se unem e costumam viajar juntas durante o período inteiro, somente com poucos casos em que um ou mais jovens trocam de lugar com jovens de outros caminhões que querem voltar. Isso é, há jovens que permanecem por longos períodos de tempo na cidade para conseguir ganhar um pouco mais de dinheiro e assim conseguir seu sustento durante o restante do ano. Muitas das conversas no comércio e nos bares gira em torno de quem está saindo com caminhão ou retornando. Os jovens que tem interesse em participar, ou já participam, são reconhecidos nas comunidades e quando há uma vaga num dos caminhões que vai sair ele é logo contatado.

As equipes têm uma certa variação em virtude do caráter pessoal e afetivo levado em conta na formação das mesmas. Se um jovem quer permanecer em casa pois tem de resolver um problema, ele normalmente recebe essa anuência. Parece haver um entendimento, mesmo que velado, de que os assuntos relativos à família (que tem reflexo na comunidade como um todo) são o que possibilitam a disponibilidade para as viagens em dias e horários não pré-determinados com exatidão.

Observei o momento da saída de vários caminhões. Os jovens costumam se reunir em algum ponto da comunidade para esperar o caminhão. Eles costumam carregar somente um colchonete e umas poucas mudas de roupa numa sacola plástica dessas de supermercado mesmo. Normalmente estavam bem animados com a ida pra vender os frutos e alguns pais ou mães, principalmente as dos responsáveis pela equipe costumam acompanhar a saída, como que para observar o caminhão sumir na estrada como um barquinho que some na imensidão do mar. A origem familiar e as relações estabelecidas entre as famílias, algo como “estamos todos no mesmo barco”, parecem dar as condições para que os rapazes ingressem nas equipes. Nesse ingresso “no mesmo barco” há o reforço das relações entre as famílias e também o fortalecimento de uma dívida moral que engendra as opções pelos participantes nas equipes.

Há desde o caso dos jovens que durante o verão ficam nas lagoas e durante o restante do ano vem vender outros frutos que não o abacaxi no Rio de Janeiro, numa forma de manter pontos e continuar levando capital para que as próprias comunidades se mantenham. Até os jovens que conseguem trabalhar somente na safra alta do abacaxi e depois realizam pequenos trabalhos junto às roças (mantendo uma ligação com os produtores no caso de não serem filhos dos mesmos) e conseguem se manter com a renda advinda desse período. Os primeiros costumam ter um ganho inferior ao dos que comercializam o abacaxi, mas se sujeitam ao trabalho, pois não tem como ficar em Marataizes o ano inteiro. Essa distinção parece estar relacionada a diferenças sociais entre as famílias de produtores e de não produtores e também às relações de parentesco, de vizinhança e de amizade que conformam a organização das equipes. Um dos jovens entrevistados, de uma família de não produtores, comentou que

“... as famílias dos que produzem estão melhor. O abacaxi está produzindo bem e ir vender é algo que interessa a todos. Conseguir um lugar pra vir vender já é bom. Tomará que seja o início. Quero conseguir continuar. Tenho trabalhado bastante e converso com todos que estão trabalhando com o abacaxi. A gente que não é quem planta tem de sujeitar né, a vender as coisas mais ruins mesmo. Mas começa a vender o abacaxi e quando vê está melhor. Pelo menos é isso que vejo. Mas tem de trabalhar duro e respeitar os que estão trabalhando a mais tempo. Eles sabem mais que a gente e sabem

como é quem trabalha. Conhecem o trabalho.” (Rafael, 23 anos, vendedor, de Lagoa Funda).

No processo de seleção, a confiança é fundamental. Ganha confiança desde o jovem que acorda cedo e vai perguntar quem vem pra cidade e se tem lugar até o jovem que começa a entrar no universo do abacaxi carregando os caminhões para a viagem. Todos têm ciência de que o trabalho é pesado. A rotina diária é desgastante, porém valorizada em Marataizes. Os jovens que tomam a decisão de sair para comercializar são valorizados por toda a comunidade, ganhando não somente o dinheiro pela carga vendida, mas também o respeito por parte dos mais velhos e de seus pares e familiares.

O dinheiro ganho com a venda do abacaxi propicia aos jovens uma certa independência financeira e é utilizado também para que a família tenha condições básicas de sobrevivência. Ele possibilita desde a manutenção da família, compra de uma bicicleta ou moto para ajudar no deslocamento para casas de amigos ou igreja e festas mais distantes (locais onde ele aumenta o círculo de contatos e amizades, que por sua vez aumenta a respeitabilidade por parte dos outros jovens e a possibilidade de arrumar moça para namorar⁵²), comprar roupas e ajudar os pais em casa.

Os jovens de famílias produtoras costumam obter uma renda maior quando comparada àqueles que não são de famílias de produtores. A renda costuma ser controlada por pais e filhos. A remuneração dos filhos costuma levar em conta as condições da família, seus gastos, investimentos futuros nas roças de abacaxi, mudas, caminhão ou carrinhos de mão, sendo que o pai sabe do interesse do filho em conseguir ir até um bar, ter uma moto, dar um presente para uma namorada, então a possibilidade de remunerar o filho ou de disponibilizar uma renda sem maior questionamento é maior. Levando em conta que, muitas vezes, esse rendimento é direcionado para incrementar caminhão ou conseguir mais terra, além dos gastos expostos anteriormente. Para todos o dinheiro ganho com o abacaxi é pensado de forma a possibilitar suas vidas em Marataizes sendo muito valorizado esse ganho por parte de toda a comunidade. Segundo um dos jovens,

“... é um dinheiro pro ano todo. Lá eu não vou ganhar nada mas vou conseguir me manter...vou ter comida, teto, praia e amigos... acho que dá pra viver vindo vender abacaxi... mas o importante é saber gastar. Já comprei moto, roupas... agora tenho gasto com coisas pequenas. Bar e festa. Mas claro, eu, se der pra ganhar mais a gente quer né... mas eu não vou exigir mais do que eu mereço. Assim como está ta bom. Ajudando o pai a gente ajuda a coisa melhorar em casa.” (Carlos, 23 anos, vendedor)

O dinheiro costuma ser rateado no Rio de Janeiro mesmo, depois de toda a carga vendida e os jovens retornam com ele e, as vezes, com algumas poucas mercadorias que

⁵² Essa opção pela área urbana é feita principalmente pelos jovens que tiveram condições de adquirir uma bicicleta ou uma moto, neste aspecto os jovens que lidam com o abacaxi levam vantagem sobre os outros jovens das Lagoas, conseguem inclusive ter mais dinheiro para gastar com uma bebida ou um lanche e com roupas mais vistosas. O espaço urbano, de Marataizes, é visto como o lugar de efetivar a busca ou o encontro com uma namorada. A possibilidade de circular pelos locais da cidade e não mais das Lagoas parece ser um dos sinais de que a procura por uma parceira se iniciou. Os jovens falam que as moças até podem ser da mesma comunidade e o interesse pode surgir ali, mas a aproximação se dá de forma mais direta nas igrejas e nos bares, sendo a área urbana mais propícia. O interesse surge normalmente uma namorada numa das igrejas ou num dos barzinhos. Tive oportunidade de ir até uma igreja num sábado à noite. Pude perceber como os pais ficam assistindo ao culto com os filhos mais novos enquanto que os filhos mais velhos permanecem na rente da mesma conversando em grupo e paquerando as moças.

conseguem comprar. Os jovens aproveitam o acesso à mercadorias que são vendidas por preços mais acessíveis nas ruas e essa possibilidade de comprar é utilizada de muitas formas: para ajudar ou agradar os familiares com algo pra casa, pra presentear um irmão mais novo com um boné ou uma camisa da cidade (mostrando que também é possível ele ir pra lá vender e ter acesso) ou arrumando roupas novas para as festa e para a igreja, o que é muito valorizado. Segundo um dos jovens “além do preço ser mais em conta a possibilidade de encontrar alguém com roupa igual lá é menor... imagina, seria um dinheiro suado dividido por dois ou mais...” (Thiago, 23 anos, vendedor).

O ganho por carga, para os vendedores das esquinas, durante a safra alta varia de 300 a 500 reais, sendo que cada carga dura em média de 7 a 12 dias. Já nos outros períodos do ano o que é ganho caí muito girando em torno de 200 reais para o mesmo período. Os motoristas ou os responsáveis pelo caminhão e pela carga costumam ganhar um pouco mais, em virtude de suas maiores responsabilidades (monitorar a venda e o dia a dia dos jovens vendedores).

A legitimação dos que são os motoristas ou responsáveis pela carga se consegue não somente no dia a dia no Rio, mas é adquirida em Marataizes, junto à famílias. Afinal é uma imensa responsabilidade sair com o caminhão carregado com 7 a 10 jovens de uma comunidade para ir até a cidade e lá permanecer por mais de uma semana vendendo e dormindo nas ruas. Essa parece ser o moto da dinâmica das equipes. Conseguir respeito para obter mais ganhos. E esse respeito parece que é visto como adquirido junto aos pares, amigos ou parentes, num ambiente estranho, mas valorizado em seu lugar de origem. A renda e a respeitabilidade advinda; do esforço e das privações da ausência em Marataizes parecem potencializar o desejo da permanência, mesmo que seja a permanência na transitoriedade por diferentes espaços (enquanto vendedores) e no seu lugar de origem (num plano projetado para um futuro próximo, como produtores ou arrematadores de equipes).

2.6. Família, Comunidade e Propriedade: Projetos Individuais e Interesses Coletivos

A complexão social e disposição geográfica da região, como pude notar, têm reflexo direto na sua sociabilidade, na distribuição espacial (moradias, comércio, lavouras, estradas) e na conformação e interação (famílias, vizinhança, circulação, trabalho, lazer) destas diferentes comunidades rurais.

A sociabilidade é entendida como processo dinâmico de relações de interação constitutivas da comunidade, da vida em família e da rede de vizinhança e parentesco, criando uma esfera específica de existência. Simmel (1983) define as inter-relações como sociabilidades enquanto formas autônomas ou lúdicas da associação que tem existência própria, sem intenções objetivas, conteúdos e resultados exteriores; é um jogo vazio, a finalidade a matéria de sua própria existência. Quando falamos em sociabilidade, queremos tematizar o formato do vínculo social e relacional do indivíduo e da sua família, e desses com grupos sociais no lugar/local e no processo social envolvente. As formas de socialização passam pela dinâmica da redefinição das múltiplas interações entre os indivíduos..

Ao observar o cotidiano nas comunidades, através da mobilidade das pessoas e das culturas da pesca, do abacaxi e da mandioca, foi possível notar que a vida parece se orientar, principalmente, em razão desses espaços e esferas, numa articulação justaposta e muito dinâmica.

É difícil determinar com precisão as intencionalidades causadoras das mobilidades espaciais (pensar quais são... esgotamento da fonte de recursos, partilha, nucleação). O que podemos inferir, aqui, é que houve o deslocamento dos moradores das comunidades para uma

nova ‘imensidão’ onde é possível buscar o sustento. Se antes essa imensidão era o oceano, lugar do desconhecido, lugar dos corajosos e aventureiros, agora surge como uma nova aventura pela vida a produção do abacaxi e a incursão à cidade grande para comercializar os frutos.

Como veremos essa ligação com a pesca e com o constante ir e vir para o mar parece ser importante para que compreendamos, focando as comunidades e as famílias envolvidas na produção e comercialização do abacaxi: como essas se organizaram para a produção e a comercialização do fruto, como e quem compõem as equipes de trabalho na lavoura e as que saem para buscar o sustento e, principalmente, como as famílias costumam lidar com a ausência dos jovens que saem para vender os frutos em mercados distantes, e a princípio, desconhecidos por eles (as cidades grandes).

Viagem na carroceria com os frutos

No final do ano de 2005, meio da safra alta de abacaxi, fiz uma viagem até Marataizes na carroceria de um caminhão na companhia de uma equipe de jovens. A viagem era de retorno para casa, para os rapazes, e foi planejada para ter início numa quarta-feira, quando a venda de toda a carga de abacaxi que o caminhão carregava estaria realizada. Essa data possibilitaria que os jovens estivessem de volta ao Rio de Janeiro no sábado. Como a venda pelas ruas é incerta, não obedecendo a ritmos pré-estabelecidos, neste caso a venda de toda a carga somente foi efetivada na sexta-feira. O responsável pelo caminhão havia inclusive telefonado pra casa, falado com o pai e dito que queira uma roça de abacaxi para ir carregar na segunda-feira. Sua interação com a família e no trato das coisas do abacaxi não se resumia as questões da comercialização, ele procurava saber também como estavam as roças e como estavam todos. Era o filho mais velho da família e tinha um irmão mais novo que estava em Marataizes por não ter idade para viajar. O pai permanecera cuidando da roça e liberara o jovem arranjar mais rapazes da roça dispostos para vender os frutos nas ruas e esquinas. Eu já era conhecido de todos e havia me juntado ao grupo na quarta-feira, e assim permaneci até a sexta-feira, na expectativa de realizar a viagem. A expectativa não era somente minha. O grupo era formado por sete pessoas, todos jovens com idades variando entre 17 e 30 anos. O responsável pelo caminhão era filho de produtores e havia comprado o caminhão há pouco mais de um ano. Todos os jovens eram da mesma comunidade, Lagoa Dantas, e com alguns eu havia jogado futebol na vez em que lá estive, o que me tornou mais próximo e orientou as primeiras conversas durante a viagem. O caminhão era grande, com a carroceria de madeira e coberta de lona. No chão estava espalhada muita palha, para evitar que os frutos se machucassem, e os carrinhos de mão estavam todos amarrados a lateral da carroceria do mesmo. Na parte frontal da carroceria estava disposta uma estrutura de dois andares que podia receber quatro jovens, justamente os jovens que estavam na viagem. Eu fui deitado na palha sobre um lençol emprestado por um dos jovens e tendo sob minha cabeça, como travesseiro, minhas sandálias. O balanço do caminhão era forte, muito mais forte que o dos automóveis com seus amortecedores bem regulados, e a estrutura de lona fazia um barulho ensurdecedor na estrada, dificultando as conversas. Os caminhões normalmente optam por trafegar no período da noite, de modo a evitar problemas com a fiscalização rodoviária por carregar frutos e trabalhadores na carroceria, então a escuridão tomava conta do ambiente. Os jovens no princípio estavam todos acordados e comentavam que nunca alguém “de fora” havia viajado num caminhão com eles. Valorizavam minha atitude assim como eu valorizava a deles. Parecia que estávamos nos lançando em direção a uma área de tempestade, a estrada, no intuito de encontrar um lugar para atracar. A imagem de um barco em alto mar parece boa para descrever a situação. Em pouco tempo os jovens adormeceram e eu permaneci acordado. Eu não conseguia relaxar, devido ao balanço, ao frio e ao barulho.

Na escuridão, depois de aproximadamente duas horas na estrada, ouvi o som de alguém batendo na carroceria e a luz interna da mesma se ascendendo. Estávamos chegando próximos a um posto da Polícia Rodoviária Federal e como na carroceria os policiais poderiam nos ver teríamos de nos esconder melhor. Com os lençóis e pedaços de compensado foram tapadas as frestas na carroceria e todos permaneceram quietos, com a luz sendo apagada e o caminhão seguindo viagem. Mais ou menos uma hora depois o caminhão parou e descemos em um pequeno restaurante de beira de estrada. Este restaurante era o restaurante em que este caminhão sempre parava nas viagens pro Rio de Janeiro e tinha o atendimento feito pela família do proprietário. Todos os jovens acordaram e interagiam entre eles, comigo e com a família do comerciante, principalmente com a filha deste, de aproximadamente 16 anos, que viera atender nossa mesa. O assédio sobre a menina era grande, porém levado em tom de brincadeira, como se a alegria de estar próximo de casa e de suas namoradas e meninas fosse possível de evitar constrangimentos por atitudes mais diretas. Todos comeram o tradicional prato de feijão, arroz, batata, ovo e carne, numa quantidade digna de “caminhoneiros” e entraram rapidamente no caminhão, sem antes se despedirem de todos que permaneceram no local. A viagem seguiu e os rapazes adormeceram até a chegada em Marataizes. Lá todos foram deixados nas portas de suas casas com o recado: “Na segunda-feira vamos carregar o caminhão, eu passo aqui e pego vocês, e segunda de noite mesmo nos vamos pro Rio de novo. Bom final de semana e abraços pra família. Bom descanso.” Interessante foi também perceber as intervenções da natureza. Pó exemplo, choveu no final de semana inteiro e a carga do caminhão somente foi realizada na quarta-feira, com dois dias de atraso, neste período os jovens aproveitaram mais a família, porém reclamavam que estavam deixando de vender no Rio de Janeiro.

A necessidade de combinar projetos individuais com o que é estabelecido como projeto coletivo permeia toda a vida familiar, dado que um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a peculiaridades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração, potencializados numa condição de reprodução familiar camponesa pelas condições históricas que pesam na condição familiar e nas peculiaridades das efetivas condições de realizar tais projetos.

Os que saem são valorizados como jovens que saíram para enfrentar os desafios da vida, mas voltaram para colaborar com a comunidade, sacrificando-se hoje para viver melhor no amanhã, combinando vida em Marataizes com jornadas de trabalho no Rio de Janeiro. Nisso busca-se ressaltar o caráter comum a todos da comunidade, segundo as falas dos nativos: serem parentes, mesmo que distantes, e obterem o direito ao trabalho com o abacaxi, se houver condições e for de sua vontade. Uma comunidade unida que conseguiria inserção para comercialização em lugares distantes e reforçaria a imagem do local de origem, como um todo indivisível.

Enfim, nas análises sobre o campesinato contemporâneo o descompasso na introdução dos indivíduos nas sociedades, oscilando entre os projetos individuais e os interesses familiares é praticamente consensual. A questão que sustento e com a qual dialogo aqui não é essa. Mas sim identificar os projetos individuais e os valores que os orientam, propondo o mesmo para os interesses familiares, trabalhando-os de forma relacional, para assim perceber se há uma conjugação dos interesses dos diferentes indivíduos que compõem a família articuladas nas condições peculiares de trabalho dos jovens que saem para comercializar o abacaxi mas retornam para vivenciar a família e seus próprios projetos familiares no local de origem, não demonstrando interesse em uma saída definitiva.

Para compreender os mecanismos de reprodução social neste mundo rural em transformação, temos de ter claro que as famílias não transmitem somente condições materiais a seus jovens. Transmitem-lhes também sua visão de mundo, suas concepções de trabalho, sua moral, sua relação mais ou menos pessimista com o futuro, numa dinâmica objetiva e subjetiva que tem direta vinculação com uma crescente abertura do espaço social rural. Wanderley (2003; 1996; 1998) tem pontuado que o que define o caráter familiar da agricultura não é o grupo de trabalho, mas sim uma imagem de pertencimento à família. Isto é importante no que se refere à situar os projetos formulados e elaborados dentro de um campo de possibilidades, que é circunscrito histórica e culturalmente. Sendo, por exemplo, a escolha de um único sucessor, do mais jovem ou do mais velho, o que tem maior ou menor grau de escolaridade, resultado destas condições e possibilidades, atreladas ao pertencimento a família e a seu projeto coletivo. Um exemplo, interessante, nos é dado por Champagne (2002), atrelado a uma realidade específica, no caso a realidade francesa da segunda metade do século passado. Este autor reconhece uma crise relacionada diretamente ao fato de que a recusa dos(as) filhos(as) em suceder os pais é, em primeiro lugar, a recusa do estilo de vida dos pais. Isto é, há uma “crise” da própria identidade dos indivíduos deste meio, ligada e incitada por aspectos dinâmicos e simbólicos relacionados a seu círculo de relações sócio-culturais. Há uma ampliação do espaço social proporcionada, por sua vez, pela diversificação dos agentes de socialização dos jovens. Resultado de numa nova dinâmica para a relação *campo/cidade*: escola, meios de comunicação de massa, transportes, opções de trabalho no comércio, indústrias⁵³ ou turismo, dentre outros dinamizam a socialização. Os meios citados são objetivos, mas que devem ser entendidas, também, no campo da intersubjetividade.

Tomo aqui, como exemplo significativo: a escola. Nas sociedades modernas e contemporâneas, a escola tende a ter papel claro e emblemático no que se refere a abalar a autoridade outrora forte e indiscutida dos pais, inculcando em seus filhos saberes que desvalorizam em muitos casos os saberes paternos, seus modos de transmissão, aspectos antes ligados estritamente a vida doméstica, carregada de subjetividades onde a tradição priorizava a perpetuação do patrimônio (BOURDIEU, 1962). Esse conhecimento legítimo era transmitido seja através de orientações explícitas verbalmente, seja mediante exemplos cotidianos que projetam no futuro um saber adquirido no passado, por exemplo os ligados a produção agrícola. As relações de autoridade e poder, a divisão sexual e etária do trabalho eram ordenáveis, segundo o padrão cultural hegemônico, num nível mais amplo de dominação simbólica no próprio imaginário acerca da família. A reprodução implica reprodução de um sistema (BOURDIEU, 1975). Como já exposto, Woortmann (1998) propõe que as famílias se relacionam estreitamente com a concepção do patrimônio enquanto valor cultural, onde o ordenamento do parentesco forja uma noção de descendência e sucessão (um resgate de Bourdieu, quando este em seus estudos trata do impedimento à partilha da terra, por exemplo).

No que se refere ao universo rural e a terra, temos de pontuar que as expressões “camponês” e “agricultor familiar” têm até certo ponto semelhanças. Pode-se dizer que todos os camponeses são agricultores familiares e trabalham na terra, seja ela própria ou não, mas nem todos os agricultores familiares são camponeses. A expressão “agricultor familiar” abrange os camponeses como produtores capitalizados e plenamente envolvidos no mercado (ABRAMOVAY, 1992). No meio do debate sobre as características da produção familiar na agricultura e o próprio futuro dessa forma de produção, Abramovay (2002) argumenta no sentido de que, apesar da produção agrícola sobreviver, o campesinato com sua forma de agricultura tradicional, no Brasil, desapareceu em virtude da enorme transformação

⁵³ Ver o trabalho de Seyferth, que esclarece como a industrialização regional facilitou os arranjos familiares e tornou menos dramática a disputa pela terra no âmbito de cada família camponesa.

experimentada pela agricultura após 1950. Neste período deu-se uma mudança na base técnica da produção, um incremento no uso de defensivos químicos, do número de máquinas agrícolas e do uso de sementes selecionadas, ocasionando o aumento da produtividade do trabalho, com conseqüentes transformações na estrutura de ocupação da mão de obra agrícola. Já Nazareth empreende um esforço impar para entender o campesinato na economia capitalista moderna, reagindo à idéia de Lênin acerca da proletarianização. O camponês é apontado pela autora como eficaz em seu trabalho e na estrutura social, tendo uma função no sistema capitalista, não havendo ruptura entre camponês e agricultor familiar. No Brasil, durante as décadas de 1970 e 1980, período em que o capitalismo estava em expansão com a denominada *modernização da agricultura*, os estudos sobre as perspectivas de sobrevivência da unidade agrícola com base no trabalho familiar tiveram uma enorme importância para entender processos hegemônicos. A partir de meados da década de 1990, essa questão foi substituída por outros temas, tais como reforma agrária, movimentos de luta pela terra, assentamentos rurais, novas formas de trabalho no meio rural, pluriatividade e a questão ambiental na agricultura (BRUMER; TAVARES DOS SANTOS, 2000). Todos estes temas têm relação direta com o trabalho familiar, utilizando a defesa deste e da própria instituição da família, como argumento em discursos de vários atores envolvidos na legitimação de suas lutas.

Realizados como pesquisa de âmbito comparativo internacional, destacam-se os estudos comparativos apresentados por Lamarche (1993) acerca da agricultura familiar para o entendimento desta em seus delicados diferenciais.

Este autor argumenta no sentido da existência de um modelo ideal que todo agricultor projeta para seu futuro e em função do qual organiza suas estratégias e toma suas decisões. Os agricultores organizariam suas estratégias, viveriam suas lutas e fariam suas alianças em função de dois domínios: a *memória* que guardam de sua história e a *ambição* que tem para o futuro.

Dentro deste escopo de discussão acerca do destino da agricultura familiar, porém situando sua análise no nível da realidade brasileira, dispomos do trabalho de Silvestro *et alli* (2001), que trata diretamente dos impasses da sucessão hereditária na agricultura familiar e do próprio destino das novas gerações das famílias de agricultores. Neste trabalho os autores chegam a afirmar que “não existe atividade econômica onde as relações familiares tenham tanta importância quanto na agricultura” (SILVESTRO *et alli*, 2001, p.25). O entendimento acerca da manutenção de um caráter de obrigação moral é ponto também discutido pelos autores. Para estes: “se até os anos 1960, a continuidade na profissão agrícola podia ainda revestir-se do caráter de uma obrigação moral, hoje está pressão deixou de existir” (SILVESTRO *et alli*, 2001, p.28). Como obrigação, aceitava-se e herdava-se a profissão do pai. A obrigação não casa mais com as condições de diálogo e barganha disponíveis. Parece haver um processo de inovação e desvelamento das possibilidades engendradas pela articulação de pais e filhos. No caso estudado, possibilitada por uma condição estrutural impar (família, comunidade, propriedade e nicho de mercado), a manutenção da profissão do pai depende da concordância do filho em vir a participar na produção, por exemplo.

No interior dos estudos relacionados à sucessão profissional na agricultura nota-se um forte viés de gênero, com um diferencial fomentado pela escola. A educação manifesta-se em muitos casos como uma contrapartida presente da herança paterna futura não recebida, principalmente no caso das mulheres jovens. Durston (1997) aponta neste sentido de diferenças de gênero: “entre os jovens do sexo masculino, a educação seria parte importante de uma estratégia de vida sobre aqueles meninos que têm pouca expectativa de herdar terras (...) a educação formal toma um novo significado libertador” e entre as mulheres, com mais estudo que os homens, é uma estratégia de ascender a ocupações não-agrícolas em áreas urbanas (DURSTON, 1997). Ainda segundo este autor, a educação propiciaria um maior protagonismo, contra a autoridade paterna, ela expõe o jovem a novas idéias, tanto visões de

mundo como valores éticos e direitos, modificando padrões de relacionamento e autoridade, dentro os quais, a relação dos jovens para com pais e avós. Fomenta uma tensão entre os projetos familiares e individuais, própria da manutenção da condição camponesa e do trabalho agrícola em uma situação de mudança das condições (objetivas e subjetivas) de reprodução social.

Duarte (1966) indica que a família ocupa um lugar central na organização social, a família como uma ordem social. O autor percebe que há uma inadequação para as sociedades camponesas de um Código Civil que é constituído a partir de valores essencialmente urbanos e desapegados as realidades das regiões rurais do Brasil. Este código é rompido, impondo-se um direito costumeiro, legitimado pela tradição e por uma ordem moral inerente às famílias. A própria Constituição brasileira, no que se refere ao direito à herança do patrimônio familiar, também estabelece uma igualdade, mas são as regras culturais que modificam a lei de acordo com os interesses de um ator coletivo – a família⁵⁴. O sítio camponês familiar e a comunidade camponesa surgem como bases de uma interação social na qual reside a própria especificidade do empreendimento familiar. Coube ao pesquisador elaborar entre duas esferas, a econômica e a do parentesco, uma distinção analítica que permitisse perceber as negociações e tensões inerentes aos processos, princípios e regras que orientam e legitimam a própria noção de família em sua capacidade de elaborar estratégias para se adaptar as condições internas e externas. Autores como Maria Nazareth Wanderley e Klass Woortmann, por exemplo, apontam no sentido de que o que faz da agricultura familiar “familiar” é um compromisso moral que fortalece os laços de parentesco. O que define familiar não é o grupo de trabalho, mas sim uma imagem de pertencimento à família, onde o individual é subordinado ao coletivo e dimensões culturais são relevantes pois trazem nuances que os aspectos apenas econômicos restringem, tais como o próprio patrimônio, herança, casamento dentre outras. Já as teorias do campesinato não levam em consideração a dimensão do parentesco como um princípio organizatório e elemento da reprodução social do campesinato. Elas ressaltam principalmente as esferas da produção e do consumo. Em Galeski, por exemplo, a própria estrutura da autoridade da família usualmente envolve o modo de herança. Este argumenta que, tendo a família a função de transmitir segurança, transmissão da herança (material e cultural) e provisão de facilidades para o começo na vida individual ligadas e sujeitas a própria autoridade do pai, pensa-se a família em relação principalmente de pais para com filhos⁵⁵.

Como numa condição de família camponesa, pode-se pensar na transmissão da importância da propriedade da terra para o valor família, onde esta e a comunidade aparecem como mantenedoras da tradição⁵⁶. Muitas vezes naturalizada como coletivo de que delimita o universo da agricultura (agricultura familiar), a própria noção de família sugere uma relação específica com a terra, como ressalta Shanin (1975).

Wagley (1968) pensa o parentesco como tendo um papel central na manutenção das tradições nas sociedades, visto que o próprio parentesco é uma representação simbólica. Ellen Woortmann privilegia as relações que interligam famílias enquanto dotadas de valores, em seus diferentes arranjos. É ressaltado como esses próprios arranjos possibilitam a reprodução das famílias camponesas de geração a geração e como há, no entender da autora, uma linguagem do parentesco com um conteúdo próprio, enquanto um valor percebido e fomentado.

⁵⁴ Conforme, também, o trabalho de Margarida M. Moura (1978) que aponta no sentido de uma reelaboração do Código Civil para um código costumeiro com diferentes acertos e arranjos.

⁵⁵ Garcia Jr e Heredia (1971) apontam numa primazia do coletivo sobre o individual, com a herança se definindo no dia-a-dia da família. Candido (1951) também ressalta a subordinação do indivíduo ao grupo.

⁵⁶ Wagley (1968) aponta também nesse sentido e tem uma visão instrumental da relação de compadrio, parentesco tem papel central.

Woortmann, de forma a perceber as transformações intrínsecas à própria história, destaca a importância da organização social dos colonos, que desemboca e fomenta um cíclico reforço às tradições. As tradições são alçadas a condição de respostas a movimentos históricos, tais como valorização de terras através de imigração, interiorização de indústrias, necessidades de comercialização e de produção, para a sociedade em um nível mais amplo com relação aos colonos e suas famílias, por exemplo. Nos momentos de mudança, a emigração teve posto fundamental para o entendimento das opções que sustentam opções sucessórias numa perspectiva verticalizada, visto que a própria imigração alemã foi heterogênea, mas principalmente minifundiária (SEYFERTH, 1985). Woortmann, dentro deste escopo diferencial, ressalta que o valor família fala mais alto e o dever dos pais como dever de honra, face à parentela e à comunidade, é assegurar a todos os filhos e filhas, na medida do possível, as condições básicas, o potencial a partir dos quais cada novo casal pode conquistar sua reprodução social. Como ressalta a autora, a terra sendo parte de uma ordem moral, é condição de realização de sujeitos formatados no trabalho, um *locus* privilegiado de e pelo trabalho. A terra pertence à família.

O patrimônio é o chão da família, nome e terra são patrimônios, simbólicos e materiais, e expressam uma descendência e um sentido moral da terra. Herda-se juntamente com a terra uma obrigação, há uma forte carga valorativa moral que possibilita o entendimento tanto do herdeiro quanto do deserddado. Como diz Bourdieu (1972), é a terra que herda o herdeiro.

A própria reprodução pensada por Bourdieu, por exemplo, implica um sistema e uma estratégia em seus diferentes tipos, hábitos, costumes, todos coerentes com um determinado sistema de vida, universo simbólico e de produção. Os indivíduos atuam na estrutura e estas em suas forças são produzidas e reproduzidas pela própria ação reflexiva que se engendra ao processo. A maior virtude da construção da noção de reprodução como uma relação entre um sistema de estratégias e um sistema de mecanismos consiste em permitir e compreender de maneira única e inteligível fenômenos pertencentes a universos sociais muito distantes, como por exemplo à família resultando de condições culturais e sócio-econômicas. Diferentes famílias em diferentes contextos conseguiram ou não realizar sua reprodução de modo diferente. Tamanho de propriedade, o valor dado a mesma no sistema cultural, a composição da família, diferenciais de gênero são alguns dos aspectos que influem no processo de reprodução na agricultura familiar.

Dentro de uma regularidade na transmissão da herança, ditada por nosso sistema cultural, patriarcal, as decisões sobre o processo de sucessão cabe ao pai. Muitos pais retardam ao máximo esse momento, já que ele corresponde a uma espécie de abdicação do poder e da autoridade e assim, muitas vezes o jovem se sente desvalorizado, numa condição de subordinação à autoridade paterna que não o agrada. Devido ao tamanho das famílias rurais ter diminuído nos últimos anos, tem-se como consequência o aparecimento de um problema que é típico dos países desenvolvidos, em particular as sociedades européias: a crescente quantidade de unidades produtivas cujo destino está comprometido pela falta de sucessores.

A própria questão da sucessão é um tema de foro íntimo diante do quais as famílias tomam decisões sem qualquer tipo de orientação profissional agravado pelo fato de que a gradual passagem de responsabilidades de uma geração para outra é mais importante que o momento específico em que se faz a transferência jurídica dos bens, o que dificulta o processo devido a própria dinâmica diferenciada de família para família. A sucessão é vista como um processo que envolve desde a transferência patrimonial, a continuidade da atividade profissional paterna e a retirada das gerações mais velhas do comando sobre os negócios. Abramovay et alli (1998) em seus estudos ligaram as opções profissionais a dois fatores básicos: formação educacional e nível de renda das famílias. Permanecem no campo os com

menos educação e o acesso a terras é visto como uma das maiores dificuldades para a continuidade na agropecuária. A pesquisa toma o problema sucessório pelo lado da demanda da terra e não examinou a situação das famílias onde não há sucessores. Para entender esse processo devemos salientar que até 1960 há o minorato e a partir dos anos 1970 esse padrão se esgota, trazendo como consequência um desencontro entre a oferta de terras das gerações que envelhecem e a demanda dos jovens que não podem satisfazer suas vocações profissionais nas propriedades paternas. Há uma divergência em relação ao padrão anterior, no qual o padrão sucessório em que o filho destacado para cuidar dos pais era compensado com a herança da propriedade (ABRAMOVAY et alli, 1998).

Com padrões ditos modernos de valorização imobiliária e até mesmo resignificação simbólica (os novos rurais, por exemplo) em algumas regiões a terra já deixa de ser patrimônio para ser valor imobiliário acessado para valorização monetária. Isso se dá em contraponto ao trabalho de Seyferth (1985), quando esta indica que a própria transmissão do patrimônio determina a mobilidade e o desmembramento da família, numa situação de escassez de terras, com demanda por propriedades sempre maior que a oferta.

Em Marataizes o processo é diferente. Parece haver a concomitante prioridade para os parentes. Ainda que num ambiente de valorização imobiliária, o trabalho produtivo e a capacidade de angariar ganhos para as famílias, para a comunidade e para a elaboração de projetos de manutenção e crescimento da comercialização para fora de Marataizes, utilizando principalmente a mão de obra dos jovens do lugar que se dispõem a se por a ir e vir, é valorizada. Se num primeiro momento houve o deslocamento e desmembramento das famílias com a crise na pesca, atualmente, com a possibilidade da inserção no trabalho com o abacaxi e com as peculiaridades do acesso à terra as famílias parecem estar organizadas para manterem seus jovens nas comunidades.

A comunidade sempre funcionou como construção de uma reciprocidade social. A reciprocidade é algo que sempre marcou a ligação entre a família e a comunidade, sem descartar a perspectiva de que ocorrem nestes conflitos e alianças, por exemplo. As necessidades e dificuldades de conseguir o sustento desenvolveram estratégias de troca principalmente entre vizinhos e parentesco [se não de mulheres [Levi-Strauss] e de alianças [Bourdieu]. Honra, terra, moral, afetividade, disposição para o trabalho são requisitos sociais, vividos e concebidos individualmente, porém legitimados no âmbito comunitário. O termômetro é a comunidade; ela é o olhar social e vigilante que publica a identidade individual e que criteriza os agentes afetivos (BRANDÃO, 1995). A reciprocidade é sustentada no grau de moralidade e o reconhecimento de relações com iguais (WOORTMANN, 1995). Eu queria perceber os laços de reciprocidade que fundamentam as comunidades das Lagoas. Para traçar a origem das mesmas e começar a responder essa questão fui prontamente direcionado aos membros de mais idade residentes nelas.

Segundo relatos desses moradores, as comunidade se formaram próximo as Lagoas na faixa litorânea pois: (1) ali mantinha-se a proximidade do mar e da principal colônia de pescadores do município⁵⁷, ponto de partida e chegada dos moradores para o mar, e (2) era um local onde havia água doce em abundância⁵⁸.

Hoje a colônia de pescadores da Barra tem um porto para os barcos de pesca de dimensões medianas (tripulação de 5 ou 6 pessoas) cercado por hotéis e residências.

Instigado a compreender a relação das famílias das comunidades que estudava com a pesca, realizei algumas incursões a essa colônia de pescadores.

⁵⁷ Lá se localiza a principal igreja católica de Marataizes.

⁵⁸ Há uma representação social dos espaços como produto do fundamento do pensamento do pensamentos e da organização social. Esses aspectos todos obedecem a uma lógica que interage para a construção do conhecimento cotidiano.

Ela dista aproximadamente uma hora das Lagoas, numa caminhada constante e sem paradas. Em algumas manhãs realizei a caminhada solitária até esse porto saindo da comunidade de Lagoa Dantas (meu local de descanso). Nestas caminhadas matinais, principalmente durante o retorno às Lagoas, fui acompanhado por moradores destas localidades que se mantinham ligados a atividade da pesca. E foi neste caminhar que fui informado da origem das comunidades rurais das Lagoas, acessando a memória da mesma⁵⁹.

Segundo Pollak (1989) a memória funciona como denuncia, como desconstrução e reconstrução do passado, como história de vida (redefinindo a construção de si mesmo para definir seu lugar social e suas relações sociais com os outros) e como organização social da vida; enfim, memória tende a perenizar a realidade, alimentando-se de referenciais culturais, religiosos, e morais, processos que buscam dar um sentido também à identidade individual e do grupo.

Meus companheiros nas caminhadas, três homens na faixa etária dos 40-50 anos me contaram um pouco de suas histórias de vida. Seus pais haviam morado próximo ao local onde hoje fica o porto e, na época, viviam da pesca também. Porém, sendo a pesca uma forma de garantir rendimentos que se mostrou insuficiente para sustentar toda a família, devido à diminuição da quantidade de peixes obtidos e o baixo preço obtido no mercado do pescado, eles optaram por ir morar em um lugar acessível e, ainda assim, onde o custo com a moradia fosse menor. Segundo eles, a pesca está esvaziada também pelo fato de a tripulação dos barcos agora ser menor. Existem equipamentos que substituem os homens. O resultado é que uma inserção no trabalho da pesca e do mar é dificultada para as pessoas dessas comunidades e, então, a agricultura (principalmente abacaxi e mandioca) e o turismo surgem como opção. Nos dizeres de um desses homens, com os quais conversei, que ainda lidam com a pesca,

“...muitos dos que chegaram em Lagoa Funda viviam da pesca. O pessoal sempre foi simples aqui... quem veio pra cá no início foi pra viver da pescar e a maioria era parente lá na Barra. Da época que eu era jovem pra cá, década de 50, Marataizes cresceu muito. Veio muita gente de fora pro turismo. O pessoal se sentiu incomodado, saiu da antiga colônia e veio pras Lagoas pra arrumar um lugar mais barato pra morar e assim continuar vivendo da pesca. O pessoal de fora comprava os terrenos ali e a gente teve de vir pra mais distante. Meu pai era pescador... a pesca dá pouco dinheiro. Tem de dividir entre todos que saem no barco e todo mundo recebe igual. Mas agora são poucos os que saem pro mar. Agora tem o pessoal plantando é na terra que está mais certa pra ganhar do que o mar... e nisso entra o abacaxi... agora o pessoal de lá ganha o sustento com o abacaxi né?” (Roberto, 55 anos, morador de Lagoa Funda).

O ato de sair tem implicações e vinculações/relações com o lugar de origem e de destino; muitas vezes, alguns saem para fortalecer os que ficam; constrói-se a fragmentação para fortalecer a unidade (WOORTMANN, 1995). A saída de pessoas (filhos) isoladas ou de núcleos de famílias recém formados para os novos espaços viabiliza a não divisão do patrimônio da casa no espaço-mãe (WOORTMANN, 1995). O matrimônio, a migração e a propriedade eram partes de um mesmo modelo de organização interna. Alguns tomaram 'outros rumos'. A interpretação do espírito insatisfeito encobre a construção de um conjunto de

⁵⁹ A memória distribui-se em vários planos e esferas do cotidiano: na família (no sentido de geração em geração), nos grupos de vizinhança, na comunidade, nos atos que mais marcam. Esse processo, em seu conjunto, constrói a reprodução social (habitus) e serve de matéria-prima (WOORTMANN, 1994) para (re)construir e atualizar práticas e interações cotidianas. Esse imaginário compreende o indivíduo que se confunde com o tempo, com uma ordem geral: a família.

relações fundadas na família e que não são perceptíveis sem a ruptura do discurso racional e objetivo.

Os projetos de reprodução social e de patrimônio passam por vieses não mais aglutinadores de colônia-mãe; os grupos vão formando identidades redefinidas, e os graus de parentesco vão se tornando mais tênues (WOORTMANN, 1995).

O papel da família na transmissão cultural intergeracional é importante, não incluindo apenas memória da família, mas da linguagem, da moradia, da posição social, da religião, dos valores e aspirações sociais, do fazer doméstico, da roça, dos modos de comportamento, etc. São aspectos que condensados em práticas e experiências de grupos sociais particulares formam aquilo que Bourdieu chamou de *habitus*.

Concordo com Halbwachs (1990) quando diz que uma vez o passado construído de um espaço, de um tempo social, é a afetividade do momento presente que se destaca e que se investe no cenário como memória de um tempo vivido num grupo.

Halbwachs (1968) enfatiza os pontos de referência que estruturam e que formam nossa memória coletiva, o sentimento de pertencimento, delimitando as fronteiras sócio-culturais. Na esteira durkheimiana, Halbwachs, mesmo sem ver a memória coletiva como coerção ou dominação, enfatiza a coesão social, a adesão afetiva ao grupo (comunidade afetiva) como fenômeno social. O autor defende também o caráter social da memória como também o caráter social da linguagem, no sentido da convenção, da compreensão comum de símbolos, significações, noções, etc. O indivíduo como tendo um papel importante como ser social, que tem seu ponto de vista, inserido na memória coletiva de acordo com seu lugar social.

Halbwachs nos alerta para levar em conta a posição social, o contexto presente, os lugares de onde o tempo presente (re)elabora o passado, a imagem do tempo alterado e as visões do mundo. As reminiscências, os desejos de reconstruir modelos (de família, de trabalho, a união familiar, as crianças na frente simbolizando presença e futuro/continuidade), os bens simbólicos (poder patriarcal, força moral, as hierarquias sociais), os sofrimentos e as transformações são cristalizações de memória muito presentes na vida e nos relatos dos colonos.

Enfim, pelos relatos, o lugar – vazio e perigoso – realizado no trabalho e legitimado pela noção da não posse, mas sim de direito coletivo sobre o mar, garantia a perpetuidade de sua reprodução e do social. Em um lugar novo e difícil o colono construiu a casa, construiu a comunidade e nela o fundamento de sua sociedade: a família. Onde era mato se fez a vida e as roças. O mato é sempre o ponto de partida da construção do espaço de roça; o mato não é produto do trabalho humano, é da natureza, é o desafio do homem. Sobre o significado cognitivo e simbólico do mato, ver Wortmann (1997), bem como Brandão (1995). Matas são lugares visíveis de trabalho e para trabalho; são locais em que se pode morar, fazer a roça, lugares de realização da vida e da cultura. Isso é fruto de trabalho árduo e de obstinação, dedicação e privações.

Nessa possibilidade de acesso a terra e aos frutos para diversos produtores está a dinâmica que possibilita uma articulação para que se dê a permanência dos filhos no trabalho da roça durante o período da produção. Há uma divisão do trabalho em muitas unidades produtivas de forma a que um dos filhos permaneça. Interessante é pensar que esse é um efeito potencializado justamente pelo alto custo da produção do abacaxi ao possibilitar uma divisão das terras para dinamização da produção.

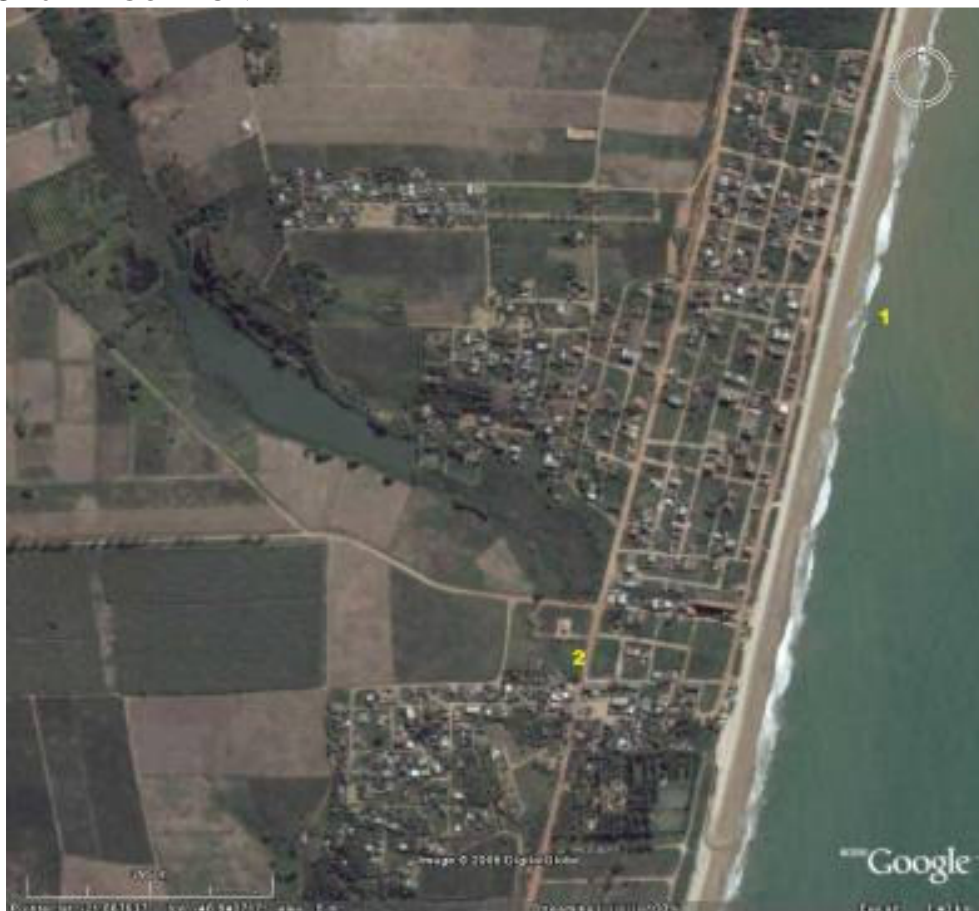
A comunidade lida todos os dias com a possibilidade da perda e com a distância e com as tensões inerentes a essa condição. O pertencimento à comunidade e possíveis laços de parentesco parecem orientar à conformação das equipes para o trabalho com a lavoura de abacaxi, a formação de equipes para a comercialização e o desejo de permanência-retorno dos jovens para junto de suas famílias (espaço afetivo). Esse pertencimento a comunidade parece

ser refletido na complexa ocupação espacial e interação social no universo das Lagoas vista na dinâmica da produção e comercialização do abacaxi.

Quanto à ocupação espacial podemos situar uma diferença que orienta a interação social e a conformação das equipes: local de morada ou trabalho na faixa litorânea ou na zona das roças e, também, em qual Lagoa.

A Lagoa mais próxima do núcleo urbano do município é Lagoa Funda, a intermediária é Lagoa Dantas e a mais distante é Lagoa do Siri (ver fotos 16, 17 e 18). Segundo uma percepção própria dos moradores, em geral, e dos jovens comerciantes também, haveriam dois espaços: o da 'praia' e os da 'roça'.

FOTO 16 - LAGOA FUNDA



Fonte: Google Earth, 2006.

- 1 – Moradas de veraneio
- 2 – Área de comércio e morada permanente

FOTO 17 - LAGOA DANTAS



Fonte: Google Earth, 2006.

- 1 – Área de comércio e morada permanente
- 2 – Igreja e campo de futebol
- 3 – Moradas de veraneio

FOTO 18 - LAGOA DO SIRI



Fonte: Google Earth, 2006.

1 - Área de comércio e morada permanente

A praia seria a zona próxima a faixa litorânea, onde há um número maior de casas e também de estabelecimentos comerciais.

Já a roça seria o lugar das lavouras, lavouras estas que se situam em terrenos conhecidos como tabuleiros costeiros e onde há poucas casas e nenhum tipo de comércio.

A circulação dos jovens e de suas famílias por estes distintos espaços, circulação, fomentada principalmente a partir de relações de parentesco e vizinhança, parece ser fundamental e possibilitar o arregimento e formação de equipes. As famílias, que visitei, residentes junto às lavouras tinham familiares, tios(as), primos(as) ou irmãos(ãs), que residiam na praia, indo inclusive visitá-los com certa frequência sendo o caminho inverso também percorridos pelos que residem na praia. O conhecimento dos vizinhos e dos caminhos (acessos) a esses possibilita um andar seguro por parte dos moradores pelas comunidades rurais das Lagoas. E a segurança, confiança, é algo que é buscado nos que buscam o trabalho com o abacaxi.

As famílias primam e fazem um grande esforço pela boa convivência, inclusive no trabalho. A isenção e socialização dos filhos no trabalho, a dimensão da honra, dos direitos e deveres, das hierarquias, dos convívios, princípios e trocas de socialização, fidelidades sociais e familiares, afetos, unidades de convivências, proteções, submissões, proteções, etc. são construídas, sedimentadas e reproduzidas na famílias (BRANDÃO, 1995) e ampliadas para a

comunidade. Sabemos que as relações intra-familiares são relações que não estão imunes a tensões e conflitos, mas o que pode ser salientado é que esse processo de inserção dos filhos na cultura do abacaxi e a forma de distribuição das terras para o plantio entre famílias, familiares próximos e vizinhos, parece ter reflexo direto na forma como os projetos individuais dos jovens que estão trabalhando na cultura do abacaxi, seja na produção ou na comercialização, estão imbricados aos interesses coletivos das famílias e da comunidade (principalmente ao da manutenção dos jovens junto às famílias, ajudando no trabalho e proporcionando maior renda ao inserirem-se na comercialização direta nas grandes cidades).

Para o próximo capítulo, interessa saber qual o reflexo do ir e vir na construção das imagens que os jovens têm da cidade grande e da roça e como esta imagem baliza seus projetos futuros.

CAPÍTULO III

INDO PARA AONDE AFINAL? IMAGENS DA CIDADE E DA ROÇA

*"Navegar é preciso,
viver não é preciso"*

Fernando Pessoa

Neste capítulo busco explicitar o impacto das imagens que os jovens passam a ter da cidade e da roça através dos processos de deslocamento, tendo como lente analítica a noção de ruralidade como conjugação do urbano e do rural no imaginário dos mesmos. Buscarei essa aproximação tendo ciência de que a fluidez na intersecção do meio rural e do meio urbano é terreno profícuo para esquadrihar as nuances diferenciadas da dita atração dos jovens rurais pelo urbano, suas vantagens (mais trabalho? mais diversão? mais liberdade? mais e melhor futuro?) e desvantagens (dificuldade de conseguir emprego, devido as maiores exigências do mercado de trabalho e maior disputa pelas vagas; distância da família; etc.).

3.1. Ruralidade

Durante um certo período, tomou-se o rural como espaço eminentemente associado à agricultura (devido ao fato de, em alguns casos, grande parte da população dedicar-se a produção agrícola). Atualmente, quando se menciona o rural não se está tratando exclusivamente da agricultura ou de produção agropecuária, mas de um rural re-significado e valorizado (JOLLIVET, 1997).

Para uma leitura adequada do impacto e da opção pelo ir e vir feita pelos jovens, propomos nesta pesquisa uma discussão levando em conta a noção de ruralidade, partindo do princípio de que não há como negar que atualmente existe uma grande aproximação entre o rural e o urbano, dois ambientes sociais e culturais sempre vistos como distantes. O que se sustenta ao utilizarmos a noção de ruralidade, neste trabalho, é que esta aproximação, a partir de vivência de jovens de origem rural em pleno núcleo urbano não leva, via de regra, a uma negação das identidades construídas nas localidades rurais. Ao invés de uma homogeneização que descaracterizaria as identidades sócio-culturais originárias dos indivíduos, a aproximação com o urbano realçaria as especificidades do rural, ocorrendo uma reestruturação das identidades e, em alguns casos, um fortalecimento da condição de “rapazes da roça” em relação estreita com o urbano, vivenciando o rural numa condição nova, que situamos como de ruralidade.

Como sugere Carneiro (1998), ao lidarmos com situações que apontam para uma reestruturação das identidades rurais, de modo a serem atribuído valores e padrões concebidos como “urbanos”, essa aproximação do que situamos como ruralidade exige cautela.

A análise de localidade é tomada também de significativa importância para a análise das identidades rurais. Segundo Carneiro (1998) caberia sustentar as observações e análises na noção de localidade de modo a dar inteligibilidade às múltiplas possibilidades de interação dos agentes à sociedade e à economia global. Partindo desse princípio, não reduzimos o espaço da localidade a uma simples base física, expande-se ela em relação ao global. Pensar assim é importante, pois possibilita a tomada de referências para novos conjuntos de relações sociais, cada vez mais diversificados que aparecem diluídos tanto no rural como no urbano. Reduz-se, desta forma, a necessidade da distinção, tornando-se difícil apontar uma unicidade no sentido das modificações ou, tampouco, uma preponderância determinada de certos valores culturais considerados como hegemônicos. É nesse sentido que Carneiro (2001), apoiando-se na perspectiva de Bourdieu, propõe para o rural, uma leitura desta como uma categoria social realizada em relação, ruralidade. Esta proposta possibilitaria observar as relações sociais com base na escala local, podendo-se agregar ao rural categorias simbólicas construídas a partir de diferentes universos culturais, tais como o urbano no imaginário dos jovens que vem pro Rio de Janeiro. Tende-se assim a orientar o sentido das análises para os agentes do processo, não se fechando a análise exclusivamente na discussão dos espaços rurais ou urbanos.

As fronteiras entre o rural e o urbano estão sendo diluídas cada vez mais pelo processo de intensificação da comunicação entre estes universos culturais. Universos, a primeira vista tidos como distintos, tornam-se cada vez mais diversificados e heterogêneos, o que tem reflexo direto nas novas opções e nos diferentes projetos dos jovens. Estes jovens passam a ser expostos a novas situações e agentes e passam a trazer em si a marca da heterogeneidade de estímulos e alternativas. Como podemos notar, quando observados a partir da perspectiva das sociedades tradicionais, o processo pressupõe a reafirmação de valores e modos de vida locais – sobretudo os que são elaborados no interior do universo familiar. O processo de ruralização resulta justamente da maneira específica de combinar práticas e valores originários de universos culturais distintos com a redefinição de identidades sustentadas não mais na homogeneidade, mas sim na diversidade. Carneiro (1998) problematiza a ruralidade como possibilidade de engendrar novas identidades como expressão de novas relações campo-cidade. Hoje, percebemos a existência de um universo social onde o rural e o urbano estão cada vez mais interconectados. Podemos, inclusive, falar de fronteiras fluídas devido à mobilidade física dos indivíduos entre ambos os espaços. Os universos culturais percebidos como da “cidade” ou do “interior” são definidos como imagens projetadas uma sobre a outra a partir da lente de jovens oriundos do meio rural, como é o caso aqui estudado.

Os jovens vendedores de abacaxi costumam ressaltar a condição diferenciada que a vinda para a cidade os coloca em relação aos jovens que lá ficam quando falam de uma hipotética não vinda para vender frutos no Rio de Janeiro e quando falam dos que lá permanecem (em Marataizes). Segundo um dos jovens,

“Imagina. Não dá para ficar só lá. Lá não tem trabalho. É muito bom, tem os amigos e a família está toda lá, todos se conhecem. Agora, se ficar lá tem de aceitar as pessoas olhando de lado e pensando, porque não foi? Quando a gente vem vê no princípio que a cidade grande é difícil, bem diferente. A gente vê numa semana muita coisa. Aprende a caminhar pelas ruas e onde ficar. Aqui a gente não pode ficar parado. Lá em Marataizes é ir pra praia, jogar um futebol, e ficar conversando com os amigos. Aqui se para pra conversar só na noite durante a janta e antes de dormir. O pessoal aqui conversa sobre as vendas. Lá as conversas são sobre as moças e sobre o que fazer nos fins de semana. Agora, só fala disso quem tem um dinheirinho no bolso. E tem esse quem vem vender no Rio. A gente consegue vir pra cá e

vender o que produz lá. Assim, estamos trabalhando e vivendo. É difícil sair pela primeira vez mas a gente não sabe quando vai voltar pela última. A gente já é assim, fica no lá e cá.” (Jeferson, 24 anos, vendedor de Lagoa Dantas)

Outro ressalta que eles normalmente não gostam de trabalhar na roça, mas gostam de pegar o caminhão,

“Pegar a enxada e ir pra esse sol. A maioria não vai. Só se for em terra que a família tem pra trabalhar e ainda assim só se for pouco tempo ou se o pai precisar muito mesmo. O pessoal cuida muito as roça uns dos outros. Se a roça tá bem cuidada ou não, se o filho está ajudando, pra quem ele vende. Nisso tudo dá pra trabalhar, mas o jovem não quer a roça. É muito calor, tem de usar roupa grossa. E ganha pouco. Bom é ir vender, mas aí tem prioridade quem trabalha forte e está interessado. As vezes nem é na roça, mas é vender bem e ser confiável. E o pessoal gosta de pegar o caminhão. Volta todo mundo alegre, cansado mas alegre. E com história pra contar também.” (Diogo, 36 anos, filho de produtor)

O que se pode perceber nessas falas é que a opção da saída influencia diretamente as formas de encarar o trabalho na agricultura, como “pesado” e “com pouco retorno”, e como se passa a vivenciar o rural de outra forma, sendo valorizado pela inserção num trabalho no universo das grandes cidades ainda relacionado ao rural, como iremos discutir a seguir.

3.2. Valorização do Rural a Partir da Vivência’ do Urbano

“Mesmo permanecendo na posição de subordinação e de complementaridade ao urbano (como por exemplo, na ênfase aos serviços prestados aos cidadãos pelos agricultores e demais segmentos de zonas rurais na manutenção de áreas de lazer e de preservação ambiental), o mundo rural não representaria mais uma ruptura com o urbano e as transformações que lhes são atribuídas na atualidade não resultariam na sua necessária descaracterização, mas em uma possível reemergência de sociabilidades e de identidades tidas como rurais” (CHAMBOREDON, apud CARNEIRO, 2001, p. 4).

As diferenças entre rural e urbano já foram estudadas por George Simmel em seu artigo clássico “A metrópole e a vida mental”, de 1902. Neste, Simmel chamava a atenção para a especificidade da vida social nos grandes centros urbanos surgidos da Revolução Industrial, da formação dos grandes estados nacionais e de um complexo mercado internacional. Um de seus objetivos nesse texto era contrastar um estilo de vida metropolitano com o modo de vida tradicional, rural. A grande cidade caracterizar-se-ia, sobretudo, pela grande quantidade e diversidade de estímulos, um ponto de interseção de vários mundos experimentados pelos indivíduos.

Nesta perspectiva, importante para nosso estudo, é a imagem que os indivíduos irão expressar em sua vinculação com os distintos locais. Isso se dá através de suas percepções e práticas, independente de estarem ou não no local, sendo possível testar essa abordagem diante da fricção proporcionada pela mobilidade contínua de uma localidade dita rural para uma localidade urbana. Os estudos de Carneiro apontam no sentido de uma leitura diferenciada do rural, oposta a concepção do continuum rural-urbano. Neste sentido, mais do

que fincar fronteiras entre o rural e o urbano ou buscar diferenças culturais nas representações sociais, a autora propõe que se averigüe as nuances das relações que as práticas sociais estabelecem, sendo que as práticas podem até mesmo ampliar a rede de relações sociais. No caso do presente estudo, as identidades estão ancoradas no sentimento de pertencimento a uma determinada localidade, as Lagoas de Marataizes, e assim criam uma forte consciência de si na relação de alteridade, o que tem reflexo direto nos projetos dos jovens vendedores de abacaxi.

Enfim, a mobilidade entre o rural e o urbano, numa perspectiva cada vez mais fluida, possibilita que vislumbremos a valoração e a influência dessa condição nas opções percebidas pelos rapazes para viver novas situações e projetos vivenciando e acessando passado (origem), presente (deslocamento) e futuro (destino). O que ocorre com os jovens vendedores de abacaxi é uma valorização do seu espaço de origem como o local para se viver se pensado em relação à cidade grande, local de trabalho e vice-versa. O Rio de Janeiro é valorizado como local de trabalho.

A “tranquilidade da vida” em Marataizes é muito ressaltada, em contraponto à “agitação” das ruas do Rio de Janeiro. Os jovens sentem uma afinidade maior com o que eles definem como sendo a “roça”, o espaço de suas comunidades, quando pensam e articulam seus projetos para o futuro.

Como explicitado no capítulo anterior, há uma distinção interna entre os jovens que vem para o Rio de Janeiro comercializar os frutos. Os jovens que vem no período da safra alta do abacaxi são os que têm maior afinidade e proximidade com as famílias produtoras, sendo filhos de produtores, primos ou vizinhos. Estes já têm uma inserção e valorização diferenciada e são chamados com mais frequência para viajar, conseguindo também uma vaga nos caminhões com maior facilidade. Já aqueles que vêm comercializar os outros frutos no período de entre-safra do abacaxi têm uma situação mais precária, numa condição de capital social que não contempla as expectativas dos formadores de equipes e com laços familiares, em relação aos que já estão na comercialização, distantes ou inexistentes. A proximidade e a confiança são fatores importantes quando é pensada a conformação das equipes. Segundo um dos jovens, filho de produtor e dono de um caminhão,

“... busco o pessoal que eu conheço ou que o restante do pessoal conhece. Tem muito parente aqui e a gente já sabe mais ou menos quem trabalha e gosta de ir pra cidade grande. Não adiante estar distante de casa e dar trabalho. Tem de estar lá pra trabalhar, pra vender a carga toda e voltar pra pegar mais. O trabalho é duro, isso todos sabem, mas parece que recompensa, pois sempre eles querem voltar. Vale a pena pra todos. Todo mundo tem ganhado. Na safra do abacaxi o pessoal ganha mais, mas quem não vai na do abacaxi tem como ganhar depois vendendo outras frutas. Não ganha tanto mas já é um dinheiro e quem sabe um começo. A pessoa não quer começar por cima não é mesmo? E quem aceita isso tem condições de vir sempre e vir depois na hora boa.” (Fábio, 27 anos, vendedor e filho de produtor.)

Essa diferença de inserção e de valorização nas comunidades tem reflexo direto na percepção que esses jovens têm da possibilidade de inserção num trabalho no Rio de Janeiro ou de sua permanência em Marataizes. Os primeiros, filhos ou parentes mais próximos de produtores, nutrem laços de afeto mais estreitos e traçam seus projetos na perspectiva de permanecer em Marataizes e trabalhando na cultura do abacaxi, sempre melhorando a posição no trabalho, seja conseguindo trabalhar e suceder o pai na lida com o abacaxi, seja ao procurar arrendar uma roça própria ou adquirir um caminhão para comercializar os frutos na cidade grande, pensando na possibilidade de um filho seu vir a realizar as jornadas que hoje ele faz. Já alguns poucos, do outro grupo, muito em virtude de sua inserção nas equipes ser

mais precária, citaram com alguma frequência o desejo de deixar Marataizes se conseguissem um emprego no Rio de Janeiro. Essa diferença parece ocorrer, pois assim como sua inserção e sua decorrente valorização para o trabalho ainda é desigual se comparada aos que vendem o abacaxi, sua situação social também é mais precária. O modo de lidar com essa disparidade, buscando alcançar um patamar de valorização que os coloquem em situação melhor é perseguido através de uma entrega ao trabalho permanente, porém muitas vezes não é alcançado. Enquanto a maioria dos jovens valoriza sua localidade de origem e pretende continuar morando lá, o que será que atrai na cidade grande os que não querem permanecer? A fala de um dos jovens que vende frutos diversos e não somente o abacaxi parece ser reveladora,

“O Rio de Janeiro é muito bom. Tem de tudo e dá pra gente vir conseguir um trabalho aqui e ficar. Já lá em Marataizes não tem nada pra fazer, não tem trabalho, a gente tem de ficar pedindo. Eu estou tentando uma vaga de motorista de ônibus aqui. De repente fico. Ainda tenho de ver local pra morar, mas com um salário dá pra organizar a vida. Esse trabalho de vender é só para juntar o dinheiro para me manter, sei que não vou conseguir nada com ele. Quero mesmo é vir para uma cidade maior e seguir minha vida. Acho que posso aproveitar mais aqui no Rio. Lá em Marataizes eu não tenho o que fazer mesmo, estou perdendo tempo, e trabalhar na roça também não é pra mim.” (Romeu, 33 anos, vendedor de frutos)

Esse rapaz é de uma família numerosa e todos têm uma inserção precária na comunidade. O pai trabalha como pedreiro e a mãe é dona de casa. Tem três irmãos, todos já trabalharam na cultura do abacaxi e duas irmãs que casaram e saíram de casa. Nessa condição, o que pode ser ressaltado é o desejo de conseguir uma colocação no mercado de trabalho mais estável, que ocupe o tempo, em contraponto a situação de “perda de tempo” vivida em Marataizes. A própria inserção no trabalho, com relações de afinidade definindo muitas vezes quem vem vender ou não (“tem de ficar pedindo”) incomoda esses jovens. Eles se sentem desvalorizados e desvalorizam o espaço e o trabalho rural.

Já os jovens que vêm comercializar os frutos na safra alta do abacaxi valorizam muito Marataizes quando comparados aos outros rapazes. Eles já têm uma condição sócio-econômica diferenciada e isso parece influir em seus projetos diretamente, principalmente na capacidade de realização e satisfação. São membros de famílias que já arrendam terras ou compraram caminhão para comercializar e estão inseridos na cultura do abacaxi de modo mais efetivo. Eles situam Marataizes como uma cidade calma, onde todo mundo se conhece, como tendo praias bonitas e boas para banho, inclusive citadas como “muito melhores que as do Rio de Janeiro”. Trabalhar no Rio de Janeiro e ao mesmo tempo continuar morando com a família e estar perto dos amigos é o desejo desses jovens. Esses são os principais aspectos valorizados e parecem o ser como resultado da condição e da visão da localidade de origem e de sua inserção diferenciada. Por estarem sendo, também, valorizados, têm se o desejo de permanecer em Marataizes, por exemplo. Já o Rio de Janeiro para eles é visto somente como local de trabalho, local de passagem, onde não se estabelecem vínculos, somente se vem pro Rio de Janeiro para vender e juntar o necessário para morar na “roça”. A mobilidade é aceita por estes rapazes com mais tranquilidade quando atrelada a um projeto de permanência na cultura do abacaxi e em Marataizes no futuro.

Há também a diferenciação sócio-econômica desses jovens, que deve ser levada em conta. Os que têm acesso a terra, arrendada ou da família, e que saem para comercializar na safra, como uma contrapartida do trabalho na roça durante o restante do ano, têm, normalmente, uma condição econômica melhor. Estes rapazes, conseguem ficar nos melhores pontos de venda, tem maior voz e autoridade nas equipes e um maior desejo de permanecer junto à família nas Lagoas. Já os que têm uma condição mais precária parecem ser mais seduzidos

por um projeto de saída permanente para a cidade, uma migração. Essa diferenciação parece se agudizar a partir do momento em que há um rendimento diferenciado no pagamento do trabalho. Será que há uma disposição a ser atraído pela cidade, uma maior sedução da cidade, se mais precária e fraca ser a condição na hierarquia social nas equipes?

3.3. Impacto da Mobilidade na Percepção dos Jovens: “A Cidade Grande” e a “Roça”

Nessa pesquisa, as representações e as formas de comunicação entre os que ‘saem’ de Marataizes e os que ‘ficam’ (como ressaltado, na grande maioria familiares) é ponto revelador não somente das redes e relações que se estabelecem e possibilitam o vai-e-vem entre Marataizes e outras ‘cidades-grandes’, mas também como as representações acerca da cidade grande e da roça, do interior, são articuladas e legitimadas ressaltando aspectos positivos e negativos de um e de outro.

Segundo Kevin Lynch (1997), os elementos móveis de uma cidade e, em especial, as pessoas e suas atividades, são tão importantes quanto as partes físicas estacionárias. Não somos meros observadores desse espetáculo, mas parte dele; compartilhamos o mesmo palco com os outros participantes e passamos a ter uma imagem desta. A apreensão ao nível de uma imagem ocorre em planos de múltipla interpretação e devido a isso, ser símbolo, é necessária a sua interpretação para que ocorra interação com a imagem, como diz Ricoeu: “O símbolo exige a sua interpretação” (RICOEU, 1970, p.15).

Transmitimos e recebemos impressões e essa comunicação é diária. Nesse constante ir e vir, reforçam-se as representações acerca dos lugares vividos e legitima-se o acerto pelas escolhas e ações realizadas.

Tomando por representação a proposição de Moscovici,

“Uma representação social é a organização de imagens e linguagem, porque ela realça e simboliza atos e situações que se tornam comuns. Encarada de um modo positivo, ela é apreendida a título de reflexo na consciência individual ou coletiva de um objeto, de um feixe de idéias que são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante: a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem.... Devemos encará-la de um modo ativo, pois seu papel consiste em modelar o que é dado no exterior, na medida em que os objetos e os grupos a relacionam de preferência com os objetos, os atos e as situações constituídos por (e no discurso) miríades de interações sociais. Ela reproduz, é certo. Mas essa reprodução implica um remanejamento das estruturas, uma remodelação dos elementos, uma verdadeira reconstrução do dado no contexto dos valores, das noções e das regras de que ele se torna doravante solidário... Atrás, o dado externo jamais é algo acabado e unívoco; ele deixa muita liberdade de jogo à atividade que se empenha em apreendê-lo... Em poucas palavras, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (Moscovici, 1978, p. 25-26).

Podemos entender que a representação que os jovens tem da cidade leva em conta a sua construção da sua espacialidade. Quando chegam ao Rio de Janeiro pela primeira vez eles são guiados pelo que os seus pares (outros jovens que já estiveram na cidade) situam como espaço acessível a sua circulação. Saber em que esquina ficar para vender e quem pode ficar nessas esquinas. Saber de onde vêm os carros da fiscalização e para onde ir para evitar ser visto por estes. Saber dar visibilidade aos frutos enquanto se permanece em aparente

invisibilidade, para evitar problemas. São aspectos novos aos quais os rapazes são expostos somente no turbilhão da cidade grande e são passíveis de serem entendidos pela condição de grupo aos quais eles se sentem parte. Autor da geografia que nos ajuda a entender a produção da espacialidade numa condição de entrecruzamento é Edward Soja (1993). Para ele, o espaço é criado pela ação dos sujeitos entre si. Este autor afirma que

“a produção da espacialidade, em conjunto com a construção da história, pode ser descrita como o meio e o resultado, a pressuposição e a encarnação da ação e do relacionamento sociais da própria sociedade. As estruturas sociais e espaciais estão dialeticamente entrelaçadas na vida social e não apenas mapeadas uma na outra como projeções categóricas” (SOJA, 1993, p.155)

Isto é, espaço e ação estão entrelaçados, o que nos ajuda a ver que os deslocamentos pela cidade criam interações entre as pessoas, movendo-as em processos de aproximação ou distanciamento e possibilitando a segurança para o próprio circular. O que parece ser o caso em que está ancorada a opção dos rapazes da roça.

Circular pela cidade é ponto fundante para a produção de seu conhecimento e condição para experimentar diferentes estímulos do urbano. Circular pela cidade é o ponto de partida para seu entendimento e sua ocupação. Entretanto circular pela cidade, como, por onde e para onde, não se faz de forma aleatória. Os interesses, as crenças e os valores delineiam os trajetos dos sujeitos na cidade possível, dentre as muitas cidades.

Para Simmel, por exemplo, a cidade fascina como possibilidade de desfrutar da convivência do outro sem ser importunado. Segundo ele, já no começo do século XX, nosso espírito moderno não suportaria as restrições sobre nossa independência e sobre as relações com os outros como as que se encontram na vida do interior. Portanto, é para a cidade que vão os que querem liberdade e viver a individualidade, com o anonimato proporcionado pela cidade favorecendo a busca pessoal da distinção pessoal. Os jovens pesquisados tomam a cidade, suas ruas e esquinas como seu lugar de trabalho e vivenciam este de forma coletiva, rompendo com o anonimato quando se percebem como grupo. É pelo fato de todos se encontrarem pelas ruas que eles conseguem entendê-la como lugar de trabalho e suportar a solidão dos momentos de invisibilidade. Ao se perceberem circulando pelas ruas, assim como seus pares, eles vem consolidado o movimento de liberdade de ir e vir como expectadores da cidade, mantendo a invisibilidade perante os outros da cidade. Eles parecem apreender signos e posturas para manter essa invisibilidade na cidade e, em contraponto, obter visibilidade em suas localidades de origem, quando, por exemplo, chegam comentando o que viram no Rio de Janeiro, mesmo que não experimentem o que a cidade tem de diferente.

Como diferente na cidade, os jovens tomam a grande agitação, as possibilidades de diversão (que não se realizam, tais como danceterias, restaurantes, bares, etc.), as construções e a ocupação dos espaços, e também de insegurança e de impossibilidade de estabelecer relacionamentos mais duradouros (com moças para namoro, por exemplo). Enquanto trabalham, suas relações com os transeuntes são eventuais e pontuais, parecem na maioria do tempo meros “expectadores da cidade”. Eles não chegam a estabelecer relações sociais e laços, mesmo por que eles são também móveis na cidade. Os clientes, normalmente, não chegam a constituir grupos de clientela com os quais os jovens teriam maior proximidade, são poucas as exceções de clientes com quem mantêm conversas por um tempo maior que o da negociação por um maior preço. O fato dos rapazes terem muito receio dos fiscais faz com eles não se mostrem muito. Eles não falam alto, não gritam seus produtos como o fazem os camelos na cidade, eles optam pela invisibilidade. Como também não se relacionam com

outros personagens da cidade (a não ser com outros camelôs e funcionários e donos de bares e de postos de gasolina, numa condição de acesso a sanitários ou cuidado com os produtos quando da necessidade de ir a estes), não consideram esta seu “lugar de vida”. Têm uma relação de meros observadores, atentos, porém sem intervir naquela realidade, ou intervindo o menos possível ao comercializar os frutos. Daí serem tidos aqui como “expectadores da cidade”.

Essas representações que eles têm das cidades e essa opção de postura perante a mesma, acabam por reforçar a imagem positiva que possuem de Marataizes, que se situa no imaginário destes jovens como o local de segurança, onde é possível ir a praia tranquilamente, descansar, constituir família e viver, num claro contraponto à vivência no Rio de Janeiro.

A possibilidade de vivenciar ambos os espaços, buscando o que neles é positivo (tranquilidade e paz em Marataizes e possibilidade de trabalhar, ganhando o necessário para o sustento, no Rio de Janeiro, por exemplo), parece que se articula de forma a dar condições de superar as dificuldades e aceitar a condição de mobilidade. Por exemplo, quando no Rio de Janeiro, local tido como violento, os jovens tomam como referência sua cidade de origem, valorizando-a no aspecto da tranquilidade. Por outro lado, vir pro Rio de Janeiro e voltar com o rendimento do trabalho para a tranquilidade do lar, superando dificuldades, é algo que ampara estes jovens e faz com que eles se dediquem ao trabalho mesmo em condições precárias e valorizem muito os momentos com a família, como veremos no item seguinte.

A inserção num trabalho, mesmo que precário, parece ser uma condição somente alcançada na cidade-grande. Muitas são as críticas acerca da falta de emprego em Marataizes. E, segundo os rapazes, quando há um emprego tem dez candidatos e as exigências são grandes, tais como maior nível escolar e até mesmo aparência.

Segundo um dos rapazes, “... no verão quando a cidade enche o comércio abre umas poucas vagas. E parece que o pessoal quer gente que fala bem, faz conta e é bonito. É difícil alguém sair da roça pra isso.” (Jéferson, 28 anos). Essa fala parece indicar uma situação de desagrado tanto com a “invasão” dos turistas no verão, que modifica a paisagem das Lagoas, quanto com os valores que balizam a inserção no trabalho. O rapaz que ouvi trabalhava na cultura do abacaxi há aproximadamente doze anos e disse também apesar disso quer um futuro junto à família, aos pais, na sua localidade de origem. Diversos rapazes demonstraram preocupação semelhante e afirmaram que vir para o Rio de Janeiro era para buscar sustento e condição de “permanecer na roça” mesmo que vivendo uma rotina de trabalho pesado.

3.4. A “Cidade-Grande” no Projeto de Permanência na “Roça”

Nessa nova situação de experiência urbana-rural, onde o trabalho é realizado num espaço vivenciado como outro, e não aquele em que se vive e planeja o viver, os indivíduos passam a ter a necessidade de conjugar ausência e presença simultaneamente. A circulação entre esses diferentes planos insufla uma problemática própria, de unidade e fragmentação, tendo reflexos diretos na própria identidade e memória dos grupos outrora designados como ou “rurais” ou “urbanos”. Isso tem reflexo na forma como eles expressam seus projetos de futuro. As noções de metamorfose, campo de possibilidades e de projeto com que Velho trabalha nos ajuda a lidar com esse conjunto de problemas.

Em relação à sociedade moderna, Velho lembra que estamos, de um modo inédito, vivenciando sistemas de valores diferenciados e heterogêneos. Existe uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão e a metamorfose, possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos –universos

simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. (VELHO, 2003). Essa reconstrução está atrelada diretamente à formulação de projetos inscritos num espectro de possibilidades, num campo de possibilidades. O campo de possibilidade pode ser percebido como a margem de manobra das escolhas e opções possíveis às pessoas que vivem num campo sócio-cultural dado e ali buscam realizar seus projetos.

Neste trabalho, tomo de Gilberto Velho as noções de projeto e campo de possibilidades atrelando-as à condicionantes, de sociabilidade, gênero e geração nesse meio de intersecção rural/urbana.

Para situar tais noções no contexto original proposto por Velho, as camadas médias urbanas, devemos ter claro que nas sociedades complexas, particularmente, a coexistência de diferentes mundos constitui a sua própria dinâmica. É esta dinâmica, agora alçada ao ‘mundo rural/urbano’, que possibilita, no meu entendimento, a utilização destas noções. Em relação direta ao estudo por mim proposto, problematizarei a noção de campo de possibilidades, trazendo à tona idéias de projetos compartilhados. Interessante ressaltar, isso Velho faz, que mesmo “um projeto coletivo não é vivido de modo totalmente homogêneo pelos indivíduos que o compartilham. Existem diferenças de interpretação devido a particularidades de status, trajetória e, no caso de uma família, de gênero e geração” (VELHO, 2003: 46). E, mesmo os projetos individuais sempre interagem com outros dentro de um campo de possibilidades. Não operam num vácuo, mas sim a partir de premissas e paradigmas culturais compartilhados por universos específicos. É a partir dessa premissa que proponho a transposição das noções deste autor para o fluido meio rural/urbano. Importante nessa transposição é ter em vista os objetivos diferenciados acessados por tanto por gênero, quanto por geração, visto que estes passam a delinear as trajetórias dos indivíduos, a viabilidades de realizar tais projetos devido à conjugação com outros projetos individuais ou coletivos e da dinâmica do campo de possibilidades que se coloca a indivíduos e grupos sociais. Afinal, os projetos, como as pessoas, mudam e os locais de realizar os projetos, as condições (objetivas e subjetivas) situam o mesmo em relação a sua possibilidade de realização. Viver em Marataizes para a maioria desses rapazes somente é possível a partir do momento em que se aceita sair para vender os frutos no Rio de Janeiro ou em outra cidade grande. O campo de possibilidade para realizar os projetos de vida na localidade de origem é expandido a partir do momento em que se aceita a mobilidade.

A própria noção de que os atores podem escolher é o ponto de partida para se pensar em projeto (VELHO, 1987). Ligando objetivo e subjetivo, o projeto “formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.” (VELHO, 1987: 27), e é uma dimensão da cultura na medida em que são sempre expressão simbólica e política. Deve-se ter claro e levar em conta quais são as possibilidades de sucesso na empreitada e o que fazer para então se realizar a mesma. Resgatando Schutz, quando há ação com algum objetivo predeterminado ter-se-á o projeto (SCHUTZ, 1971). A noção de projeto supõe uma margem de manobra existente na sociedade para opções e alternativas, refletindo a própria identidade a partir do espaço social que lhe é conferido ou obtido. O indivíduo, agente empírico, desempenha papéis que permitirão a elaboração de uma identidade mais ou menos sólida, respeitada, gratificante, como vender abacaxis pelas ruas do Rio de Janeiro e ainda assim optar por permanecer em Marataizes com a família, que necessita do entendimento e da valorização por parte do restante da sociedade, o que quando alcançado, muitas vezes, possibilita a realização de planos de vida.

Neste aspecto, o do entendimento e da valorização para a realização de projetos, é importante ressaltar o próprio domínio do parentesco em relação à identidade do agente com todas as possibilidades e ambigüidades. Ele lembra que encontrou em histórias de vida e

relatos familiares o padrão do indivíduo que sai de seu grupo de origem, cidade, bairro, para explorar novas possibilidades. Isso é comum entre os jovens. No entanto, o que parece ser interessante ressaltar no presente trabalho é que, aqui, ocorre uma saída para explorar as novas possibilidades oferecidas pelo urbano mas não refutando a imbricação de ambos os espaços para realizar o projeto e, se possível, articulando o mesmo de modo a manter Marataizes, a “roça” ou o “rural”, como espaço de viver, espaço onde se sente bem e se aproveita a vida. A saída é vislumbrada como uma possibilidade para a realização do projeto de permanecer na localidade de origem. A mobilidade permite essa realização.

Como visto, no caso aqui estudado, nesta experiência fragmentada de idas e vindas e a partir do aceite da mobilidade, o projeto de vida atrelado diretamente ao trabalho na cultura do abacaxi, vem dar sentido as novas possibilidades que se abrem aos jovens de origem rural e suas famílias.

Nesse novo espectro, que combina uma intersecção rural/urbano e autoridade paterna com dialogo intergeracional, ligada a uma divisão do trabalho nas unidades de produção e nos espaços de comercialização, é importante ter claro que surgem tensões e conflitos. No decorrer do trabalho de campo não notei nenhum momento de tensão, mas acredito que isso se deve ao fato do pequeno tempo que passei junto ao universo pesquisado.

Falo de autoridade paterna com diálogo intergeracional, pois, no caso estudado, o pai detém o saber sobre a lida na roça e é referência nas relações nas localidades de origem e os filhos detém o saber sobre a cidade e o processo de comercialização na “cidade grande”, que é estranha aos primeiros. Essa peculiaridade valoriza ambas as partes e suscita diálogos fecundos que fortalecem as relações, fomentando a circulação de informações e conhecimentos. O filho passa a saber lidar na roça de abacaxi e o pai passa a saber das coisas da cidade por um meio fidedigno, por exemplo.

É natural que os indivíduos assumam papéis e como não existe sociedade que leve esse processo sem tensão, os jovens para conseguir realizar seus projetos desenvolvem algumas estratégias e têm cartas na manga: tais como, sua força de trabalho (com sua disposição para aceitar a mobilidade e a precariedade das condições) e o próprio desejo de permanecer em Marataizes. Essas cartas são articuladas numa valorização de Marataizes como lugar para morar, pois os jovens querem constituir família ali, mas com uma identidade diferenciada: a de jovens que combinam moradia no rural e trabalho no urbano, articulando o que encontram de melhor de ambos os espaços.

As mudanças na relação com os locais e as informações levadas para a família têm reflexo direto na forma e no peso da socialização e nas escolhas dos indivíduos inseridos nestas, o que acaba refletindo na sua própria percepção identitária. Isto ocorre, pois as escolhas que os indivíduos fazem estão atreladas e dizem respeito a sua identidade ou formulação de identidade. Velho resalta que na nossa sociedade o indivíduo transforma-se no foco privilegiado de todo discurso cultural. Tendo claro que a conjugação da família e da individualidade manifesta um problema moderno, algumas vezes com uma perda do sentido da tradição que desloca projetos e as possibilidades vinculadas a esses, busquei ressaltar também este aspecto. O que parece ocorrer aqui é a conjugação do coletivo do “interior” com a individualidade na “cidade grande”. Mesmo sendo essa individualidade na realidade vivenciada como um coletivo. No caso, um coletivo erguido num processo de fortalecimento da afetividade num plano e numa condição que situa seus projetos em relação a sua localidade de origem. Os jovens saem para trabalhar na cidade grande e nessa realmente se dispõem de modo a realizar o trabalho de forma coletiva, uma forma coletiva que é muito valorizada em Marataizes e dá a certeza de que todos estão bem e cuidando uns dos outros. Segundo Renato, 23 anos,

“Todo mundo é grande aqui e se respeita, se cuida. Isso é bom porque se precisar a gente pode contar com o amigo. Nunca aconteceu nada com alguém que tenha vindo comigo num caminhão, mas sei de casos de gente nova que vem e não aguenta. Gente que vem pela primeira vez para ficar dez dias e acaba ficando somente três tendo que voltar pois chora e sente saudades de casa. Normalmente o pessoal novinho que não está acostumado. Mas ainda assim a gente conversa bastante sobre o que acontece aqui, é uma forma de dividir né? Aqui não tem papai não, mas tem irmão e todo mundo é como uma família. Manda notícias e recebe notícias, é como se estivesse em casa mesmo, mas claro que bate saudade. Quem não quer estar com em casa mesmo.” (Renato, 23 anos, vendedor)

Esse cuidar é fortalecido pela condição de pares, jovens que saem do alcance de controle dos pais, mesmo que momentaneamente quando experimentam as aventuras na cidade, fortalece a relação entre eles e reforça a força os seus discursos em seu lugar de origem para junto dos que lá ficaram.

Autora interessante para se pensar essa situação é Sarti (2002). Esta autora aponta no sentido do dialogo entre gerações com diferentes pontos de vistas e ressalta que o grande problema de nossa época é o de compatibilizar a individualidade e a reciprocidade familiares já que a família é uma esfera marcada pela diferença complementar, tanto na relação entre marido e mulher quanto entre pais e filhos,

“Nas sociedades tradicionais, ao contrário das sociedades modernas, onde a dimensão da individualidade é valorizada, os papéis familiares não são conflitivos, porque estão predeterminados. A partir do momento em que existe espaço social para o desenvolvimento desta dimensão individual, os papéis familiares se tornam conflitivos na sua forma tradicional, embora a vida familiar continue tendo o mesmo valor social que sempre teve” (Sarti, 2002: 43)

Na modernidade, os processos de socialização não ocorrem apenas na família, sendo realizados, simultaneamente, pela escola, igreja, mídia, além da imensa influência exercida sobre os imaturos pelo grupo de pares, causando uma múltipla identidade, já que os indivíduos circulam por vários planos e lugares.

No caso aqui estudado, como já foi dito, a possibilidade de assumir uma responsabilidade maior perante a família no processo de trabalho, vir comercializar os frutos, proporciona um novo aspecto, que é o lugar da condição de autoridade e poder na família, principalmente em relação a essa nova geração, explicitada, aqui, com o caso dos vendedores de abacaxi.

Com a vinda para a cidade os jovens passam a dominar um saber que não é acessível aos mais velhos, pais ou avós, de forma direta, já que estes não experimentarem a saída do interior. Mas os jovens contam sobre a “cidade grande” e as novidades, ganhando respeito e admiração.

Isso os incentiva a buscar saber se deslocar pelas ruas, saber os símbolos que ditam o fluxo do trânsito de pedestre e de automóveis, saber os distintos horários em que é possível circular pela cidade. Assim, agora são os mais novos que transmitem um saber sobre um espaço novo aos mais velhos num processo de socialização dinâmico onde as responsabilidades sobre as opções e escolhas da família são divididas e não recaem mais somente sobre os pais.

Numa das perspectivas, que é o da análise intergeracional, temos como balizadoras as reflexões de Vitale (2002). Esta autora estudou o processo de transmissão do mundo social

através das relações entre três gerações. As relações intergeracionais constituem um terreno fecundo para se examinar o processo de transmissão mostrando os limites, mas também as possibilidades, quando se trata de refletir sobre a família em suas transformações, já que os conteúdos transmitidos tanto podem ser transformados quanto repetidos, se compondo e recompondo entre as diferentes gerações. Estas gerações, sendo portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo, dão dinamicidade ao próprio tecido de transmissão, reprodução e transformação no mundo social. A autora utiliza-se da noção de *legados geracionais* definindo as gerações não apenas pelas relações entre idades e percursos de vida, mas considerando as relações entre elas. Segundo Vitale (2002), o exame do processo de socialização requer a focalização do olhar sobre a família e as relações entre as gerações, já que “...se a família pode ser vista como unidade básica no processo socializador, as relações *intergeracionais* permitem apreender o movimento da socialização, ou seja, sua dimensão temporal” (VITALE, 2002). Esta autora parece ser a que melhor se adequa a este trabalho visto que as condições de diálogo e barganha entre pais e filhos estão sendo ditadas por condições objetivas e subjetivas, um mundo social com os quais eles não obteriam, ou imaginam não ser possível obter, sucesso sozinhos. Isso ocorre, dado que uma geração tem a vivência em um dado espaço social e não se sente em condições de experimentar uma nova e a outra, mais jovem, busca seus espaços em uma nova situação de mobilidade, reflexo de sua própria situação em relação aos primeiros, que por sua vez aceitam também essa situação de mobilidade.

Convém lembrar que o mundo social integra o processo de construção da subjetividade e, por sua vez, de socialização. E, neste sentido, resgatando o trabalho de Berger e Luckmann, a socialização pode ser percebida como uma “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (BERGER e LUCKMANN, 1987: 175). Esta introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade, como sustento, é de difícil realização pois o lugar no mundo não é mais ‘seguro e claro’, as mudanças são cada vez mais rápidas e as referências alterados com intensidade.

As ações das gerações dentro das famílias são marcadas por uma dinâmica que demanda de seus diferentes integrantes um constante exercício de pensar o presente e o futuro, o que os tem levado a re-situarem continuamente suas estratégias, optando por ficar ou sair em determinados períodos do ano e organizando a vida para permanecer em Marataizes durante o restante do tempo.

Este processo é notado, principalmente, em momentos chaves tais como: maioridade legal, ingresso no mercado de trabalho com conseqüente autonomia financeira, casamentos⁶⁰, saída de casa, aceite de herança, etc. No caso dos vendedores de abacaxi, nota-se quando se questiona se o ir e vir para comercializar vale a pena, quem realizará tal tarefa, quem trabalhará na roça.

Parto do princípio de que qualquer sociedade ou cultura tem certo grau de especificidades a partir do qual lida com estes momentos. Na atualidade, estas especificidades se confrontam numa visão de mundo e em estilos de vida diferenciados e em transição, onde a experiência do agente individual é alçada à condição de foco e referência básica. Relembrando Velho (2001), que indica que nas camadas médias urbanas, hoje, o indivíduo é percebido como sujeito potencial de sua existência, tendo na sua construção e desenvolvimento de projetos a possibilidade de realização de sua vida, no caso aqui exposto pude notar que ocorre esse processo no momento em que os jovens disputam espaços nas equipes para comercializar os frutos sendo que esse processo pode ser relativizado e diluído

⁶⁰ Durston aponta que hoje em dia a juventude rural tem maior liberdade para eleger a pessoa com a qual se casa.

por estratégias que mantenham o grupo, tal como a aceitação da hierarquia, numa condição e situação que os remete a realidade das Lagoas.

Como já foi mostrado, quanto mais próximo à família que articula a comercialização maior garantia de participação na equipe o jovem tem. Vê-se que o individual e o coletivo estão imbricados, um dando sustentação ao outro, revelando as possibilidades dos indivíduos agirem e serem reconhecidos também como coletivo (o que parece dar sustentação quando o individual não é suficiente para o sucesso nas empreitadas).

Carneiro (1998), no estudo acerca da realidade de agricultores franceses, identifica a alteração de uma lógica em que, primeiramente, os interesses individuais eram subordinados à um objetivo coletivo maior, que era o de preservar o patrimônio familiar e assegurar as condições mínimas para o funcionamento das unidades de produção familiar, no que a juventude tem papel basilar: aceitando as condições do jogo de sucessão. Ou seja, a vida em família ditava a própria identidade de grupo, diretamente relacionada à processos de socialização. Esses processos não ocorrem apenas na família, sendo realizada, simultaneamente, pela escola, pela igreja, pela mídia, além da imensa influência exercida sobre os imaturos pelo grupo de pares, constituído por iguais, causando uma múltipla identidade já que os indivíduos circulam por vários planos.

Desta mobilidade tem-se um aspecto novo e relevante, que é o lugar da condição de autoridade e poder na família, principalmente em relação à nova geração. Apontando nesse sentido, Romanelli (2002) enfatiza que as intensas transformações registradas nas sociedades ocidentais tendem a fazer com que a experiência dos adultos seja considerada, pela nova geração, inadequada para oferecer modelos que possam organizar e orientar suas formas de sociabilidade. A condição de chefe de família era transmitida pela socialização, mediante o exemplo paterno,

“Sedimentado na tradição efetivamente vivida, e considerado adequado para organizar o presente dos filhos, o saber do genitor era por ele utilizado para preservar uma estrutura hierarquizada de família. No entanto, a rapidez das mudanças que afetam a família tornam o saber acumulado pelo pai inadequado para fazer face a situações novas, que não foram vividas por ele e sobre as quais sua experiência é nula”. (Romanelli, 2002: 82)

Para esse autor, há uma redução da autoridade do marido e do pai e isso tem reflexo direto na ação socializadora das camadas médias, onde o individualismo dos filhos prevalece sobre as aspirações de cunho coletivo. Neste trabalho com os jovens vendedores de abacaxi, percebo que parece haver um imbricamento entre os projetos coletivos e os de âmbito individual através de um fecundo diálogo intergeracional que possibilita a abertura de espaços de trabalho para jovens e a valorização da experiência destes neste espaço de trabalho, mesmo que continue havendo conflitos e tensões entre um projeto e outro. Este diálogo parece ocorrer com maior dinamismo no caso das famílias produtoras de abacaxi, famílias que tem melhores condições sócio-econômicas e os que dialogam estão fortalecidos em suas posições. No caso das famílias em condições mais precárias, muitas vezes os pais continuam não sendo modelo, pois não costuma deter o saber sobre a lida na terra, e o filho não é tão valorizado, pois algumas vezes expressa uma maior sedução pelas coisas da cidade alimentando o desejo de sair de casa.

Enfim, parece haver uma combinação e um re-arranjo nos papéis desempenhados por pais e filhos, onde os filhos saem em busca da experiência que irá sustentar o empreendimento e os pais lhes darão segurança para seus vôos, desde que eles saibam que não estão sozinhos para encarar os desafios que se colocam tanto na produção quanto na comercialização dos frutos. Elemento relevante para nosso estudo é o de que temos um processo de desarticulação e reorganização dos padrões ora vigentes para construção de

mecanismos de inserção, permanência e manutenção baseados em relações familiares e de vizinhança. A clareza de que a relação com a cidade permeia a estratégia de reprodução do grupo familiar como um todo e possibilita observar os jovens de origem rural como grupo marcado por condições específicas, no que chamo de nova condição de ruralidade.

Na formulação dos projetos a mobilidade expõe os jovens ao contato com sistemas de valores que pode ser absorvido ou negado, atuando no sentido de reforçar os laços identitários ou negá-los. A noção de projeto é valiosa para o entendimento acerca da relação entre o indivíduo e o mundo, e no caso aqui estudado colabora no sentido da busca de entendimento para o valor dado aos universos rural e urbano e sua possível articulação numa nova condição de ruralidade propiciada e vivenciada pela mobilidade. O projeto (a ser realizado articulando rural e urbano, com a aceitação dos diferenciais nestes e a leitura dos ganhos e perdas de cada situação) nos ajuda a entender a articulação entre as trajetórias individuais e as condições estruturais, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades. Os projetos individuais podem ser conflituosos com os familiares, na medida em que incluem referências culturais distintas, porém esse processo envolve uma negociação constante da realidade que por sua vez possibilita a manutenção da convivência familiar com universos culturais distintos.

Os conflitos entre interesses familiares e os projetos individuais resulta em negociações que tem como referencia um universo de valores que combina o ‘tradicional’ e os da modernidade, adquiridos na sociabilidade da cidade. Às vezes essa negociação pode resultar em perdas para o indivíduo – abandono de projetos pessoais - em função do que tem maior peso em determinado contexto. Os projetos individuais estão subordinados à dinâmica do campo de possibilidades. A realização desses projetos irá depender da interação com outros projetos. E o que parece ocorrer é que os projetos estão sendo gestados dentro de um projeto coletivo de manutenção dos jovens na atividade da comercialização do abacaxi.

A autora francesa Michèle Bertrand possui uma reflexão extremamente significativa sobre o imaginário

“A imaginação não é apenas uma construção da mente, é também o meio pelo qual os homens agem sobre eles mesmos: uma ação auto-plástica que adquire tanto mais importância quando a ação aloplástica (transformadora da realidade externa) se revela impossível. Com efeito, quando os homens não conseguem mudar o mundo... é toda uma configuração imaginária que se transforma e tenta se adequar às aspirações inconscientes”.(BERTRAND, 1989, pg. 29)

O que podemos perceber é que a vinda dos jovens de Marataizes ao Rio de Janeiro para comercializar possibilita um constructo coletivo que prioriza a vivência em Marataizes para a realização das aspirações familiares e afetivas e a vivência de trabalho no Rio de Janeiro como uma necessidade premente e uma possibilidade de ganho para com os que ficam no local de origem. O Rio de Janeiro é percebido como local em que se consegue o ganha pão para permanecer em Marataizes. A cidade é vivenciada como um *lôcus* de maximização dos ganhos de comercialização. Para maximizar esses ganhos os jovens aprendem condutas e sinais para ora aparecerem ora se camuflarem na paisagem urbana.

Muito do imaginário dos jovens está povoado de suas relações para com a fiscalização municipal. Estes buscam não os deixar vender os frutos pelas ruas. Há todo um imaginário acerca das relações com os fiscais: propinas, pressões, ‘amizades’, dentre outros. Essa relação parece minar a possibilidade, inclusive, de uma maior interação com os moradores da cidade, pois vive-se em constante tensão, na expectativa da chegada do ‘rappa’. Os próprios moradores de Marataizes, lá, costumam discorrer sobre caminhões que chegam vazios do Rio de Janeiro por terem sua carga apreendida pela fiscalização. Exponho um relato que expressa o sentimento da maioria dos moradores com os quais conversei,

“A fiscalização trata o pessoal daqui como bandido. O pessoal vai pra lá pra trabalhar honestamente e tem tudo roubado. Os ladrões são eles. Dá pra confiar mais em bandido do morro no Rio de Janeiro do que em Polícia. A fiscalização só quer tirar o que é conseguido com trabalho. Eles não ajudam em nada. Como é que alguém pode pegar e tirar tudo de quem tem tão pouco e está lá somente pra trabalhar? O perigo parece ser os que devem proteger.” (Márcia, 43 anos, mãe de um dos jovens que vem ao Rio de Janeiro vender frutos.)

Os problemas com a fiscalização são uma constante e, como já foi dito, têm minado o interesse por uma maior interação com a cidade. Apreensões de caminhões e de cargas acontecem e deixam a todos muito ansiosos no cotidiano da comercialização, pois deve-se tomar cuidado para que isso não ocorra.

No dia 13 de dezembro de 2005 saiu no jornal O Globo, da capital carioca, a notícia de que um caminhão havia sido apreendido em Copacabana. O texto era o seguinte:

“Um caminhão carregado com sete mil abacaxis foi apreendido ontem por fiscais da Coordenação de Licenciamento e Fiscalização (CLF) da prefeitura do Rio em Copacabana. As frutas seriam entregues a ambulantes que atuam no bairro. O caminhão, vindo de Marataizes (ES), foi levado para um depósito e os abacaxis doados para a Obra Social da Cidade.”

O título da matéria era “Abacaxis apreendidos”. Está notícia teve grande visibilidade e foi bastante comentada comigo. O caminhão apreendido era justamente o caminhão com o qual eu havia realizado uma viagem até Marataizes nos dias anteriores. Essa proximidade dos fatos gerou uma certa desconfiança. Minha percepção (e pode ter sido algo meu e não uma realidade vivenciada pelos rapazes) foi de ser questionado na minha condição de neutralidade. Algo como “será que não foi ele que nos denunciou?” surgiu na minha mente quando fui informado com a frase: “Poxa, e foi no caminhão do César, o caminhão que você viajou?”. Porém essa impressão foi logo dissipada, graças a boa relação que mantive e mantenho com os jovens pelas ruas.

Esses problemas com a fiscalização e o desejo de vender os frutos com rapidez, para ganhar mais e voltar logo pra casa, leva os rapazes das esquinas a obterem um conhecimento sobre os locais e horários em que podem estar e/ou frequentar. Esse é um conhecimento instrumental que é repassado para os que vêm para comercializar pelos que estão a mais tempo nessa lida. Nestes momentos, particularmente, é possível notar que sempre se vive a cidade enquanto grupo, com uns preocupados com os outros. Traçam-se estratégias que levam em conta o espaço e a circulação de pessoas, compradores ou fiscais. Permanecer circulando pelas ruas, ter esquinas em que é possível ficar para vender tendo a visão do fluxo de pessoas e de carros, podendo assim perceber quando o carro da fiscalização ou os fiscais a pé mesmo se aproximam para então se deslocar e fugir do raio de visão dos mesmos, são formas de agir dentro da cidade que não são aprendidas em Marataizes. Aprende-se a lidar com a fiscalização no cotidiano na cidade do Rio de Janeiro e aprende-se com os que conhecem as manhas e passam para os que chegam o modo de lidar com diversas situações como estas. Enfim, quando todos sabem como lidar com os fiscais os problemas do coletivo dos vendedores de abacaxi são diminutos e a pressão por parte dos que perdem com uma possível apreensão de carga é menor. Há assim, também, uma maior tranquilidade para pais e familiares que ficam em Marataizes. Espera-se sempre que o caminhão não seja o caminhão no qual um filho, parente próximo ou vizinho esteja. Ocorre também um processo de tranquilidade nesse viver coletivo. Ele parece minar uma possível abertura para que os indivíduos se metam em

confusão e vivenciem a cidade desrespeitando certos códigos morais valorizados por todos em, e de, Marataizes. Por exemplo, dedicar-se ao trabalho e não se envolver com bebidas ou mulheres, respeitando as que ficaram nas Lagoas serve não somente como uma forma de controle social dos que estão pelas ruas mas também para os que ficaram. Muito disto parece advir não somente do controle e da magnitude que a sociedade urbana apresenta a eles, mas também, da segurança esperada nas relações mais íntimas vividas nas localidades de origem.

“... aqui a gente tá sempre se cuidando. Tem muita gente e a gente não conhece ninguém. Pra ir no banheiro pede num bar. Pra jantar vai se numa pensão e pra dormir a gente se reúne no caminhão. O importante é vender a carga e voltar pra casa, deixando gente que vai querer que a gente volta e voltando pra quem a gente sabe que nos espera.” (Tiago, 22 anos, vendedor)

A cidade do Rio de Janeiro é transmitida para os que ficam em Marataizes como muito bonita, com muita gente, mas perigosa e muito grande. O que é um contraponto a Marataizes, que tem pouca gente, é tranqüila e pequena, e é bonita como o Rio de Janeiro. Inclusive, os jovens preferem as praias da sua cidade natal, tendo dado, comumente, pouca atenção para as praias do Rio de Janeiro.

Enfim, o Rio de Janeiro é visto como o lugar que possibilita o ganha pão para a vida no “interior”, onde procura-se continuar no seu ritmo para, sim, viver com futebol, idas a bares e a praia, reforçando a sua condição de lugar de recarregar as forças. Opta-se por viver em Marataizes, afinal, lá se encontra a tranqüilidade e a segurança, um porto seguro rodeado pela imensidão (desconhecida?).

CONCLUSÃO

Como podemos perceber, os jovens vendedores de frutos de Marataizes e a comunidade lidam todos os dias com a ausência e a presença mútuas. Nesse processo, fomentam uma aproximação dos espaços rural e urbano que tem possibilitado um ganho maior: a permanência deles em ambos os espaços, aceitando e buscando acessar o que estes têm de diferentes. Isso se reflete nas opções tomadas e na visão do seu lugar. No rural eles vêem o lugar de viver, o lugar de estabelecer e manter os laços afetivos e no urbano vêem o lugar do trabalho, o lugar onde se busca o sustento.

No decorrer do trabalho, pude notar que os laços afetivos, o sentimento de pertencimento à comunidade, os possíveis laços de parentesco, atrelados a uma condição precária das relações de trabalho tanto em Marataizes quanto pelas ruas do Rio de Janeiro (onde contratos formais e legais de trabalho não existem), parecem orientar a formação das equipes para o trabalho com a lavoura de abacaxi, a conformação de equipes para a comercialização e o desejo de permanência e retorno dos jovens no trabalho de comercialização e para junto de suas famílias (espaço afetivo). Parece ocorrer o acesso e o resgate de sua condição de origem rural, principalmente quando lembram sua condição de oriundos de famílias que trabalhavam na pesca e na roça, e estes sustentam sua opção pelo ir e vir constante para comercializar os frutos.

Nos deslocamentos há um resgate também da auto-estima e uma valorização de algo que eles prezam muito: as relações com a família e toda a comunidade, o trabalho realizado nas roças e a confiança, que quando alcançada dá a eles a possibilidade de vender os abacaxis pelas ruas e esquinas na esperança de retornar a Marataizes em condições melhores e para viver a sua comunidade numa condição melhor. O que ocorre é que a hipótese de que haveria por parte dos jovens um deslumbramento e atração pela “cidade grande” que resultariam em projetos “urbanos” para jovens do interior é refutada para o caso aqui estudado.

Enfim, ao invés de uma homogeneização que descaracterizaria as identidades sócio-culturais originárias dos indivíduos, a aproximação com o urbano parece realçar as especificidades do rural (sendo estas especificidades resgatadas e acessadas em muitos momentos), ocorrendo uma reestruturação das identidades e, em alguns casos, um fortalecimento da condição de “rapazes da roça” em relação estreita com o urbano, vivenciando o rural numa condição nova, que situamos como de ruralidade e quem sabe possibilitará realmente sua permanência nos espaços desejados.

Na cultura do abacaxi, tanto nas “roças” quanto nas ruas e esquinas das “cidades grandes”, é derramado o suor de familiares, de amigos e deles próprios. Na cultura do abacaxi reside mais que o seu sustento, está a sua representação e imagem de alguém que encontra seu lugar e como o fruto brota e cresce, vai e vem, conforme a atenção e o trabalho que se dedica a ele. Finalizo reafirmando que uma vida em família e em sociedade sólida e transparente, mirando o futuro sem relegar o passado ou permanecer no presente, o direito ao acesso a terra sendo justo, e facilitado para quem quer nela trabalhar, desembocando em meios e condições para produzir e comercializar adequados, sempre levando em conta uma nova condição de humanidade, parece reforçar o desejo dos rapazes de encontrar seu lugar e valorizar sua trajetória.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

- ABRAMO, H.W.. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, Página Aberta, 1994.
- ABRAMOVAY, Ricardo. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo – Rio de Janeiro - Campinas: HUCITEC, 1992.
- ABRAMOVAY, Ricardo et alli. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Brasília: UNESCO, 1998.
- ABREU FILHO, Ovídio de. "Parentesco e Identidade Social", *Anuário Antropológico* 80. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/TB, 1982, p. 95-118.
- ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BERGER, P., & LUCKMANN, T.A.. *A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento* (22a ed.). Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- BLUMENFELD, H. A metrópole moderna. In: *Cidades: a urbanização da humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- BOTT, E. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. Célibat et Condition Paysanne. *Études rurales*, n° 5-6, 1962.
- _____ (coord.). *A Miséria do Mundo. O espaço dos pontos de vista* 3° ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____ *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- _____ *A Reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- _____. *Choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.
- BRANDÃO, Carlos R. "Parentes e parceiros, relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás" In: Almeida, S. K. et al. *Colcha de Retalhos*, São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BRUMER, Anita & TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. Estudos agrários no Brasil: Modernização, violência e lutas sociais. In: *30 años de Sociologia Rural em América Latina*. Montevideo: ALASRU, 2000.
- BRUMER, Anita; ROSAS, Eduardo N. L.; WEISHEIMER, Nilson. (2000), *Juventude rural e divisão do trabalho*. In: CONGRESSO DA INTERNATIONAL RURAL SOCIOLOGY ASSOCIATION (IRSA), 10., Rio de Janeiro: 2000.
- CARNEIRO, Maria José. *Camponeses, Agricultores e Pluriatividade*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.
- _____ O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, F.C., SANTOS, R., COSTA, L.F.C.(orgs) *Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares*. Ed. Campus/Pronex, 1999.
- _____ Memória, Esquecimento e Etnicidade na Transmissão do Patrimônio Familiar. In: *Campo Aberto, o Rural no Estado do Rio de Janeiro*. CARNEIRO, M.J. et alli. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.
- _____ Juventude rural: projetos e valores. In: Retratos da juventude brasileira, Análises de uma pesquisa nacional. ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. M. (orgs). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

- _____. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- CASTEL, Robert. As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. As armadilhas da exclusão. In: BÓGUS, L.; YAZBEK, M. C. e BELFIORE-WANDERLEY, M. (orgs.). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo: EDUC, 1997.
- CHAMPAGNE, Patrick. *L'héritage refuse. La crise de la reproduction sociale de la paysannerie française 1950-2000*. Paris: Éditions du Seuil, 2002.
- CHAYANOV, A. V. *La organización de la unidad económica campesina*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1974. (Primeira edição, Moscou, 1925.)
- DUARTE, Nestor. *A ordem privada e a e a organização política nacional*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1966.
- DUHAN, Eunice Ribeiro. A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo. Ed. Perspectiva, SP, 2ª ed., 1978.
- DURSTON, John. Juventude Rural, Modernidade e Democracia: Desafio para os Noventa. In: *Juventude e Desenvolvimento Rural no Cone Sul Latinoamericano*. Série Documentos Temáticos. RS. Brasil. Junho 1994.
- DURSTON, John. *Juventud Rural en Brasil y México, Reduciendo la Invisibilidad*. Versión revisada, ampliada y actualizada de la ponencia presentada al XX Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología (LASA). São Paulo, 31 de agosto al 5 de septiembre de 1997.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador, 2 vols. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FAZITO, Dimitri. Reflexões sobre os sistemas de migração internacional: proposta para uma análise estrutural dos mecanismos intermediários. Tese (Doutorado em Demografia) Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Geras, Belo Horizonte. 2005. 204p.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, Ed., 1978.
- GIDDENS, A.. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- GUIGOU, Jacques. Problemas de uma Sociologia da Juventude Rural. In: *Sociologia da Juventude II, Para uma Sociologia Diferencial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- HAESBAERT, R. *Territórios alternativos*. São Paulo: Contexto, 2002.
- HALBWACHS, *Memória Coletiva. Memória coletiva e memória individual*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HEREDIA, Beatriz Maria A. de. *A Morada da Vida. Trabalho Familiar de Pequenos Produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- HEREDIA, Beatriz M. & GARCIA JR, Trabalho familiar e campesinato. In: *América Latina, Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais*. Ano 14 n1/2: Rio de Janeiro, 1971.
- IBGE, *Censo Demográfico*, 2002.
- _____. *Produção Agrícola Municipal*, 2002.
- JOLLIVET, Marcel. A vocação atual da sociologia rural. In: *Estudos, Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, 1998.
- Jornal "A Gazeta", Caderno de Economia, Vitória/ES, pg.10, 09 dez 2003.
- LAMARCHE, Hugues (coord.) *Agricultura familiar: 1. Uma realidade multiforme*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- _____. *Agricultura familiar: 2. Do mito à realidade*. Campinas: UNICAMP, 1998.
- LEVI, G. Schmitt, J-C. *História dos Jovens*. Vol.1. Introdução, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Interações sociais em alojamentos de trabalhadores temporários: o caso dos "corumbas" nas plantações de cana-de-açúcar do Estado de

Pernambuco. In: *XXII ENCONTRO ANUAL ANPOCS. GT14 - Processos e movimentos sociais no campo, Caxambu: Out/1998*.

MORAES SILVA, M. A.. "Destinos e trajetórias de camponeses migrantes", in Blass, L. S. (org.). *Temas*. Araraquara: F. C. L/UNESP, 1994. p. 65-100.

MOURA, Margarida Maria. *Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

_____. *Os deserdados da terra; a lógica costumeira e judicial dos processos de expulsão e invasão da terra camponesa no sertão de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

O GLOBO. *ABACAXIS APREENHIDOS*. Jornal: O Globo. Primeiro Caderno Editoria: Rio de Janeiro. 13/12/2005.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PARK, R. E. (1916) "A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano". In VELHO, O. G. (org.), *O fenômeno urbano*, Rio de Janeiro Zahar Editores, 2da. ed., 1973, p. 26-67.

POLACK, Michael. Memória e identidade Social, *Estudos Históricos*, N°10. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

_____. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, N°3. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: *Migrações Internas no Brasil*. Fortaleza: BNB/UFC, 1980.

ROMANELLI, Geraldo. Autoridade e poder na família. In: Carvalho, Maria do Carmo B. de . (org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. (73-88)

SANTOS, José Vicente J. T. dos. *Colonos do Vinho - Estudo sobre a Subordinação do Trabalho Camponês ao Capital*. São Paulo, Editora Hucitec, 1978.

SANTOS, Boaventura de S. Reinventar a democracia: entre o pré contratualismo e p pós contratualismo. In: HELLER, A. et al. *A crise dos paradigmas em ciências sociais e os desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto. Corecon-RJ, 1999.

_____. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

SARTI, Cynthia A . Família e individualidade: um problema moderno. In: Carvalho, Maria do Carmo B. de . (org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. (39-49)

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: EDUSP, 1998.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do migrante. *Travessia*, v.13, N. Esp., p.7-32, jan. 2000.

SEYFERTH, Giralda. Herança e Estrutura Familiar Camponesa. Rio de Janeiro: *Boletim do Museu Nacional*, n°52, 1985.

SCHUTZ, Alfred. *Fenomenologia e relações sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

SILVA, Wanda. *Jovens de um rural brasileiro: socialização, educação e assistência*. Cad. Cedes, Campinas, v. 22, n. 57, agosto/2002, p. 97-115.

SILVESTRO, Milton Luiz et alli. *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/MDA, 2001.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: Velho, Otávio G.. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, Georg. A Filosofia da Paisagem. In: *Revista Política e Trabalho*, João Pessoa, n. 12, Set. 1996, p. 15-24.

SOJA, Edward. *Geografias Pós-Modernas*, Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

- THOMPSON, Paul. A Transmissão Cultural entre gerações dentro das famílias: uma abordagem centrada em histórias de vida. In: *Ciências Sociais Hoje*, 1993. ANPOCS. Ed. Hucitec, 1993. pp.09-19.
- _____. *A Voz do Passado*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003.
- _____. *Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987.
- VELHO, Octávio Guilherme (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2da. ed., 1973.
- VITALE, Maria Amália F. Socialização e família: uma análise intergeracional. In: Carvalho, Maria do Carmo B. de . (org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC / Cortez, 2002. (89-96)
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. In: *Estudos Agricultura e Sociedade*, nº21, outubro. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2003.
- _____. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: TEDESCO, João Carlos (org). *Agricultura familiar: realidade e perspectivas*, Passo Fundo: UPF, 1998.
- WEISHEIMER, Nilson. *Estudos sobre os Jovens Rurais do Brasil: mapeando o debate acadêmico*. Nead/MDA, 2004. (mimeo)
- _____. *Jovens Agricultores: Gênero, trabalho e projetos profissionais*. In: XXIX Encontro Anual da ANPOCS, GT: Ruralidade na Sociedade Contemporânea: desafios e perspectivas, Outubro/2005.
- _____. *Os jovens agricultores e seus projetos profissionais: um estudo de caso no bairro de Escadinhas, Feliz/RS*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na História e na Literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- WIRTH, Louis (1949). O Urbanismo Como Modo de Vida, In: VELHO, O. G. (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2da. ed., 1973.
- WOORTMANN, Ellen. *Herdeiros, Parentes e Compadres. Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste*. São Paulo, Editora da UnB, 1995.
- _____. *Herança: dimensões do código consuetudinário de camponeses teuto-brasileiros*. Trabalho apresentado à XXI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Vitória, ES, 1998.
- _____. Parentesco e reprodução camponesa. In: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Cortez, 1985.
- WOORTMANN, Klaas. Com parente não se negueia. O campesinato como ordem moral. In: *Anuário Antropológico/87*. Brasília: Editora da UnB, 1990.